

REPORTER

Junho de 1979 - ano II - número 18 - Cr\$15

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

OFICIAL
ACUSA:

Exército provoca crise na PM

P. 3



MORTE DE DEDO-DURO COMEÇA GUERRA DE POLÍCIAS EM SP

P. 6

CEMAP - BIBLIOTECA
CLASS. _____

ELIS

REGINA

INVEJA

OPERÁRIO

P. 25

**Merda
não é
mais
palavrão**

P. 13

Tino, dedo-duro, massacrado em 1977

FGTS da casa própria ilude trabalhadores

Atenção trabalhadores: não caiam na esparrela armada pelo ministro do Interior, Mario Andreazza, que sem consultar ninguém, permitiu que o FGTS fosse utilizado no pagamento das prestações mensais da casa própria.

A princípio, a decisão do Ministro parece uma boa; afinal não se reclamava que o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço ficava muito tempo retido no Banco Nacional de Habitação, que o administra? Não se queria dar ao trabalhador meios de utilizá-lo mais facilmente pra satisfazer suas necessidades? Então, Andreazza estaria atendendo uma reclamação geral.

Nada disso. Prestem bem atenção: quem vai utilizar o FGTS para comprar a casa própria através do sistema financeiro da habitação são os assalariados que ganham menos — os que ganham bem não precisam disso — e são justamente esses que mais mudam de emprego, que têm menos estabilidade e que mais precisam do FGTS como uma espécie de pecúlio contra o desemprego. Se esses caras começarem a usar o Fundo numa aventura

da casa própria, como é que vão viver quando ficarem desempregados? E é comum as empresas mandarem embora com frequência os trabalhadores que ganham pouco, substituindo-os rapidamente pagando salários menores. E aí? Aí, nem FGTS nem casa própria: fome e desemprego.

A demagogia do ministro Andreazza fica ainda mais clara pela contradição dos seus programas: ao mesmo tempo em que anuncia que o FGTS vai ser usado para pagar prestações da casa própria — sobrando, portanto menos grana pra investir na construção de habitações propriamente dita — nosso ministro diz também que pretende construir 6 milhões de casas populares até o fim do governo Figueiredo. Pergunta-se: com que dinheiro, Andreazza? Ou sua intenção é apenas ganhar popularidade e, junto com seu amigo Delfim Netto — que também é amigo dos banqueiros e dos grandes produtores rurais —, lançar bases eleitorais para se candidatar a alguma coisa?

O trabalhador esperto não vai atrás da malandragem eleitoreira do ministro.



2º CLICHÊ

DEMITIDOS 155 JORNALISTAS EM S.PAULO

Até às 12 horas do dia cinco de junho 155 jornalistas de SP haviam sido demitidos após a greve que fizeram (veja pág. 18). O primeiro lugar em demissões coube ao grupo das *Folhas* (Folha de SP, Folha da Tarde, Agência Folhas, Notícias Populares e *Tevê Gazeta*): 46 jornalistas. Em segundo lugar o *Diário do Grande ABC* de Santo André: 25, o *Estadão* em terceiro, 20. *Diário Popular*, 16. A *Rede Globo* (TV e rádio) demitiu 15. *Televisão Bandeirantes*, 11. *Diários Associados*, 10. *Tribuna de Santos*, 7. *Folha Metropolitana de Guarulhos*, 3 e *Shopping News*, 2. Três diretores do Sindicato dos Jornalistas foram demitidos, todos do *O Estado de São Paulo*. Dois outros diretores receberam férias compulsórias da *Folha de São Paulo*. O repórter esportivo Juarez Soares foi suspenso da *TV Globo* por 25 dias e perdeu o programa que tinha na rádio *Globo*. O sindicato não emitiu, até o dia 5, nenhuma nota de protesto. Seu presidente, David de Moraes, acha que a onda de demissões vai continuar.



Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº 2868

REPORTER

REPORTER/EDITORES — Alex Solnik (São Paulo), Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — Rio de Janeiro: Tim Lopes, Marcos Dantas, Clarice Niskier, Vera Lúcia Dias, Iara Reis, Ênio de Paula Oliveira, Jota Paulo e Tereza Ribeiro. São Paulo: João de Barros, Rivaldo Chinem, Iracema Silva, Valmir Salaro, Lídia Maria Gurgel, Antônio Fava. Recife: Eduardo Homem.

FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves, Custódio Coimbra, Patrícia Hausberg, Américo Vermelho. São Paulo: João Bittar, Luz Bittar, Wagner Avancini, Amâncio Chiodi, Hélio Campos Mello, Eliane Pastore, Camila Butcher, Jesus Carlos.

CORRESPONDENCIA — Paulo D'Alcantara (Paris) e Cristina Duarte (Milão)

PROMOÇÃO, PUBLICIDADE, CIRCULAÇÃO — José Antônio Nonato Duque Estrada de Barros.

ILUSTRAÇÃO — Maurício Veneza, Guidacci, Jota, Angeli, Jaime Leão.

ARTE — Analuze Estrella, Maurício Veneza

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luís Celso Araujo e Luiz Eduardo Grenhalg

REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editorial e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11º andar, Rio de Janeiro. Telefone: 253-5038. São Paulo: Rua Santa Isabel, 33/grupo 804. Telefone: 222-3103.

Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro.

Composição e Impressão — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65. Rio de Janeiro. Telefone: 263-7002r

A Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro está em crise. Isso é evidente, a partir do momento em que vemos soldados e oficiais envolvidos em crimes, corrupção e coisas do gênero. As críticas surgem de todos os lados. O povo não tem a mínima segurança. Pelo contrário, tem medo da PM. A corporação aparece nos jornais como agressora, arbitrária, invadindo casas de trabalhadores, matando. Um descalabro total. Tudo isso como consequência de uma crise interna muito grande.

A crise aumentou com a prisão do tenente-

coronel Carlos Magno Nazareth Cerqueira, ex-subchefe do Estado Maior da PM, que, em artigo publicado no jornal O Globo de 22 de abril, com o título "D. Sandra, a PM e os outros", analisava a corporação.

REPORTER entrevistou um oficial do movimento de oposição da PM do Rio de Janeiro, que fez uma radiografia e acusa o Exército de ser o principal responsável pela crise.

Segundo o oficial, não identificado por questões de segurança, seu depoimento não é

um ato isolado, mas faz parte do esquema político dos oficiais e do movimento, que pretendem se manifestar contra as críticas e denunciar as causas da crise.

Sobre o relacionamento entre PM e Exército, disse o oficial:

— O relacionamento da PM com o Exército é o de um casal que pretende se separar, por incompatibilidade de gênios, mas não o faz por causa dos filhos. Somos inimigos íntimos e cordiais.

OFICIAL ACUSA:



Foto de Sérgio Sbragia

"Exército é responsável pela crise na PM"

Reportagem de Chico Júnior e Iara Reis

De acordo com o oficial, para a maioria dos oficiais que fazem parte do movimento de oposição dentro da Polícia Militar do Rio de Janeiro, a razão principal da crise é o controle da corporação pelo Exército, o que começou a acontecer a partir do dia 2 de julho de 1969, com a publicação do Decreto 667, que, segundo o oficial, foi elaborado para tirar o poder das Polícias Militares e só lhes dar deveres, além de ser uma manobra para fazer da PM uma testa de ferro do Exército no esquema repressivo instalado a partir do AI-5. Gradativamente, a PM passou a desempenhar um papel regional de repressão às manifestações populares.

Além disso, estando sob o controle do Exército, o governo elimina a possibilidade de a PM se rebelar, regionalmente, contra o sistema e passar a servir a um governador mais audacioso, como foi o caso da Brigada Militar de Porto Alegre, que deu apoio e alinhou ao lado de Leonel

Brizola em 1964. Como não se pode correr riscos, o Exército achou melhor tomar conta da situação. Afinal, só no Rio de Janeiro são 25 mil homens armados, treinados e conhecedores profundos da cidade.

Considerado o AI-5 da PM, o decreto 667 é apontado como o elemento cerceador das atividades da corporação.

— Através desse decreto, nós só temos deveres. Poder, nenhum — desabafa o oficial. Não tem o mínimo sentido entregar os comandos da PM a oficiais do Exército, que não entendem nada de policiamento. Eles passam dois anos no comando e saem sem entender absolutamente nada. Dois anos é muito pouco para se tomar conhecimento da estrutura da PM. Outro absurdo é o fato de um tenente da reserva do Exército poder entrar na PM, às vezes em postos de comando. Ora, o que é que um tenente da reserva do Exército entende da função policial? Ele entende muito é do "teatro de operações" e

de combater o "fantasma do comunismo". E param por aí.

— Esse decreto 667, outorgado à revelia dos chefes da PM, entre outras aberrações, contém o seguinte:

1. Criação do IGPM. (Inspetoria Geral de Polícia Militar), um microórgão do Estado Maior do Exército, 5º subchefia, com reduzido efetivo, chefiado por oficiais sem prestígio, com pretensões de comandar, coordenar e fiscalizar todas as PM do Brasil, que têm 200 mil homens.

2. Subordinação das PMs ao órgão que, nos Estados, Territórios e Distrito Federal for responsável pela ordem pública e pela segurança interna. No caso específico do Rio de Janeiro, a PM está subordinada à Secretaria de Estado de Segurança Pública. Conclusão: a PM carioca, corporação com 25 mil homens, está enquadrada no organograma da SSP, equiparada a nível de departamento. E cada departamento da SSP tem apenas

cinco mil homens. Então, a PM, com uma força mobilizante de 25 mil homens, não poderia ser um departamento da SSP, teria que ser uma força autônoma. Se fosse o caso de uma absorção, teria que ser exatamente o contrário, ou seja, a SSP teria que ser uma força integrante da PM.

3. Ingresso nos quadros de oficiais da PM de tenentes da reserva de 2ª classe das Forças Armadas.

4. Instrução específica, policial-militar, orientada, fiscalizada e controlada pelo Ministério do Exército.

5. Limitação de armamento e de veículos. A aquisição de carros, com blindagem leve, necessários para que a gente não ande tomando tiro por aí, deve ser julgada conveniente ou não pelo Exército.

Por que em Minas Gerais o comando da PM não é exercido por um oficial do Exército?

— Porque o pessoal de Minas é politizado, lutador e botou pé firme: "aqui o comando é nosso". Não

admitem ingerências. Os coronéis se organizaram e não permitiram a entrada do Exército. Em São Paulo, embora o comando seja do Exército, o pessoal também é bastante politizado. São Paulo e Minas são os dois únicos Estados onde toda reivindicação é aceita pelo governo. O que pedem, ganham sempre.

Como a corporação, como um todo, vê o relacionamento conturbado entre a PM e o Exército?

— Olha, o relacionamento da PM com o Exército é o de um casal que pretende se separar, por incompatibilidade de gênio, mas não o faz por causa dos filhos. Somos inimigos íntimos e cordiais. Aturamo-nos, simplesmente. O poder que o Exército exerce sobre a PM não é legítimo, não é consentido. O governo não quer operacionalidade, retenção do índice de criminalidade, etc. O que se quer é um órgão, no caso a PM, que possa servir de anteparo e válvula de escape para as críticas diretas ao sistema, ao governo.

Ninguém apanha sem reagir

Como repercutiu dentro da PM o artigo do Coronel Cerqueira publicado no Globo.

— A repercussão foi a melhor possível. Toda a oficialidade, principalmente majores, capitães e tenentes, recebeu muito bem a publicação do artigo do tenente-coronel Cerqueira. Foi a resposta que cada componente da corporação estava a exigir, tendo em vista os constantes ataques por parte de dona Sandra Cavalcanti e outros leigos e autoridades sobre a problemática da PM. Mas a corporação respondeu à altura, tendo como porta-voz o tenente-coronel Cerqueira, que agiu sem medo do que lhe pudesse acontecer por parte do sistema arbitrário que existe na PM.

Não se prende, sem mais nem menos, um subchefe do Estado Maior, sem conseqüências. O Comandante Geral, que deveria responder às acusações, não o fez, omitiu-se. Também pudera, pois é um oficial da Direção de Assessoramento Superior, que é um cargo de confiança e,

por isso, recebe uma comissão que está por volta de Cr\$ 50 mil. Não luta por nossos interesses, por nossos ideais. A nossa causa não é a sua causa. Ele chega, passa dois anos e regressa ao pai todo-poderoso. Não é um profissional de polícia, não tem conhecimento para comandar 25 mil homens. O nosso teatro de operações é a rua, a criminalidade, o tiroteio, a morte rondando em cada esquina. E o dele, existiu algum dia? Vive sempre de planejamento teórico, para passar o tempo. Enfim, o governo quer polícia operacional e atuante, mas coloca num dos sistemas policiais mais importantes oficiais do Exército, reformados, que procuram lugar para se encostar.

Na prática, o que fez a oficialidade logo depois da prisão do tenente-coronel Cerqueira?

— Na mesma noite, ficou decidido que seria realizada uma assembléia geral, no dia 25 de abril, praticamente provocada pelos majores, pois os coronéis estavam omissos e os tenentes-co-

ronéis indecisos. A crise estourou. A história nos mostra que ninguém apanha ou é reprimido sempre, sem reagir. Os oficiais não se importaram com as ameaças e a assembléia foi realizada.

Dessa assembléia, foi tirada a seguinte nota oficial: "Oficiais da PM, reunidos para examinar a conjuntura porque passa a corporação e, principalmente, a punição disciplinar arbitraria aplicada ao coronel Cerqueira, por unanimidade resolveram:

1. Repudiar a punição imposta ao tenente-coronel Cerqueira por ter, no dia 22 de abril de 1979, publicado matéria técnica policial-militar no jornal O Globo.

2. Hipotecar solidariedade ao seu subchefe do Estado Maior.

3. Manifestar total concordância com o conteúdo da matéria.

4. Que a atitude ora tomada poderá se desdobrar de acordo com a marcha dos acontecimentos, estando a oficialidade permanentemente coesa em defesa dos interesses da corporação".



Corrupção fácil atrai até bandido

A questão salarial, de acordo com o oficial, "é a que mais incomoda os integrantes da corporação".

— Antes de sermos expulsos do Código de Vencimento dos Militares, tínhamos certas regalias, tendo em vista sermos oriundos da Polícia Militar do Distrito Federal. Em 1971, a lei de remuneração das Forças Armadas nos excluiu e o Estado passou a arcar com o ônus do pagamento. Nem mesmo os que ingressaram antes de 1969, no caso os federais, tiveram seus direitos respaldados pelo artigo 153, parágrafo 3º da Constituição, que diz que a lei não prejudicará o ato jurídico perfeito, a coisa julgada, o direito adquirido. Hoje, chegamos a calamitosa e alarmante condição de pedintes, humilhados.

Segundo o oficial, os problemas que acontecem em virtude dos baixos salários são muito grandes, como a evasão de pessoal e a corrupção.

— Hoje em dia, com o salário baixo que um soldado da PM recebe, cerca de Cr\$ 3.200,00, só vai para a corporação o sujeito completamente desqualificado, de baixo nível intelectual, que não encontrou emprego em lugar nenhum. E procura a Polícia Militar com interesses

excusos, quase sempre. Como a procura foi diminuindo, nós tivemos que diminuir também o nível de exigência. Antes, para entrar para a PM, o sujeito precisava ter, pelo menos, o ginásio. Hoje, entra com o primário e o critério de seleção não é nada rigoroso. E cada vez aumenta mais o número de soldados e oficiais que querem sair da corporação. É gozado: quem está dentro, quer sair; quem está fora, não quer entrar.

— Como o estímulo à corrupção é muito grande, entra até bandido para a PM. Mas é isso que o Estado quer, não é? Então, deixa entrar bandido. Infelizmente, nós temos que admitir que a única coisa que mantém o soldado na Polícia Militar é a corrupção porque ninguém tem condições de arriscar a vida, enfrentar bandido, trabalhar 56 horas por semana (mais do que qualquer outro trabalhador) e ganhar pouco mais de Cr\$ 3 mil por mês. Como é que ele vai fazer tudo isso e ainda sustentar uma família com esse dinheiro. Só no ano passado foram expulsos uns 200 soldados, quase todos por corrupção. E quando o cara não parte para o esquema da corrupção, vai ter que trabalhar como motorista de



táxi, de ônibus. Não são poucos os guardas que, depois de um dia de serviço, trabalhando nas piores condições, vai correndo para a garagem do "português" pegar mais seis, oito horas no volante de um táxi. Como é que esse cara, que, além de tudo, mora longe e/ou em favela, vai poder brincar com os filhos, dar atenção à mulher, ter tranquilidade, manter uma atividade sexual?

— E por causa de tudo isso que já foi dito, o soldado não tem cabeça para assimilar nada do que lhe ensinam. A gente dá instrução e eles fazem exatamente o contrário. Seu nível intelectual é baixo, está cheio de problemas sócio-econômicos, problemas emocionais e psíquicos. Sabe, é grande o número de

soldados que são internados em clínicas de psiquiatria. O pouco de bom que ainda resta na corporação está se evadindo, com justa razão, pois os anseios do homem em busca de uma vida melhor é a própria essência da vida, razão de ser da sua vida.

Você acha que, dando melhores salários, vai acabar a corrupção?

— Isso é impossível de prever, a partir do momento em que o próprio sistema é corrupto. O sistema é safado e tá o Detran pra mostrar isso, com aquela corrupção descarada, safada.

Além dos baixos salários, o guarda da PM trabalha uma média de 56 horas por semana, "mais do que qualquer trabalhador, que trabalha de 45 a 48 horas por semana".

— Com um tipo de serviço mais tenso, mais perigoso e cansativo, a assistência que ele dá à sua família é nenhuma, o que gera conflitos familiares, na maioria dos casos com separação. Tudo isso porque, ao se querer conseguir operacionalidade sem aumento de efetivo, sacrifica-se o homem, que é o meio mais fácil. E esse homem, cansado, com problemas de toda ordem, poderá ter calma pra executar os seus serviços, para assimilar instrução? Não. A exploração do homem pelo homem, pelo que consta, já terminou na época da Revolução Industrial. Ou não?

ARMAS

SÃO

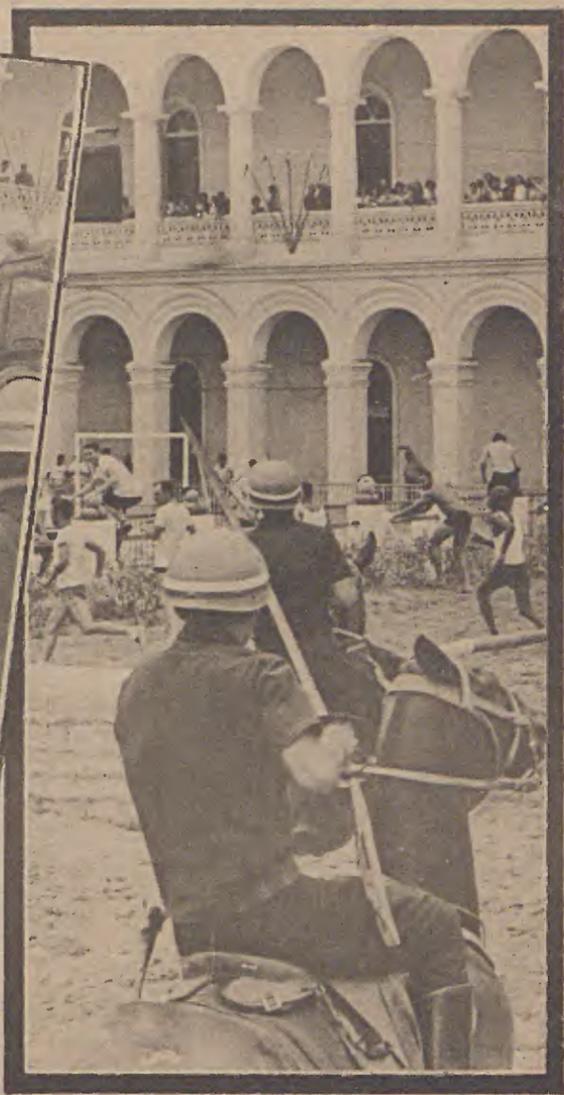
OBSOLETAS

Outra reclamação do oficial é em relação à pouca verba, que impede a compra de armamentos.

— A verba é insignificante. A PM dispõe de Cr\$ 800 mil para comprar armamentos, o que provoca um déficit de 5.169 revólveres Taurus 38. Em todo o Estado, temos apenas 13 mil revólveres, 167 carabinas e 1423 metralhadoras de mão, sendo a maioria absoluta, que são as Thompson e as Ina. O déficit de cartuchos é de mais de 500 mil (cada cartucho com 50 balas custa Cr\$ 750,00). Nos Estados Unidos, o policial dá 20 tiros por semana, enquanto na PM do Rio não há munição para um soldado dar 10 tiros ao ano.

Mas você não acha que o ideal seria não dar 20 tiros por semana. O ideal seria não dar tiros, não é?

— O ideal seria uma sociedade utópica, que a gente idealiza, que a gente quer, uma sociedade sem violência etcétera e tal. Mas no momento não é isso que acontece e o que se vê é o crescimento do quadro da violência aumentando diariamente.



A PM parece que não tem muita coisa pra fazer. As fotos mostram exercícios de treinamento, simulando choques com estudantes e ocupando mais de 100 soldados, que podiam estar fazendo coisa melhor. As tarefas de repressão política, sob comando do Exército, retiraram a corporação do seu trabalho policial e aumentaram a insegurança da população.

Corrupção não existe só na PM

Existem várias especulações e afirmações sobre a corrupção entre os oficiais da PM, principalmente no caso dos pontos de bicho, que soltam uma grana preta para os batalhões nas jurisdições onde funcionam. Como você vê isso?

E o problema é o seguinte: é possível que exista uma corrupção dentro da PM, mas eu pergunto: Não existe corrupção na Petrobrás? Não existe corrupção no Detran? Nos ministérios? Não existe uma corrupção deslavada e descarada no governo? A corrupção obedece a uma lei hierárquica, ou seja, se corrompe em alto nível do governo, então essa corrupção vai descer, desde o presidente ou ministérios até o guarda da PM, até o cara

do Detran ou qualquer simples funcionário.

Se você tivesse que comandar uma operação para reprimir uma manifestação de trabalhadores ou estudantil, como você se portaria?

— Por ordem superior, eu reprimiria com mais facilidade um movimento estudantil porque, no meu modo de ver, sinto que falta politização na massa estudantil, as pessoas gritando anarquicamente, sem uma palavra de ordem, de ideologia. Já um movimento da classe trabalhadora, é um movimento consciente, contém em seu bojo os justos anseios de uma classe oprimida pela elite dominante. O trabalhador é aviltado, explorado por empresários que se preocupam muito mais

com o lucro, do que com as condições de vida e de trabalho. O empresário não quer deixar de ganhar um pouco menos. Ele quer cada vez mais ganhar lucros maiores, enquanto o trabalhador sai prejudicado. Por isso, eu acho que os movimentos reivindicatórios dos trabalhadores não devem ser reprimidos. O movimento do trabalhador com ordem, não deve ser reprimido.

Polícia é povo?

— E.

Se polícia é povo, porque a polícia, agindo como aparelho repressor do Estado, reprime o povo?

— A Polícia é feita para combater a criminalidade, prender em flagrante o indivíduo, e obedecer o mandado judicial. Mas em função de uma distorção do sistema, ela acaba trabalhando mal e, de uma forma ou de outra, acaba prejudicando o povo.

PM AJUDOU NO GOLPE E AGORA TOMA FERRO

“A participação da Polícia Militar no movimento revolucionário foi total. Apoiou incondicionalmente a revolução em cada Estado da federação, principalmente no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. No Rio de Janeiro

(quem não se lembra de Carlos Lacerda) foi verdadeiro baluarte, apoiando o governador que Brizola queria derrubar. Aliás, a participação da PM em movimentos ou guerras não é novidade, pois na guerra do Paraguai, ela participou com o 31.º Batalhão de Voluntários da Pátria, e o 12.º Batalhão Treme-Terra, ambos com passagens heróicas, (Havai, Angusturas, Lomas Valentinas, Tuluá). Portanto, é inexplicável o tratamento que, hoje, o Exército dispensa à corporação, como se estivesse contra a

revolução. O fantasma da subversão, ou o medo de surgimento de uma força, que eventualmente pudesse lhe fazer frente, fez com que o Exército, se pusesse febrilmente a legislar em causa própria, através do presidente da República, com intuito de cercear a liberdade, o crescimento e a operacionalidade das PM, principalmente as mais fortes e politizadas, como no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, pois a condição de força militar incomodava o Exército.”

APARIÇÕES NORMAIS DA PM NA IMPRENSA

• No dia 20 de outubro de 1977, Aldeci Teixeira do Nascimento foi vítima de um assalto, praticado por três soldados da PM. No dia 1 de novembro, chamado a reconhecer os assaltantes no 20.º BPM, Aldeci foi interceptado pelos soldados, sendo ameaçado para não fazer o reconhecimento. No dia 20 de janeiro, aniversário de Aldeci, ele saiu de casa para comprar refrigerantes e não voltou. No dia seguinte, deu entrada no pronto socorro e morreu. Na autópsia, os legistas constataram sinais de espancamento. (O Dia, 21/1/78)

• Djalma Barros da Silva brincava de jogar água nos vizinhos, junto com outros amigos da rua onde mora, quando foi interpelado pelo PM Antônio Romeiro, do 15.º BPM. O rapaz discutiu com o soldado e acabou sendo assassinado por este. (O Dia, 29/1/78)

• O motorista de ônibus Roberto Fernandes da Costa arranjou uma briga num bar em Tomazinho, São João de Meriti. Depois de apanhar dos leões-de-chácara do bar, Roberto foi retirado do local por uma patrulhina do 21.º BPM, sendo encontrado morto na Via Dutra, atropelado por vários carros. (O Dia, 14/3/78)

• Vão a julgamento, por contrabando, três oficiais da PM, envolvidos num processo, onde são acusados mais 10 militares do Exército e cinco policiais civis. Os policiais-

militares são o major Álvaro Cardoso Machado e os capitães Milton Felipe de Almeida e Wilson Crespo de Oliveira. (Jornal do Brasil, 9/5/79)

• Uma mulher espancada e torturada com fósforo; outra com a casa saqueada, de onde levaram Cr\$ 4 mil e 500 cruzeiros, além de um cordão de prata; um rapaz de 18 anos agredido a socos e pontapés, o repórter Carlos Militão dos Santos, de O Fluminense, espancado por um sargento. Este foi o saldo de queixas, registrado na 6.ª DP, da Operação Marimbondo 11, realizada pela Polícia Militar. (Jornal do Brasil)

• O estudante Gilvan Pate de Souza, de 17 anos, acusado de ter roubado o toca-fitas do carro do comandante do 5.º BPM, foi torturado e morto nas dependências do quartel. A princípio, os policiais militares disseram que Gilvan foi baleado na porta do batalhão, pelo ocupante de um carro que passou em alta velocidade. Mas o companheiro de Gilvan, Iran da Costa, que conseguiu escapar de ser assassinado, abriu o jogo. Ele e Gilvan foram seqüestrados por soldados e oficiais do 5.º BPM, por ordem do comandante, Coronel Otávio Fraga Medina. Gilvan foi torturado e morto. Iran foi levado para Xerém, onde os capitães Carlos Abel da Costa e Airton Prates de Paula, tentaram matá-lo. Iran, porém, conseguiu escapar. Dias depois, o coronel Medina confirmava ter ordenado o seqüestro, enquanto o soldado Milton Gomes da Silva, o Gato, acusado de ter dado os três tiros de misericórdia em Gilvan, prestava depoimentos. (Jornal do Brasil, maio de 79)



Reprodução de Amancio Chiodi

Depois dessa morte, federais e estaduais vivem brigando

1 Assim acabou Tino, assassinado com 29 facadas em sua própria cama, às 4 da manhã de 10 de fevereiro de 1977. Nome verdadeiro: Eurico Dias Pinheiro, último "emorego": alcagueta da Polícia Federal de SP. Passava informações ao delegado Ernani Vieira de Souza, chefe do setor de Entorpecentes. Começou em setembro de 1974 e logo passou um bom serviço: descobriu ligações de um empresário noturno com tráfico de cocaína. Hercílio Paiva, dono, na época, das boates La Licorne, Subway e Scarabochio foi indiciado pelo delegado Ernani, mas não foi condenado.

1975: por volta de março, abril, Ernani fica sabendo que Tino assalta contrabandistas, e o faz em nome do delegado (é o que disse Ernani ao REPÓRTER). O delegado chama Tino, conversam, o alcagueta se revolta com as acusações, nega tudo, mas Ernani não tem dúvidas e dispensa seus

serviços. E também proíbe Tino de frequentar a sede da Polícia Federal.

"Ele era homem de alto coturno, alta posição" diz Ernani de Tino — era ponta-de-lança de grandes personalidades, tinha apoio de alto nível da alta cúpula, ligações com Brasília, com SNI. Era muito forte e tinha muita gente na mão. Tanto que de bandido virou herói: ele passou a me acusar e eu fui demitido, pelo AI-5, em 1977. Tenho impressão que ele chegou a trabalhar na repressão política, com Fleury. Se dizia, até, amigo de Fleury. Começou como cafetão. Sua mulher, Maria Del Carmen, freqüentava a boate La Licorne, local freqüentado por altas personalidades. Quando o mataram, fui ameaçado: vi gente suspeita rondando minha casa. Então, só pra me acautelar, saí de São Paulo e voltei pro Rio, de onde tinha vindo em 1974."

Maria Lúcia Palladino ou Lucinha Bang-Bang, agente federal, é uma das acusadas pela morte de Tino. Ela

falou dele ao REPÓRTER: "Tive mais contato social com ele que profissional. Ele jantou em casa com a esposa, passei um reveillon na casa dele, festa de aniversário dos filhos... Ele era muito envolvente, sabia manejar e usar as pessoas muito bem. Era sempre amigo do rei. Um dedo-duro refinado. Conseguia entrar em determinados meios não vou dizer refinados em matéria de moral, caráter, dignidade, nada disso... Ele se apresentava muito bem; era analfabeto, mas dizia que era advogado, médico, engenheiro. E ele sabia de coisas incríveis. Uma vez, eu estava na Argentina, e o telefone de casa mudou de número. Quando eu voltei, ele já sabia meu novo número que não estava na lista telefônica e em nenhum lugar. O grande sonho dele era ser policial, ele queria entrar na polícia de qualquer jeito. Mas não dava pra ele trabalhar na Federal, ele não tinha nível pra isso." (Mais revelações de Lucinha Bang-Bang na P. 9.)

Federais condenados por Fleury se defendem e condenam Fleury

POLÍCIA CONTRA POLÍCIA

Reportagem de Alex Solnik e Rivaldo Chinem

O caso Tino é um rebu que ninguém sabe aonde vai parar. Desde a morte do alcagueta, em 1977, as polícias Federal e Estadual não se entendem mais. Fleury acusou federais pela morte de Tino, e um ano depois saiu de seu posto, embora promovido. Dois anos depois, morreu. Os federais acusados continuaram se dizendo inocentes e acusam Fleury. Em maio, quando compareceram ao fórum para audiência de testemunhas de defesa, eles falaram ao REPÓRTER. A briga entre federais e estaduais continuou em fevereiro deste ano com um violento tiroteio na boca do luxo (veja nas P. 7 e 8)



Morte de Fleury foi um acidente de 1º de maio

2 Este é Sérgio Fernando Paranhos Fleury. Era agente de segurança de Roberto Carlos por volta de 1964 e apenas 15 anos depois tornou-se o policial número 1 do Brasil. Era delegado do Dops em 1977 e investigou o caso Tino. Suas conclusões estão no relatório que terminou em julho do mesmo ano: a vítima Eurico Dias Pinheiro foi morta porque "sabia demais" e usava deste conhecimento para prejudicar, agredir e vingar-se daqueles que considerava seus desafetos. Seu assassinato é típico pela sua forma, motivado por ilimitada vingança e ódio, tal a sua violência e brutalidade; quem mais tinha motivo iminente e inadiável para objetivar tal sanha de sangue, eram sem sombra de dúvida os indiciados Antonio Piza, sua amante Maria Lúcia Paladino, Florêncio Bittencourt da Silva Neto e José Edmilson de Oliveira, porque a vítima era testemunha de seus crimes e de sua corrupção. A mesma motivação tinha o indiciado José Luís da Silva, porque não podia exercer livremente seu comércio clandestino e criminoso, eis que a vítima com sua atuação lhe acarretava reiteradas vezes vultosos prejuízos financeiros através de uma sistemática perseguição, além de

intranquilizá-lo com a possibilidade de perda de sua liberdade.

Um ano depois desse relatório, Fleury foi removido do Dops, mas com promoção: passou a chefiar o Deic-Departamento Estadual de Investigações Criminais. Dois anos depois, 1º de maio de 1979, ele morreu, em condições misteriosas: de madrugada, ao cair de seu iate, ancorado em Ilha Bela (local de desova de contrabando) e acompanhado da mulher — o que raramente acontecia.

Maria Lúcia Paladino disse ao REPÓRTER sobre sua morte:

— Tomei um grande uísque quando ele morreu. E quando eu fui pro Céu vou perguntar muitas coisas pra ele: quem matou Tino? Como foi? Quando estive presa no Dops vi cenas que me chocaram. Vi eles pendurarem os próprios colegas...

O ex-delegado federal Ernani Vieira de Souza achou estranha a morte de Fleury:

— Nem autópsia foi feita. Uma grande falha. Não fizeram exame toxicológico das vísceras... e se ele foi envenenado? A morte poderia ter acontecido através de um cigarro... uma injeção... a autoridade deveria ter apurado... o homem era um arquivo ambulante.

Foto de Eliana Assumpção/Central

Pisa diz que não matou Tino. Sérgio diz que ele matou sim

3 Antonio Risa, ex-agente federal (foto) não gosta de Fleury. Trabalharam junto, primeiro na Delegacia de Roubos; depois, em 1969, 70 Fleury, já no Dops, chamava Pisa, que estava no Crimes Contra o Patrimônio, para colaborar:

— Quando tinha aqueles pega quente, bomba pra lá, assalto pra cá, quem ia era o Patrimônio, não era o Dops, não— desabafa Pisa —. Fui lá várias vezes, não foi uma só. Geralmente, o encarregado dessas equipes era Fleury. Ele era idolatrado pela polícia, até eu achava ele um excelente policial. Mas, depois, agora, tô sabendo que ele foi um herói fabricado. Essa é a verdade.

Pisa fala ao REPÓRTER no escritório de seu advogado. Fuma muito. É daqueles que dá com a língua nos dentes, por isso, toda vez que se entusiasma o advogado manda sossegar.

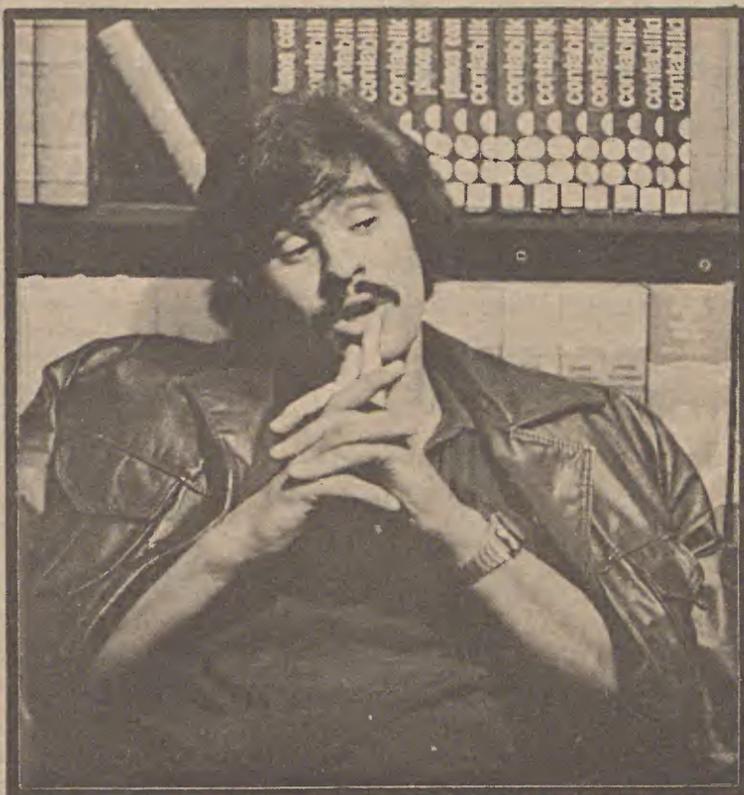
Fabricado como?

— Sei lá... tem muitos casos que eu participei que não foi resolvido por ele e ele ficou com as glórias. Respeito a ele deve ser dado, mas não gosto dele. Depois que fiquei sabendo muitas coisas.

Em 15 de fevereiro de 1977, Pisa foi preso por ordem de Fleury. Foi buscado em casa, com mais quatro homens armados, o delegado da estadual Pachequinho que Pisa descreve como "asqueroso". A primeira pergunta do interrogatório de Fleury foi: o Dr. Ernani (então chefe de Pisa) é honesto? "Ele é tão honesto quanto o senhor", respondeu Pisa.

Depois Pisa ficou sabendo que estava preso por causa da morte de Tino.

— Conheci o Tino foi uns dois meses só — diz ele —. Só depois que fui preso



Pisa: "Conheci muito pouco Tino"

fiquei sabendo mil coisas dele. Que era informante da polícia há 11 anos. Da Estadual. Da Federal, não sabia que era. Tanto é que na Federal, o pessoal achava que ele era policial do Estado. Depois eu proibi inclusive que ele fosse na Polícia Federal.

Por que?

— Ele fazia extorsão em contrabandistas. Quando fiquei sabendo disso, nos 15, 20 dias que conheci o Tino, expulsei ele lá de dentro. Por determinação do Dr. Ernani.

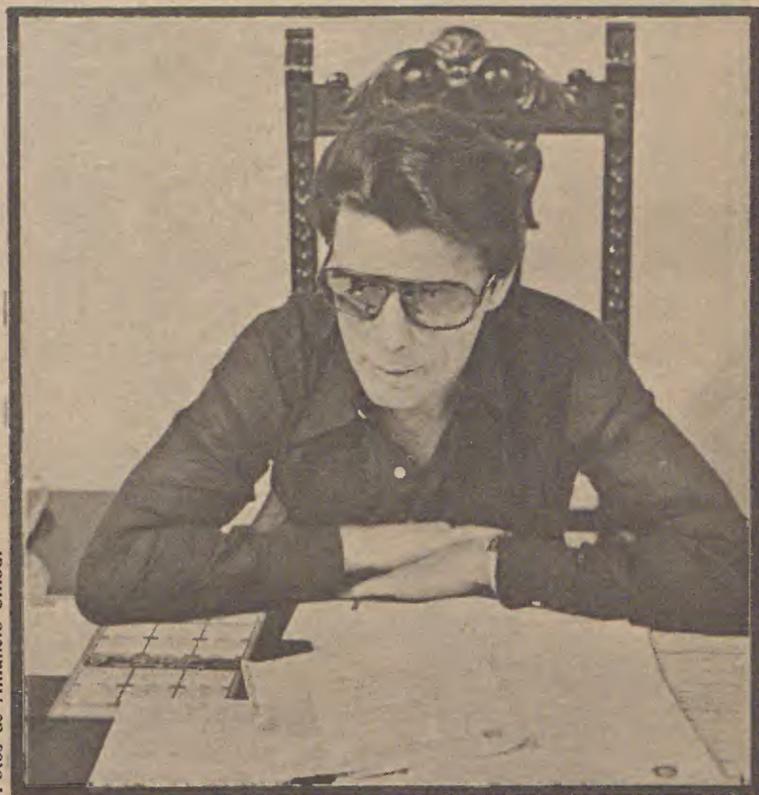
Janeiro de 77: Pisa está na Federal SP. no entorpecentes, e, na volta de uma viagem, é informado de sua transferência para o Maranhão. Não aceita. "Até aquele instante fui um policial com bons serviços, elogios, até presidente de sindicância fui — para o que precisa aval de Brasília." Quem o informa é o delegado Paulo Gomes, presiden-

te da sindicância enviada por Brasília a fim de apurar denúncias de corrupção na Federal de SP. (veja box).

— A Polícia Federal é fraca — diz Pisa —. No território nacional. Fraca em elemento humano. Vi lá dentro muitas deficiências materiais. Mesmo assim prefiro a Federal do que a Estadual, senão não teria saído de lá. A Federal é outro nível.

— O que tem por trás de Tino? Sei lá. O Dops é que podia resolver. Não resolveu. Até o secretário da Segurança Pública, Erasmo Dias, ofereceu não sei se foi 100 ou 200 mil por qualquer informação sobre o Tino. Até um repórter perguntou se ele tinha alguma suspeita. Ele disse que não ia ensinar o pulo do gato pra eles, entende? Então, acho que ele sabia de alguma coisa. Ele sabia do pulo do gato. Até agora não vi esse gato.

Fotos de Amancio Chiodi



Sérgio: "Investigações começaram com Nelsinho da 45"

4 Sérgio Castro Pontes (polícia estadual. Investigou, com Fleury, o caso Tino:

— Fiz investigações com meu amigo, Dr. Fleury, investigações essas que resultaram na exoneração de seis investigadores da Polícia Federal. Eles usaram de violência e acabaram sendo exonerados, com base no inquérito feito por mim e remetido à Justiça. Mas isso tudo pra mim morreu juntamente com a morte de Fleury.

Qual a relação entre a morte de Tino e a de Fleury?

— Nenhuma. A morte do Fleury foi natural. Até mesmo nisso o Fleury driblou todos eles, não deu satisfação a muito vagabundo. Sua morte foi acidental.

O senhor e o delegado Fleury eram muito amigos?

— Mais do que amigos. Fui um de seus melhores amigos. Sempre trabalhamos juntos. Aliás, Fleury foi meu investigador, em 1956. Eu era encarregado da Rone — Ronda Noturna Especializada e levei o Fleury pra lá. Fui pro interior, e na volta encontrei Fleury formado em Direito e delegado de polícia.

— Entra na sala um rapaz magro, de bigode, cabelos claros soltos. Sérgio Castro Pontes apresenta: "Esse é o Fleurizinho, filho do Dr. Fleury". Paulo Cesar Fleury, que trabalha na equipe do delegado Castro Pontes na Delegacia de Crimes Contra o Patrimônio. O rapaz estende a mão, cumprimenta ligeiramente com a cabeça e se retira da sala.

Como foi feita a inves-

tigação sobre a morte de Tino?

— Nelsinho da 45 foi um traficante de drogas, assassinado por policiais federais num hotel da rua Augusta. Através dessa investigação foi que cheguei aos implicados no caso Tino. Eu tinha um xerox do inquérito do Nelsinho da 45 que foi roubado pelos federais. Conheço os federais de longa data. Depois que eles souberam quem eu era, a barbaridade chegou a ser homérica. Invadiram minha casa, vasculharam tudo, levaram vários documentos.

17 de fevereiro deste ano: o delegado Sérgio Castro Pontes trocou tiros com três policiais federais, na porta da boate 2000, boca do luxo de SP. Foi ferido na perna e conseguiu acertar quatro tiros no federal Wagner Andózia. Motivo do tiroteio, segundo ele: os federais estavam dando uma prensa em seu amigo, o jornalista Cabral Jr. O delegado conta:

— Vi o Cabral sendo prensado por três indivíduos num Volks branco. Eu disse que era polícia, e eles me disseram que "polícia é o caralho". Passei por eles e recebi um empurrão. Olhei pros lados: havia dois revólveres apontados pra mim. Saquei minha arma e comecei o tiroteio. Pulei a calçada inteira, tomei um tiro na perna e nem me toquei. Fiquei atrás do poste de um semáforo e atirava. Um japonês tirou o revólver da sacola e descarregou em mim. Só que tinha dois agentes próximos que de repente pararam. Eu vi que tinha baleado um deles.

CHEQUE AFASTOU DELEGADO

Trinta e seis policiais foram demitidos, pelo AI-5, em maio de 1977, condenados pela Comissão Sumária enviada por Brasília para apurar denúncias de corrupção na Polícia Federal de SP. Um dos informantes da Comissão foi o alcagueta Tino. O delegado Ernani Vieira de Souza, demitido nessa leva tem uma vaga idéia do porque de sua demissão pois descobriu que Tino havia comprado um carro para ele com um cheque de Hercílio Paiva, que Ernani tinha indiciado em inquérito por tráfico de cocaína e que foi denunciado à Polícia Federal pelo

próprio Tino. Ernani conta:

— Tino tinha uma loja de automóveis, o "Formigão". Pedi que ele visse um carro pra mim. No começo de 1975, ele disse que tinha encontrado um carro, numa outra loja. Dei o dinheiro a ele, que ficou de fazer a transação. Ele pegou e trocou esse dinheiro por um cheque de Hercílio Paiva e com este cheque pagou meu carro, assinando, inclusive, em meu nome o documento de compra, falsificando minha assinatura. Dessa maneira, ele me comprometeu com uma pessoa que eu tinha processado, uma figura altamente suspeita.

Ernani espera ser anistiado em breve e voltar à Polícia Federal. E promete, então, investigar pra valer e elucidar de vez o caso Tino:

— Os matadores ninguém sabe quem são; os mandantes, talvez. Não ponho a mão no fogo por ninguém. Mas não foi gente de contrabando que fez isso, foi de tóxicos. A esquadrilha da fumaça. Um tipo de morte de gente dopada. Em sã consciência, ninguém dá 30 facadas. É cocaína, maconha, coisas afins. Quem fez isso era gente prejudicada ou bem ligada a Tino. Ele era viciado em cocaína, eu soube.



Wagner: "Fui atacado pelas costas"

5 Wagner Andózia levou quatro tiros de Sérgio Castro Pontes. Está com faixas pelo corpo, embora numa foto pareça que não há nada de anormal com ele. Por baixo da roupa estão as marcas da bala que entrou pelas costas, na altura da cintura; da outra que pegou na perna esquerda; da terceira que atingiu o saco escrotal, só não tornando Wagner impotente porque passou entre as duas bolas, bem no meio, sem destruir nenhuma e da quarta que inutilizou sua mão direita (não sabe até quando):

— Eu era um dos melhores atiradores da Federal — Wagner disse ao REPÓRTER — e agora sou obrigado a treinar a mão esquerda. Fui treinar no sítio de um amigo, estou indo mal: minha esquerda é péssima.

Ele conta o tiroteio com o delegado Sérgio Castro Pontes:

— Eu trabalho no Serviço de Censura da Polícia Federal e pertence ao setor de investigação, recebo o roteiro durante o dia e começo a fiscalizar à noite. Na noite de 16 de fevereiro recebi uma determinação normal, juntamente com meus colegas Roberto, Walter e Álvaro, o chefe. Chegamos já de madrugada na boate 2000 (boca do luxo de SP) e pedimos uma documentação, que os donos não tinham, por sinal. O garçom pediu que voltássemos mais tarde, porque a documentação estava em

mãos de Cabral Jr., um dos donos da boate, como ele se apresentou para nós em janeiro. Fomos embora e voltamos às 4 da manhã.

— Aí, voltamos para a 2000 e encontramos o Cabral Jr. acompanhado de outras pessoas. A boate é uma discoteca com 6 mil Watts de potência, não há condições de se conversar. Daí falei pra ele: vamos conversar lá fora. Lá fora eu disse pra ele falar com o Álvaro, nosso chefe, que estava no carro do outro lado da rua, um Opala oficial. Cabral Jr. se recusou a atravessar a rua. Chega um tal de Rafik, empresário de Ângela Maria, que não sei de onde saiu. Veio com a mãozona dizendo: "Aqui não vai prender ninguém porra nenhuma". Segurei o Rafik mas tomei uma coronhada na cabeça do Sérgio Castro Pontes. Aí ele passou a atirar em mim, pelas costas. Saquei a arma, e soube depois que dei um tiro, mas não me lembro.

Por que Sérgio Castro Pontes atirou em você?

— Não sei. Só sei que fui do setor de entorpecentes da Polícia Federal durante dois anos e seguramente sou um dos homens que mais entendem de tóxicos na repartição. É só isso que posso dizer.

Então você conheceu os agentes da Entorpecentes acusados no caso Tino?

— Eu conhecia o Pisa e o Florêncio, mas não tinha outras relações com eles, se não o trabalho. Nunca fui nem sou amigo deles.

JUIZ DEFENDE INTIMIDADE DA NOIVA

Forum de SP, 22 de maio de 1979: dia de mais uma audiência do julgamento do caso Tino. Todos os acusados aparecem, menos um, José Luís da Silva, apontado no relatório de Fleury como contrabandista. Mas, segundo o ex-federal Antônio Pisa, Zé Luís era informante da polícia estadual há 11 anos. Pisa contou ao REPÓRTER (como já havia feito em juízo) que encontrou-se com Zé Luís quinze dias antes da morte de Tino porque ele poderia dar uma informação sobre um caminhão de maconha que ia chegar em SP.

— Eu conhecia ele como informante e eu precisava dessa informação. Nem

tocamos no Tino. Aliás, ele tocou. Perguntou alguma coisa de passagem.

Maria Del Carmen Monterde chegou no meio da audiência. Alta e loira, muito maquiada, negou-se a falar ao REPÓRTER:

— Já estou cansada de falar nisso.

Os depoimentos mais interessantes foram os das testemunhas Otelo Teles de Oliveira, ex-agente federal, cassado por corrupção em 1977 e Marcia Lopes Gonçalves. Ele contou que encontrou Pisa, Florêncio, José Edmilson e Maria Lúcia Paladino na véspera do crime, às 10 da noite, no apartamento de Maria Lúcia e Pisa, na Alameda Santos

(veja na p. 9). Lembrou até que Pisa estava de cama, doente.

Marcia Lopes Gonçalves, noiva de Florêncio, estava muito nervosa. Quase não conseguia falar. Não parava de brincar com uma fita do vestido. Ela contou que na véspera do crime passou o dia com Florêncio, numa viagem a Santos. Voltaram às 9 da noite e ele ficou em sua casa até meia-noite. O promotor perguntou se o casal sempre ia para Santos, mas o juiz não deixou a testemunha responder: indeferiu, alegando que a pergunta feria a intimidade da testemunha.

Nova audiência foi marcada para agosto.

6 Florêncio Bittencourt da Silva (foto), agente federal, sempre trabalhou com Entorpecentes. Acha que a acusação de que ele matou Tino não passa de uma trama na qual ele é um dos bodes expiatórios. Garante que sempre fez bons serviços na Polícia Federal. Tem 26 anos e fala ao REPÓRTER ao lado da mãe e da noiva, no bar em frente ao fórum.

— Entre Polícia Federal e Estadual alguma richazinha sempre teve, nada de grave... Com a PM já tinha mais... a PM é tapada.

Toma café. Está com pressa pois precisa comprar algumas coisas para o casamento, nos próximos dias. Conta, rapidamente, como foi preso, em 31 de maio de 1977, em Porto Alegre, na casa da mãe:

— Me acordaram brutalmente, me algemaram. Levaram pro Dops gaúcho onde passei um dia encauzado. O mandante da prisão foi o delegado Pedro Seelig, esse do caso dos uruguaios sequestrados. Ele fazia troca de serviço e favores com Fleury, mais ele fazendo pro Fleury que Fleury pra ele.

A mãe, Neide Maria Bittencourt conta:

— Foi horrível. Tenho seis filhos, nunca aconteceu uma coisa dessas. Ainda o pai é militar, e é daqueles Caxias...

Florêncio foi trazido para o Dops de SP onde, contou, "o tratamento foi péssimo. Muita coação física, psicológica".

Você conhecia Fleury?

— Encontrava esporadicamente, na noite de São Paulo, uma vez ou outra.

Vocês foram pendurados no Dops?

— Ameaças houveram



Florêncio: "Me acordaram brutalmente, me algemaram"

bastante. Mas fomos humilhados. Uma palavra aspera uma ameaça, para nós, policiais, queria dizer mais que um tapa.

— Esse caso devia ser apurado pelo Dops da Polícia Federal — diz Florêncio — pois qualquer funcionário federal envolvido em crime deve ser apurado pela Polícia Federal. Foi precipitação da Polícia Federal que não apurou o caso: deixou a Polícia do Estado apurar e cassou todo mundo, sem ouvir direitinho, sem tomar depoimento, conclusões certas; deixaram os outros fazer; punir, eles puniram.

Havia algum interesse do Dops no caso Tino?

— Tava no interesse deles apurar, quem fica mais perto da coisa, encobre mais fácil.

Se você fosse apurar o caso Tino, por onde começaria?

— Começaria com algumas ligações com contrabandistas de containers - caixa de ferro grandíssima

que desembarca em Santos e contém marcadorias importadas e elas devem, por legislação internacional, ir direto pro Paraguai. Acontece que raramente vão. São desviadas. Desviadas através de acordos prévios — isso aí não acontece por acaso. Tem que ter conviência, porque um container é maior que dois elefantes. Pode ter conviência da Polícia do Estado, Receita Federal, Maritima.

Você então começaria investigando nas Docas de Santos?

— Não, no trajeto todo até o Paraguai.

Ilha Bela, por exemplo?

— Pode ser.

Falando nisso, você não achou misteriosa a morte de Fleury?

— Bastante. Mas preciso esperar mais uns dias pra tirar conclusão. Nisso, chega no bar Maria Lúcia Paladino. Está feliz. Conta a Florêncio que conseguiu licença do juiz para fazer uma viagem à França.

Fotos inéditas de Tino. Lucinha confessa: "falei em matá-lo"

INSTITUTO MÉDICO-LEGAL DO ESTADO
LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO



NOME: MARIANO DEAS FERREIRO
Fotografia nº 78/77 - 10 de fevereiro de 1977
IN. 002
FOTO. 0004-43

O DIRETOR
DR. HARRY SHIBATA

INSTITUTO MÉDICO-LEGAL DO ESTADO
LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO



NOME: MARIANO DEAS FERREIRO
Fotografia nº 78/77 - 10 de fevereiro de 1977
IN. 002
FOTO. 0004-43

O DIRETOR
DR. HARRY SHIBATA

Reproduções de Amancio Chiodi

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
INSTITUTO MÉDICO-LEGAL DO ESTADO
LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO



NOME: MARIANO DEAS FERREIRO
Fotografia nº 78/77 - 10 de fevereiro de 1977
IN. 002
FOTO. 0004-43

O DIRETOR
DR. HARRY SHIBATA

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
INSTITUTO MÉDICO-LEGAL DO ESTADO
LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO



NOME: MARIANO DEAS FERREIRO
Fotografia nº 78/77 - 10 de fevereiro de 1977
IN. 002
FOTO. 0004-43

O DIRETOR
DR. HARRY SHIBATA

QUISERAM ARRANCAR SUA LÍNGUA

REPÓRTER publica com exclusividade estas fotos que pela primeira vez chegam à imprensa. Elas foram feitas no dia da morte de Tino. Dizem os autos do inquérito que o assassinato foi executado por quatro pessoas, encapuzadas e usando luvas. Teriam entrado na casa (protegida por um cão policial) com ajuda da mulher de Tino, e

esfaqueado Tino enquanto dormia. As marcas de facadas nos braços mostram que ele teria reagido. A facada mais violenta abriu um rombo no pescoço, como se os matadores quisessem arrancar a língua do alcagüeta. Detalhe: as quatro fotos estão assinadas pelo diretor do IML, Harry Shibata, mas uma assinatura é diferente da outra.

7 Apartamento de Maria Lúcia Palladino (Lucinha Bang-Bang, por ter sido campeã de tiro-ao-alvo na Academia Nacional de Polícia). Duas salas grandes, a mesa de jantar com tampo de mármore. Dezenas de cinzeiros sobre a mesinha de centro. Discos arrumados no chão.

O mesmo apartamento que é o principal álibi do grupo, pois, uma das testemunhas de defesa, ex-agente federal Otelo Telles de Oliveira (demitido pelo AI-5 em 1977) disse que encontrou todo mundo (menos Zé Luís e Maria Del Carmen) ali, às 10 da noite de 9 de fevereiro, véspera do crime.

Lucinha é baixa, loira, elétrica. Fala muito, tentando sempre conservar o sorriso simpático, mesmo quando se recusa a ser fotografada.

Conta que entrou na Polícia Federal em 1972, convidada por um primo que trabalhava lá. "É mole, a gente não faz nada lá", o primo disse. Antes, ela nunca tinha trabalhado. Era casada, vivia em casa. Resolveu trabalhar quando se desquitou. Seu pai já tinha trabalhado no Dops, durante muitos anos, na década de 40.

— Nos primeiros três anos e meio de Polícia Federal — diz Lucinha — eu trabalhava na rua, fazia de tudo, era a única mulher lá. Também chefiava a segurança da mulher do presidente Médici, Scila, quando ela vinha a São Paulo. Ficava lá eu, a noite toda no Hilton Hotel, a metralhadora no colo.

— Em setembro de 76 — ela continua — veio uma comissão de Brasília investigar corrupção na Polícia Federal de São Paulo. E me chamou pra entregar meus colegas. Eu jamais faria isso. Era melhor perder o emprego. Conheço muita gente lá dentro que entregou e hoje está muito bem.

Antes do fim de 76, Lucinha se sentiu ameaçada. Conta que recebia telefonemas anônimos segundo os quais seu filho de 6 anos poderia ser seqüestrado. Ela não sabia quem fazia isso, mas desconfiou de Tino. Foi nessa ocasião que falou em matá-lo:

— Um dia, eu disse que matava ele, quando houve esse problema com meu filho... Eu disse: eu mato ele! Olha que boca... Mas falei do mesmo jeito que digo pro meu filho quando ele não quer sair da cama: Cristiano, eu te mato! Levanta! O verbo dá um sentido de sentimento de

bronca, mas não quer dizer que você vai lá...

Cinco dias depois da morte de Tino, Lucinha foi presa pelo Dops:

— Minha casa foi invadida e eles roubaram algumas coisas daqui, inclusive um cinzeiro de prata. No Dops, a primeira pergunta que me fizeram foi: quem roubava na Polícia Federal? Eu disse: o senhor, quando rouba, conta? Por que eles iam contar pra mim? No começo teve pressões psicológicas, me levaram na sala da cadeira de dragão...

— Que você conhecia tão bem... — comentou um amigo de Lucinha, o "Careca".

— Pois é... eu imaginava que a prisão tinha ligação com o caso do seqüestro da criança (ela, sua irmã Laura e Pisa teriam tentado extorquir dinheiro de uma amiga de Tino, "onde fomos comprar jóias", diz Lucinha e se ela não desse, levariam seu filho. Isso aconteceu em 1974.) Eu nunca imaginei que era pela morte dele, tanto que eles tiveram que criar o caso do seqüestro.

— Cheguei a fazer mil esquemas de como ele poderia ter morrido — prossegue Lucinha — ...se eu tivesse que matar ele, como faria? Montei mil esquemas e não consegui uma explicação lógica. Ninguém conseguiu chegar a uma conclusão. A Polícia Técnica não encontrou uma impressão digital na casa de Tino, nem dos próprios moradores. Como é possível? Eles não queriam chegar a conclusão nenhuma. Se fizeram isso é porque estão envolvidos até o último fio dos cabelos!! Eles tinham que procurar algum culpado pra não ser eles — e, sei lá, por obra divina, o pedaço coube a mim. O porteiro do meu prédio foi ao Dops depor, ele me viu... eu voltei pra casa e cheguei na minha casa antes das 2 da manhã — foi às 4 que o homem morreu... eu saí pra comer porque não tinha disposição pra fazer comida à uma da manhã... mas o depoimento do porteiro nãoistou do inquérito... Foi um negócio bem absurdo, bem sujo mesmo.

De uma coisa Lucinha não quis falar: de sua irmã Laura (que teria confessado o caso do seqüestro da criança no Dops):

— Não faço comentários a respeito dela, aliás, nós não conversamos desde aquela época. Foi uma grande mágoa. Ela foi muito espancada, muito torturada.

Depois que Tino morreu, Lucinha se separou, também, de Pisa.

REPORTER
FILMES
apresenta
A FICÇÃO DO ANO

As comoventes peripécias do
delegado Sérgio Fleury que morreu antes do tempo
e enfrentou a burocracia de Satã



O INFERNO PODE ESPERAR

ou
A Vingança de Frei Tito

Iate Clube de Ilhabela. Uma mulher e um rapaz vão conduzindo um homem que cambaleia e canta em voz alta. Os três encaminham-se ao cais. Pouco depois ouvem-se gritos. Alguém passa correndo, pedindo um médico.

— O Fleury caiu n'água, quase se afogou. Está botando espuma pela boca.

(Corte rápido para um homem de média estatura, olhos azuis-esverdeados, barriga proeminente, paletó 48, manequim 50. Passadas curtas e ágeis aproxima-se de um imenso local em pleno deserto. Centenas de camburões da polícia, sirene tocando, chegam vazios e partem cheios de gente, deserto adentro. Homenzarrões de cavanhaques e bigode fininho, camisetas pretas, botas de cano curto, calças pretas colantes, vão empurrando as pessoas para dentro dos camburões).

— Ei, você aí: Venha cá, rápido: gritou um dos homenzarrões ao recém-chegado.

— Mas que lugar é este? O que esta gente toda está fazendo aqui?

— Ah! Então o prezado não sabe onde está? Que pena. Logo, logo vai saber. Vamos lá, me de logo o seu nome.

— Não vou dar nada. Me chame o chefe que eu quero falar com ele.

O homenzarrão irritou-se e deu-lhe uma violenta bofetada. O recém-chegado reagiu e os dois atacaram-se aos socos e pontapés. Formou-se tremenda confusão. Um toque longo de sirene anuncia a chegada de um homenzarrão de jaqueta de couro vermelho, cavanhaque bem aparado, cavalgando uma imensa moto.

— Olha, o chefe está chegando.

— O que foi que houve por aqui?

— É esse sujeito aqui que não quer dar o nome.

— Quem é você rapaz?

— Meu nome é Sérgio Fleury e quero saber que palhaçada é essa?

— Delegado Sérgio Fleury? Mas que prazer. Quanta honra termos um homem como você por aqui.

É bom que você saiba logo



Ilustração e arte de
Rodrigo Otávio Cardona

Ilustração e arte de
Maurício Veneza

que aqui é a estação de triagem para o Inferno.

— Mas vocês estão certos de que eu tinha que morrer logo agora que estou com duas missões muito importantes para resolver?

O chefe dos homenzarrões consulta a prancheta onde está uma relação de nomes e levanta a cabeça com expressão irritada.

— De novo. Mas assim não é possível trabalhar. Desculpe, Fleury, mas você foi chamado antes da hora. Você tinha mais três anos de vida (dirigindo-se, irado, aos seus comandados) Cambada de incompetentes! (mudando de tom e falando com o delegado) É que estamos trabalhando com uma equipe nova e enganos como esse acabam sempre acontecendo. Mas deixe que eu vou punir o responsável (chama um dos homens e cochicha no seu ouvido). O homem sai correndo e volta trazendo um sujeito desajeitado, de óculos.

— Ah! Então foi você o emissário responsável por esse engano? Agora trate de desfazer a mancada que fez. Caso contrário já sabe o que espera você. (voltando-se para o delegado) Adeus Fleury.

Fleury e o emissário ficam sozinhos.

— Desculpe, Fleury. Vamos ver se ainda há tempo prá você reencarnar em você mesmo. Rápido.

(Corte para um cemitério, milhares de pessoas, alguns homens descarregam seus revólveres, atirando prá cima)

— Tarde demais, delegado. Você já foi enterrado. Agora teremos de encontrar um outro corpo prá você.

— Seu burocrata de merda! Incompetente! Foi pousar logo em cima de mim. Veja só o que me arranjou.

— Calma delegado. Enganos desse tipo são muito comuns no nosso trabalho. Vamos ver se damos um jeito (tira uma lista do bolso) Pelo que sei você certamente vai querer voltar na pele de um policial. Mas pelo que estou vendo aqui não tem nenhum policial morrendo por esses dias. Você vai

ter de aguardar em outro corpo até encontrar uma boa vaga prá você.

— Então vamos encontrar logo um, porra!

(Março de 1973. Quartel dos Fuzileiros Navais de Salvador. Ouvem-se gritos de dor, homens que falam aos gritos, risadas.)

Emissário — Está reconhecendo esse lugar delegado?

Fleury — Claro, estive aqui interrogando terroristas.

(Os dois se aproximam de um grupo de homens encapuzados que interrogam um prisioneiro. Um dos interrogadores não usa capuz e está com um alicate na mão.)

Emissário — Está reconhecendo aquele sujeito sem capuz?

Fleury — Mas aquele sou eu. Como é que pode?

Emissário — Pois é. Vamos ver se você se dá bem com o corpo daquele homem que está alge-mado. Vamos lá, prepare-se.

Fleury — Ei, que brincadeira é es...

(O emissário dá um sorriso diabólico e fica observando de longe Fleury encarnar o prisioneiro.)

Fleury — Ué que cara de espanto é esta, seu filho da puta? Está com medo do alicate? Vamos lá, professor Arno Bicha. (risadas) Desculpe, professor Arno Bris-chta.

Fleury/Brischta — O que é isso, Fleury? Você não está me reconhecendo? Eu sou o Fleury. Olha bem prá mim.

Fleury — Olha só, o filho da puta agora quer me gozar. Vamos ver se ele agora vai continuar me gozando (pega o alicate e num gesto brusco arranca um dos dentes da frente de Fleury/Brischta que começa a uivar de dor). Eu sempre achei que a minha verdadeira vocação era ser dentista. (o preso desmaia) Tragam um balde d'água fria prá reanimar este veado.

Fleury/Brischta (voltando a si, com ar assustado) O que foi? Que dor. Parem com isso, Fleury. Eu sou o Fleury. Não está me reconhecendo?

Fleury — Ah! Quer recomeçar tudo de novo? Então vamos lá. Vai confessar ou não vai?

Fleury/Brischta — Mas eu não sei do que você está falando.

Fleury (aproximando o alicate da boca do preso) Então vamos lá prá aproveitar o embalo (arranca outro dente de Fleury/Brischta que se contorce de dor).

Fleury/Brischta — Fleury, filho da puta! Emissário, socorro! Socorro!

Emissário (com ar de quem não viu nada) Mas o que é, Fleury? Algum problema? Venha prá cá.

Fleury — Não está vendo seu porra? O filho da puta do Fleury me arrancou os dois dentes com o alicate. Ai! que dor.

Emissário — Vamos sair daqui, desculpe.

Fleury — Me desculpe, o caralho! Vamos acabar logo com essa brincadeira.

(Novembro de 1969. Delegacia da Operação Bandeirante. São Paulo. O delegado Fleury e mais quatro detetives interrogam um homem baixo, óculos, cara de cearense. Ouvem-se vozes saindo de um gravador sobre a mesa.)

Fleury — (desligando gravador) Olha aqui, garoto. Você ouviu o gravador, não ouviu? Então já pode começar a falar. A gente já sabe de tudo. Sabe garoto?

Fleury (ao emissário) Eil! Mas aquele ali sou eu interrogando o Frei Tito, aquele dominicano terrorista.

Frei Tito — Mas eu não sei de nada, delegado.

Delegado Fleury — Não sabe o que, garoto? Você está escondendo o jogo (pega um revólver e encosta na cabeça de frei Tito.)

Frei Tito — Mas eu não tenho nada a dizer. (Na sala vão entrando policiais vestidos de frades dominicanos. Tito entra, senta-se numa cadeira.)

Policia — O homem é seu, capitão Maurício.

Capitão — Deixa comigo. Agora você vai conhecer a sucursal do Inferno, dominicano filho da puta. (faz um sinal com a cabeça a um dos "frades" que, pelas costas, bate com as duas mãos, com violência, sobre os ouvidos de Tito que grita de dor).

Fleury (ao emissário) Esse Maurício é um cara excelente. É um dos sujeitos mais competentes que conheço.

Emissário — Eu também acho. Mas eu sou mais você, Fleury. Quer ver só? Vá, assumo o lugar de Frei Tito.

Fleury — Mas o que é isso, emissário de merda. Eu vou te dedurar pro teu...

Capitão Maurício — Como é, fradinho de uma figa. Vai falar ou vai querer mais porrada?

(O delegado Sérgio Fleury entra na sala e senta-se ao lado do capitão, de frente para frei Tito.)

Delegado Fleury — Como é, Tito, vai abrir ou não vai?

Fleury/Tito — Hei! Fleury! Não está me reconhecendo, eu sou você, (todos riem) Não estou brincando não. Eu sou você no corpo de frei Tito.

Delegado Fleury — Quer me gozar, não é, seu veado. Pois você vai ver quem é mais engraçado. Maurício, põe esse frei no pau-de-arara.

Fleury/Tito — Não, pelo amor de Deus! Não faz isso comigo. Isso não está direito.

(Dependurado no pau-de-arara, Fleury/Tito recebe choques elétricos nos tendões dos pés, no peito, na cabeça, nas pernas. Desmaia.)

Delegado Fleury — Tragam um balde d'água para reanimar esse porra.

(Fleury/Tito acorda com o jorro d'água fria e a sessão continua.)

Fleury/Tito — Fleury, pare. Não está me reconhecendo, eu sou você. Em nome de nossos filhos.

Delegado Fleury — eu vou te ensinar quem é mais esperto, seu puto. (Num acesso de raiva, o delegado Fleury começa a socar e dar pontapés em Fleury/Tito.)

Capitão Maurício — Toda a vez que você disser um não vou te dar um choque (dito isso começa a acionar uma maquina com fios ligados em diversas partes do corpo de Fleury/Tito que, não agüentando o choque, se mijá todo).

Delegado Fleury — Como é, seu mijão? Quem são os outros padres ligados a você? (o capitão pede licença ao delegado e introduz na boca de Fleury/Tito um fio ligado à maquina. Assume um tom solene e com as mãos faz o sinal da cruz no ar).

Capitão Maurício — Caríssimo irmão em Cristo, agora você vai receber o tratamento da Eucaristia (começa a girar a manivela da maquina, a boca de Fleury/Tito começa a inchar e ele se contorce de dor).

Fleury/Tito — Fleury sou eu, não estou mentindo. Por favor me escute. Lembra que Nicolau quebrou a perna há uma semana e que você está devendo aquela prestação da casa?

(O delegado chama o Capitão Maurício a um canto e fica conversando em voz baixa.)

Delegado Fleury — Maurício, esse cara, parece que é espirita ou então está muito bem informado a meu respeito. Da forma como ele está reagindo à porrada parece ser um cara muito importante na organização. Pelo sim pelo não vamos dobrar a dose.

(A sessão de tortura recomeça. O capitão aciona a manivela e o delegado e outros "frades" vão dando socos e pontapés no estômago, no saco e no rosto de Fleury/Tito.)

Fleury/Tito — Emissário! Emissário! Me ajude!

(O emissário tira Fleury do corpo de frei Tito.)

Emissário — O que foi, Fleury? Algum problema?

Fleury — Você ainda pergunta, seu filho da puta. Isso é coisa que você faça comigo?

Emissário — Eu não vi nada, Fleury. Vamos continuar a nossa ronda?

Fleury — Continuar porra nenhuma. Eu quero é voltar e ter uma conversinha séria com o teu chefe.

Emissário — Se você quer assim, vamos lá. (numa fração de segundo os dois voltam pro mesmo lugar de onde tinham saído. O movimento de camburões chegando e partindo é o mesmo.) Espere um pouco aqui, Fleury. Vou dar uma chegada aqui ao lado e já volto. (passam-se várias horas e o emissário não volta), o delegado impacienta-se e chama um dos emissários e diz que quer falar com o chefe com a maior urgência. O emissário leva-o até uma imensa barraca de campanha onde trabalha o chefe dos emissários.

Chefe — O que foi? Que barulho é esse? (reconhecendo Fleury.) Ah! é você, delegado? O que foi que houve que você já está de volta?

(Fleury conta-lhe tudo o que aconteceu, o chefe vai ficando cada vez mais vermelho a cada frase e manda chamar o emissário encarregado de Fleury. Ninguém consegue encontrá-lo. De repente chega um dos auxiliares e entrega um bilhete que encontrou no alojamento do emissário de Fleury.)

Chefe — (lendo o bilhete) "Buscarei, então, pastagens distantes, lá onde o ódio não tem teto para repousar..." O quê, que conversa fiada é essa! Isso não é conversa de emissário de Satã. Isso mais parece coisa escrita por um... (vai ficando lívido.) Pelos demônios, eu bem que desconfiei do jeito que aquele emissário olhava. A sua voz era mansa demais pra ser dos nossos. Cambada de incompetentes, como é que deixaram um anjo se infiltrar aqui! Vermes! Imbecis! Ingênuos! (dirigindo-se para Fleury.) Ele enrolou até você, delegado. Azar o seu: seu tempo acabou. Embarque já no camburão. Guardas! Levem-no (Fleury esperneia e grita mas acaba sendo jogado no camburão.)

(Corte para uma paisagem bucólica, coberta de nuvens, ovelhas pastam, som de violinos no ar. Passa um velhinho de barbas e cabelos brancos apoiado num cajado. Vê um jovem de óculos tocando violão em baixo de uma árvore e chama-o)

Velho — Frei Tito, você tem andado sumido. Não o vejo há muito tempo. O que houve, por onde tem andado?

Frei Tito — Estive fora por um tempo, Pai. Fui resolver uns probleminhas pessoais.

Velho (Com olhar malicioso) Ah! Tenha cuidado para não exagerar na solução de seus probleminhas pessoais meu filho. Adeus.

Os personagens

Frei Tito — Frade dominicano preso sob acusação de envolvimento com a organização chefiada por Carlos Marighela. Durante vários dias foi torturado pessoalmente pelo delegado Fleury e por policiais vestidos de frades dominicanos. Banido do Brasil, Frei Tito foi para um convento dominicano na França. Aniquilado psicologicamente, em consequência da tortura, Tito acabou suicidando-se.

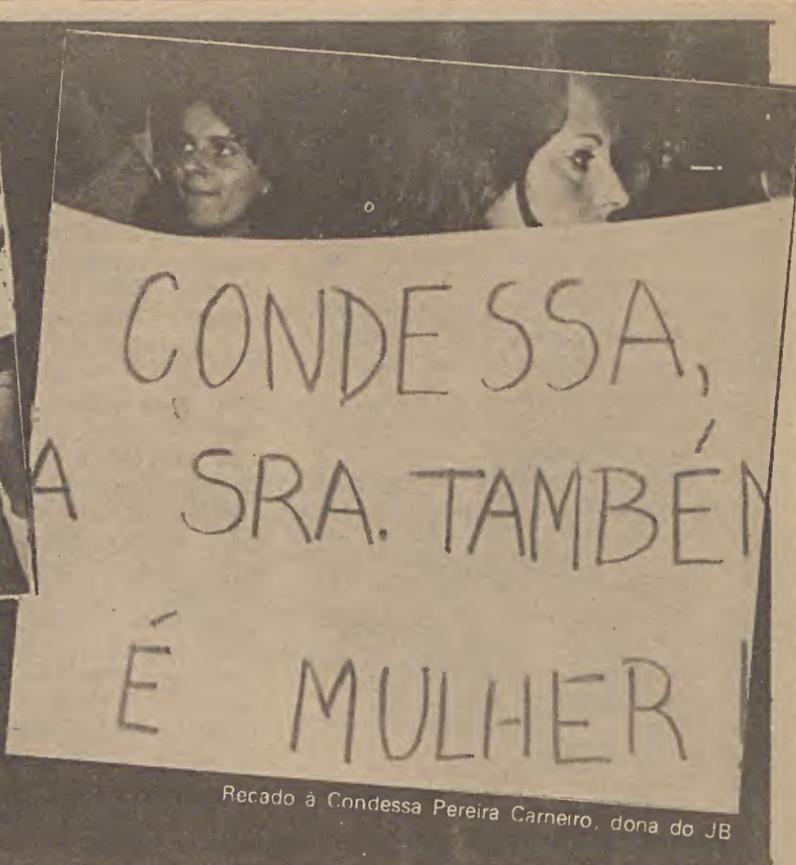
Arno Brischta — Professor baiano, torturado por Fleury no Quartel dos Fuzileiros Navais de Salvador, em março de 1973, segundo relato que fez à revista Veja. O próprio Fleury arrancou-lhe dois dentes com um alicate e depois mandou reimplantá-lo ameaçando de morte, caso contasse que foi torturado.

Capitão Maurício — Nome de guerra de um dos principais torturadores da Operação Bandeirantes (OBAN), instituição para-militar criada em São Paulo, logo após o AI-5, a pretensão de eliminar as organizações terroristas.



Faixas contra a agressão de Isaac Piltcher

- Editor botou a mão nos seios da recepcionista
- Vítima é que foi demitida junto com colegas
- Manifestação é o 1º ato público feminista no país



Recado à Condessa Pereira Carneiro, dona do JB

Mulheres contra o tarado do JB

Texto de Chico Júnior; Fotos Custódio Coimbra

No dia 18 do mês passado, o Centro da Mulher Brasileira e o Coletivo de Mulheres realizaram uma manifestação na frente da loja de classificados do **Jornal do Brasil**, da Avenida Rio Branco (Rio de Janeiro) para protestar contra a atitude machista e desrespeitosa de um dos editores do jornal, Isaac Piltcher, que passou a mão nos seios da recepcionista Elaine Gonçalves Ferreira. A reunião, que contou com a presença dos deputados estaduais Heloneida Studart e Raymundo de Oliveira e do federal Modesto da Silveira, foi a primeira manifestação feminista realizada em praça pública no Brasil.

Tudo começou no dia 5 de maio, quando Isaac Piltcher, editor do **Journal Especial do JB**, passou a mão nos seios de Elaine, depois de fazer "elogios" a seu corpo e à sua beleza. Indignada, a moça queixou-se à seus superiores e, talvez por não ter compactuado com a agressão

machista do poderoso editor, foi simplesmente mandada embora. Como sempre, a corda roía para o lado do mais fraco.

Solidárias com a colega, sete outras recepcionistas foram reclamar, exigindo segurança e justiça. Também foram despedidas, enquanto o nosso amigo ganhava, de presente, férias em Paris, quem sabe para esquecer o desagradável incidente, coitado. Além disso, todos os funcionários do jornal receberam ordens de seus chefes e editores para não tocar no assunto, sob pena de demissão. Nem mesmo os jornalistas, teoricamente defensores dos direitos humanos e dos direitos do trabalhador, se manifestaram. Todo mundo caladinho, fazendo o jogo do coleguinha maior e do jornal. E a posição do Sindicato foi a de ficar em cima do muro.

Sobre o incidente, apenas dois jornais da Grande Imprensa noticiaram, discretamente, alguma coisa: **Folha de São Paulo** e

Tribuna da Imprensa. E ninguém também noticiou os discursos pronunciados pelo deputado federal Modesto da Silveira e os estaduais Heloneida Studart e Raymundo de Oliveira, que se manifestaram contra os atos arbitrários do **Jornal do Brasil** e contra o machismo de Isaac Piltcher. Até o **Pasquim** (Ziraldo) censurou parte da matéria do columnista Sérgio Augusto sobre o assunto, cortando o nome do agressor.

Em seu discurso na Assembléia, Heloneida disse que "a trabalhadora Elaine não pode ser demitida de seu emprego por ter protestado contra os avanços de um cidadão incapaz de cativar uma mulher por si mesmo. De qualquer lado que se olhe o episódio — lado trabalhista ou lado feminista, ele é indigno, burro, retrógado, reacionário. E ele é, principalmente, contra o amor".

Na manifestação, Heloneida fez um rápido discurso denunciando as

demissões e dizendo que via dois tipos de violência na agressão contra Elaine: violência contra o trabalhador e violência contra a mulher. E acrescentava:

— É chegada a hora da mulher parar de ir para casa chorar, quando é agredida, violentada. É chegada a hora de reagir ao machismo.

E foi isso mesmo que Elaine fez: entrou com queixa-crime contra o agressor, tornando o caso bem mais sério do que Isaac esperava. Diante disso tudo, o mínimo que o **Jornal do Brasil**, que vive falando em nome da justiça e da verdade, poderia fazer

seria readmitir as funcionárias despedidas injustamente e botar o senhor Isaac Piltcher no olho da rua.

Isaac não será mandado embora, mas sairá elegantemente: voltou de Paris, entrou em férias, e, quando voltar, pedirá demissão. Pelo menos é essa a versão que circula na redação do JB.

Quanto às recepcionistas, não serão readmitidas. Em seus lugares a direção do jornal resolveu colocar recepcionistas homens. Resta saber se isso elimina o problema ou fará apenas com que se mude o local do ataque.

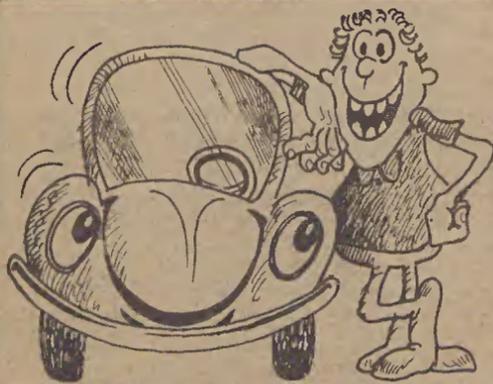
Jornal vive clima de repressão e medo

O episódio da recepcionista contribuiu para fazer aflorar uma grande crise interna que existe na redação do JB. Os jornalistas vivem reclamando de certas medidas arbitrárias, mas, absurdamente, foram proibidos até de "discutir em mesa de bar a situação do jornal".

Dentro desse clima, recentemente foi despedida a jornalista Sônia Mainberg, considerada por todos como ótima profissional. Sua demissão motivou um protesto por parte da redação, que correu um abaixo-assinado recolhendo cerca de 200 assinaturas, entre as quais as de vários subdiretores.

Tomando conhecimento do fato, o editor-geral, Walter Fontoura, chamou

o delegado sindical Fritz Utzeri e ameaçou de demissão todos os subeditores que assinaram a lista, além de tomar medidas contra a alguns dos outros jornalistas. Diante disso, concluiu-se que o melhor seria voltar atrás na decisão de entregar o memorial protestando contra a demissão de Sônia. Mais uma vez a chefia conseguiu desmobilizar e neutralizar a ação dos jornalistas. É de se criticar, também, o comportamento do Sindicato, que, numa hora em que deve lutar pela mobilização e pelo avanço político da ação, esfria a rapaziada e pede para aguardar o momento político oportuno.



A Carbutec tem a solução para o problema do seu carburador.

Serviços especializados de carburadores DFV — Solex

Serviços elétricos

Posto autorizado de carburadores

* REGULAGEM ELETRÔNICA *



Regulagem Carbutec Ltda.

Rua Aristides Lobo, 213 — Loja 1 — Tel.: 234-7998

Anistia da língua começa antes da outra

Já que o palavrão não é mais proibido no Brasil — o governo acaba de liberar para venda o Dicionário do Palavrão e Termos Afins do escritor pernambucano Mário Souto Maior — **REPORTER** foi saber de jornalistas, artistas e populares o que eles pensavam sobre o assunto. E descobriu que todo mundo fala palavrão, mas pouca gente gosta de vê-lo impresso nos jornais. As pessoas entrevistadas associam palavrão a uma forma de agressão e não a um meio de se expressar. Todos os palavrões estão ligados a sexo, como filho da puta, vai tomar no cú e puta que pariu.

Reportagem de Iracema Silva

Fidel Castro adora Bolsa de Valores

Está na rua o Dicionário do Palavrão. Proibido em 1974, o livro do professor pernambucano Mário Souto Maior foi liberado em maio pela censura. E ele já prepara um novo trabalho, que será o Dicionário do Palavrão e Expressões Afins.

O professor — pesquisador de folclore, funcionário do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais — não fala palavrão, e a idéia do livro nasceu de uma conversa com o sociólogo Gilberto Freire. Apesar de ter pesquisado muito, em todos os estados brasileiros, Souto Maior deixou de público alguns palavrões curiosos, como, por exemplo, um que consta em três publicações — Linguajar Médico Popular do Brasil, Vocabulário Popular Cearense e Dicionário de Termos e Expressões Populares Cearenses: Figueiredo. Segundo esses livros, Figueiredo significa nádegas, bunda, ânus.

Eis alguns palavrões do Dicionário de Souto Maior:

Abajur de buceta — nome dado pelo jovens à mini-saia

Amarrar a gata — expressão usada no Nordeste para designar o ato de defecar.

Babador de rola — gravata muito comprida que quando amarrada fica quase sobre o pênis.

Balançar a roseira — praticar o ato sexual, copular.

Bebe-gás — indivíduo que se demora na casa das prostitutas somente para conversar.

Beber o mel — desvirginar, deflorar uma donzela.

Bilro de vaca — cornear, conquistar a mulher alheia.

Bolsa de Valores — órgão sexual feminino.

Cabeça de frade — pênis.

Casa Civil, Casa Militar — A

Casa Civil é o lar legalmente constituído; a Casa Militar é a casa da amante, da espingarda, da concubina.

Coluna do meio — pênis ou homossexual.

Comer o lanche antes do recreio — diz-se do homem que tem relações sexuais com a noiva antes do casamento.

Comer pão com banha — diz-se do homem que tem relações com uma prostituta após a mesma haver copulado com outro sem fazer a higiene; idem para comer queijo quente.

Domador de serpentes — pederasta passivo.

Enforcar o judas — copular.

Enrolar a bandeira — suspender a atividade sexual, voluntariamente ou não.

Falar no telefone — fazer minete (n.r.: chupar o da mulher).

Falso à bandeira — ser pederasta passivo

Fidel Castro — pênis

Guarda Nacional — filho ilegítimo, natural

Hastear a bandeira — menstruar

Ir à igreja verde — manter relações no mato

Judas — órgão sexual masculino

Lopes — cocô

Manga rosa — ato sexual bucal; usa-se esta expressão em virtude da semelhança existente entre a palha da manga rosa e o pelo do órgão sexual

Não dar café nem doce — homem impotente, brocha

O que Luzia ganhou na capoeira — pênis

O que Luzia perdeu na capoeira — virginidade

Pagar prestação — menstruar

Parachoque — seios de mulher quando muito volumosos.

Patriota — mulher com seios fartos

Quincas — nádegas, ânus, traseiro

Sexta-feira — concubina

Ter flor no jardim — menina-moça que começa a ter os primeiros pelos na vagina

Varrer a casa — ter relações sexuais com a esposa



Dercy Gonçalves, 71 anos: quem fala, não fala com a graça que eu falo

Fotos de Wagner Avancini

Subiu na vida falando palavrão

Dercy Gonçalves, atriz: o que você pensa do palavrão?

— Eu não sei o que é palavrão...

Não sabe o que é palavrão?

— Eu não... o palavrão é o que você pensa que é o palavrão, você é que determina, porque palavrão pra mim é miséria, fome, guerra, é essa política safada. A palavra que a gente diz num momento de dor, de agressão, é um palavrão? Não é um palavrão, é um descarrego.

Como as pessoas te colocam em relação ao palavrão?

— Eu sempre fui considerada a maior pornográfica do país, mas nunca fiz pornografia, porque há uma confusão de pornografia e palavrão. No momento em que você ri, se diverte, não existe palavrão. Eu me sinto muito bem, acho que isso é que ajudou a minha juventude... que eu sou uma mulher de 71 anos e não considero isso... e sempre falei! E esse foi o grande dom que eu tive, eu digo toda a vida, toda a hora, a hora que eu quero... Eu invento até o palavrão pra eles terem um motivo pra falar. Palavrão ficou com o nome de palavrão, como Deus ficou com o nome de Deus, anjinho ficou com o nome de anjinho...

Tem muito palavrão na peça que você está levando (Dercy Beaucoup, em SP)?

— Tem mil e um! Sempre teve! E eu não boto dois mil

porque acho que não dá, a língua portuguesa não dá...

Você sabe que já existe um dicionário do palavrão?

— Não! Eu nunca li nada, eu falo o corriqueiro que todo mundo fala, mas quando fala não fala com a graça que eu falo.

Palavrão deve sair na imprensa?

— Bom, você sabe, nós vivemos num país de preconceitos e que os falsos moralistas gostam muito de usar essas coisas como base: ah, é feio. Feio é muita coisa, não é, que não é o palavrão. A morte, por exemplo, se não fosse feia como eles determinaram — uma caveira com a foice na mão — seria bonita. Se fosse uma rosa, a morte não seria bonita? Assim é o palavrão. São os falsos moralistas que acham feio o palavrão, mas eles não falam — fazem. Vai ver são uns tarados sexuais, são uns loucos com a família. Esses que não falam palavrão são os piores.

Interessante: até agora você não disse um só palavrão...

— Não... eu não sou... eu digo quando eu quero... não sou viciada...

Na tua linguagem você não usa palavrão?

— Não.

Só nas tuas peças?

— Só. Faz parte. É difícil. Eu não fico prevenida pra não falar, eu não falo mesmo... é hábito. Eu faço como profissão. Eles me deram esse título, eu tenho direito... É um título que me

deram que sou pornográfica. Sou. Eu não preciso daquele que não gosta do meu estilo, não preciso mesmo. Não gosto de fazer amigos baratos. Eu gosto muito de quem me quer. Quem não gosta de mim, eu fico desgostando dobrado, dou um desprezo tão grande que ele morre antes do tempo até.

Eu sou de uma origem assim muito humilde, e meu pai é desses caras assim: sou pobre honrado! Sabe como é? Meu pai era assim: pobre honrado. Filha da puta! Agora eu vou dizer... Não tem vantagem nenhuma de ser pobre. Eu quero ser tudo, menos pobre. Então, quando eu passei a fazer... eu cantava na igreja, graças a Deus eu perdi a voz pra não cantar mais e saí dessa, senão tava morrendo de fome nessas alturas... e passei a fazer teatro de revista, teatro de gênero livre, em 1935... era chamado vira, tirá... por necessidade, por sobrevivência... e foi um sucesso... trabalhava em cabaré, agradava à beça. Achei ótimo, nunca mais me faltou emprego. Passei a viver melhor do que vivia, achei um esquema de vida. Nunca dei muita importância aos outros, eu dou muita importância a mim, não ao que o outro diz, o que eu digo é o que vale pra mim; o outro me julga, ele pode estar com a cuca fundida e vai julgar o que? E aí eu fiquei com essa fama, a minha imagem é essa pra eles...

Raimundo só usa três pontinhos

Raimundo Rodrigues Perelra, editor do semanário Movimento: você usa palavrão nas suas matérias?

— Um dia fiz um texto... uma cena... na frente da fábrica Volkswagen, a volta do Lula, saudado pela massa operária, logo depois daquele acordo, aquela trégua, e foi absolutamente indispensável colocar no texto, mesmo com os tradicionais três pontinhos, que se dedicam a salvar um certo pudor de umas camadas não muito esclarecidas, e também da repressão policial, mas foi necessário para mostrar parte da expressão natural da massa de trabalhadores... é... o Lula é um fudido, é um macho... enfim, tinha mais, que está registrado no texto... sempre com três pontinhos.

Quer dizer que você não aceita o palavrão na imprensa?

— Eu acho que o jornalista deve descrever a realidade social da maneira mais fiel possível e o palavrão é uma presença constante a nível do povo, em amplas camadas. E cada camada tem uma forma particular de falar, e, em várias delas, desde as mais populares até a burguesia, se usa muito o palavrão. Então, em princípio, não sou contra usar o palavrão. Eu não acho que o palavrão deva ter, assim, um mérito especial, que devesse ter uma campanha pra dar valor a ele. Acho que muitas vezes ele é uma forma de expressão pobre, ele substitui um monte de coisa que a pessoa gostaria de dizer, é uma interrupção da expressão da pessoa, então não vejo também que a imprensa faça nenhum esforço pra valorizar o palavrão, fora da sua absoluta necessidade de ser fiel à realidade.

Já pode usar bunda na Folha de SP

Boris Casoy, editor-responsável da Folha de SP: sai palavrão no teu jornal?

— Em 1975, nós relutávamos na Folha até em colocar no papel a palavra bunda. Hoje, essa palavra já saiu do nosso index. Não me lembro em que ocasião, usamos um título, uma manchete de primeira página (e foi uma decisão dramática), uma expressão parecida com esta: *deu-lhe uma porrada na cara*. E isso então foi discutido, se entrou na temática da moral do homem médio e a única reação de surpresa foi interna, não recebemos uma carta sequer, ninguém considerou palavrão. Eu não tenho muitos exemplos mas alguns palavrões a Folha já usou e ele ganha espaço da seguinte maneira: *merda* era proibido; agora, m... já pode. *É uma bosta!* B... Esse tipo de coisa vai ganhando espaço. Evidentemente, os palavrões têm que

Na Globo tem palavrão sonoro

Marco Antonio Gomes, chefe do setor de Jornalismo da rádio Globo de SP: rádio fala palavrão?

— Isso aqui é uma concessão governamental: Se você permitir que um palavrão aconteça aí, sonoro, no ar, mesmo que venha do público, você vai ter problemas. Nosso jornal aqui na rádio é 80% ao vivo, o trabalhador fala, e sai muito *porra* no ar, *puta* que o *pariu* já saiu. Tô de saco cheio há pouco tempo era palavrão, agora já não é. Um dia, vendo tv, vi um herói de novela dizer *tô de saco cheio*, levei um puta susto, falei: pô, até isso agora, ótimo, né... tão conseguindo, tão abrindo pro palavrão.

Está havendo abertura para o palavrão?

— Agora me parece que há

ser selecionados. Há coisas que a gente realmente evita, até por ser de mau gosto.

Por exemplo?

— Eu direi... eu já, já... eu acho que, por exemplo, com colocações grossas... *foder*... são problemas que eu estou te retratando tecnicamente, com os quais nós nos deparamos... *trepadinha*... Eu me lembro de ter liberado um sonoríssimo *filho da puta*, mas era um caso de uma colocação extremamente necessária, era uma conjunção estelar onde o *filho da puta* estava lá, então realmente não havia maneira e não chocou ninguém. Sou contra a gratuidade do palavrão. Realmente, eu ainda sou um pouco careta. Aqui na Folha, sempre quando há um problema de palavrão, dificilmente a decisão é de uma pessoa só. Há uma consulta maior. E a decisão depende muito da circunstância. Por isso, eu não posso dizer se sou contra ou a favor do palavrão na imprensa, o palavrão existe e se ele não for colocado a serviço da pornografia, eu acho que ele é perfeitamente cabível, guardadas as condições de momento.

uma tendência no país, já de uns tempos pra cá, pra se permitir esse tipo de coisa. Porque, sendo assim, você não desperta atenção pra outras coisas, certo? Isso aí tá muito claro, me parece.

E o palavrão é muito atraente, não é? Chama atenção...

— Faz muito tempo, fizemos aqui na rádio um programa no Dia da Criança: reunimos trinta delas, de diferentes níveis econômicos, para um debate e veio também uma psicóloga. Aí, de repente, não me lembro por que, a psicóloga soltou no ar *bunda*, e nós trabalhávamos com uma câmara de eco, que ampliava o som, e o operador de som, naquele *bunda*, ficou tão entusiasmado que abriu ainda mais e aquilo ficou repetindo *bunda, bunda, bunda...*



No ônibus, não

Acha bacana se não for no coletivo

Márcio Antonio Silva, cobrador de ônibus, 18 anos: o que você acha do palavrão?

— Sei lá... ah, eu acho bacana...

Por que?

— Dá maiores possibilidades do sujeito... é uma coisa mais... é simples.

Você fala palavrão em qualquer lugar?

— Não é em todos ambientes que vai se aceitar, né. Dentro do coletivo, por exemplo.

Por que?

— Porque é um lugar mais de respeito, né, onde dá muitas pessoas dignas.

Pessoa digna não fala palavrão?

— Ah, fala sim, né...

Você não é uma pessoa digna?

— Eu falo, mas de vez em quando, por causa do nervosismo. Mas tem gente que fala aí à vontade, né.

Qual é o palavrão que choca mais?

— Filho da puta.

Palavrão deve sair no jornal?

— Eu acho normal... quer dizer, nem todos, mas alguns deve ter. *Porra*, por exemplo, não deve ter. Agora, esses negócios assim, como *frescura*, até na música do Roberto Carlos tem. Esse deve sair.

Não diz nem merda na frente do pai

Aparecido Pereira, office-boy, 14 anos: que palavrão você fala?

— Pode falar?

Pode.

— Ah, eu falo assim: *vai tomar no seu cu, meu cnapa...*

Com seus pais, você fala palavrão?

— Não.

Por que?

— Porque não, porque eles me respeitam e eu respeito eles.

Falar palavrão é falta de respeito?

— É. Ofende a pessoa.

Qual é o que mais ofende a pessoa?

— É chamar de filho da puta.

Você fala muito palavrão?

— Não, só quando fico nervoso...

Levou susto só de ouvir a pergunta

Leonel Donizetti, garçom, 21 anos: o que você acha do palavrão?

— Sobre o...?

Tá certo falar palavrão?

— Não, não está certo.

Choca as pessoas?

— Algumas pessoas não gostam. Às vezes a gente chama de palavrão uma pessoa, a pessoa fica nervosa, quer brigar, quer matar.

No trabalho você fala palavrão?

— De vez em quando, todos nós falamos.

De vez em quando, quando?

— Quando tá nervoso, a gente fala.

Qual é o pior palavrão?

— Sei lá... acho que é chamar o cara de filho da puta.

Não fala porque não é decente

Luis Alves Machado, faz-qualquer-coisa, 47 anos: o senhor fala palavrão?

— Não.

Nem quando vai num jogo de futebol?

— Nunca fui num jogo...

Nem quando dá uma martelada no dedo?

— Não, eu não falo palavrão. É feio mesmo. Porque a coisa boa é o pessoal ser honesto, não ficar falando palavrão.

Quem fala palavrão não é honesto?

— Não, pode ser honesto, mas decente não é.

Quando alguém diz palavrão na sua frente o senhor fica ofendido?

— Bom, achar bom a gente não acha.

E o senhor acha ruim da pessoa?

— Bom, a gente não fala com ele, mas a gente acha que não tá bom, né?



Foto de Amancio Chioldi

É feio

MARIDO ARCAICO SUFOCA ESPOSA

Não-deu-o-nome: que tipo de pessoa se choca com palavrão?

— As arcaicas, são as que se chocam mais. Agora, depende também do tipo do palavrão... o palavrão comum é bobagem, agora, os outros, já é uma baixa linguagem. Isso já se diz na classe mais baixa, uma pessoa menos instruída.

O que é o palavrão comum?

— Esses palavrões que a gente ouve crianças de dois, três anos falar.

Palavrão é pornografia?

— Eu acho que é muito bonito a pessoa, ao invés de

usar um palavrão dizer uma palavra, ofender outra pessoa classicamente. Mas o palavrão já está diário, a gente ouve toda hora: oi, filho duma... (risos)

Como é teu nome?

— Tá havendo um problema. Eu tô vendo bater foto, e eu sou casada, meu marido é muito implicante, é um dos arcaicos. Ele não aceita nada. E vai dar um galho miserável se sair esse negócio, viu? Preferia não dar meu nome e que a reportagem não sáisse. Porque aí você afetaria meu casamento.

Fascista ofende estudante

Mauro Lopes, estudante, 19 anos: qual é o pior palavrão pra você?

— Fascista.

O que você acha do palavrão na imprensa?

— Tudo bem. Tudo bem, é uma boa, assim dependendo do público ao qual você se dirige, da forma como você coloca, tudo bem. Se você vai fazer um jornal de periferia, não vai usar palavrão. Esse pessoal de periferia não se adapta muito a esse tipo de coisa, agora, um jornal de imprensa nanica, dirigido mais pra estudante, e tal, não tem problema nenhum, o pessoal aceita sem problemas.

Editora só dá na boca do entrevistado

Gilda Furiatti, editora do Data News, jornal especializado na área de computação.

Você publicaria palavrões no Data News?

— A princípio não, mas eu nunca me vi diante dessa situação. Mas acho que se um entrevistado falar um palavrão, pode ser que eu publique. Só que é meio difícil disso acontecer, ou seja, um entrevistado falar palavrões para o Data News.

Você fala palavrão?

— Prá caralho.

Qual o que você mais gosta?

— Ah, porra é ótimo. Acho porra ótimo.

Contabilista tem bronca de cornudo

Paulo Celso, contabilista, 38 anos: qual é o pior palavrão?

— É ser um cornudo.

Palavrão deve ser publicado na imprensa?

— Acho que sim.

Por que?

— Porque já está se tornando natural.

Com quem você fala palavrão?

— Entre colegas.

Entre mulher, não fala?

— É difícil.

Não fala por que?

— É o respeito.

ELITE NÃO DEIXA FALAR

Silvia Vatuvaque, estudante, 16 anos, não fala muito palavrão "porque o meio social não permite":

— O palavrão é uma forma das pessoas jogarem pra fora o que estão sentindo e nesse ponto eu acho uma boa porque se não jogarem pra fora, eles vão transformar isso em agressão.

Que tipo de meio social faz com que você não fale palavrão?

— Um meio, vamos dizer, elítico, mais elevado, sabe?

E por que você não fala palavrão nesse meio?

— Sei lá, acho que é uma convenção, um troço assim.

Você acha que palavrão é coisa de baixo nível?

— Não, não acho porque qualquer um fala.

Você fala palavrão na frente dos seus pais?

— Não.

Por que?

— Sei lá, convenção. E nem eles falam palavrão na minha frente. Eu e meus irmãos também, nem entre nós não falamos palavrão.

Com que tipo de gente você fala palavrão?

— Pessoas da minha idade.

De qualquer sexo?

— De qualquer sexo.

Você fala palavrão com os meninos?

— Falo.

Que tipo de palavrão você fala?

— Pode falar?

Pode.

— Puta que pariu, porra.

LÍNGUA NÃO SERVE PRA ESSAS COISAS

Vitorio Trentino, jornalista, 63 anos, avisa logo:

— Ah, se eu vou dar minha opinião sobre o palavrão, você vai dizer que eu sou quadrado. Olha, minha opinião sincera é que o palavrão não devia nunca de existir.

É errado falar palavrão?

— Eu acho errado, as pessoas devem ter um pouquinho de educação e não falar palavrão, porque a pessoa que habitua fala palavrão, fala em qualquer lugar, até no lugar que não deve. Eu acho que o palavrão não é pra língua portuguesa, não é pra essa língua.

Seus netos falam palavrão?

— Deve de falar, na hora que o pai não está perto... pelo menos na minha frente eles não falam.

Alguma vez já falaram e o senhor repreendeu?

— Já. Mesmo a gente reprimindo, eles falam; se não reprimir, vão falar mais ainda. Os pais que não reprimem o palavrão no filho vão se arrepender mais tarde. Agora, eu não me arrependi. Sou contra o palavrão. Agora, os outros, cada um, cada cabeça uma sentença.

Vítima do palavrão acusa tortura

Plínio Marcos, escritor: você acha que o palavrão deve ser publicado em qualquer situação?

— Qualquer situação.

— Qualquer texto.

Seja n'O Estado de SP...

— N'O Estado de SP, nas Folhas, e até dentro da bíblia tem palavrão.

Na bíblia tem palavrão?

— Tem. O que é que você entende por fornicar?

Mas você não acha que o palavrão choca?

— Choca as pessoas que são chocadas por natureza, né, então, por exemplo, tem pessoas que achavam que a gente queria, por exemplo, destruir a família deles com palavrão. Ora, se uma família se desmonta porque ouve um palavrão, é a família que é fraca.

A censura cai em cima do palavrão?

— Eu fui uma das vítimas de uma contracampanha, porque evidentemente que nenhuma peça minha foi



Palavrão sem tortura pode

proibida por palavrão, sabe, por exemplo, quando eles reproberam *Navalha na Carne*, *Abajur Lilás*, eles diziam que a gente atentava contra a moral e os bons costumes, mas, na mesma ocasião, só pra provar que não era isso, eu fiz um show onde contava piada com palavrão à vontade, e foi permitido. Agora, do *Abajur Lilás*, que era um denúncia

Ficou chocado com a palavra do jornal

José Pereira, motorista de ônibus, 36 anos: você já viu palavrão em jornal?

— Eu já.

E achou o que?

— Ah, eu achei horrível.

Que palavrão que era?

— Ah, não posso nem falar.

Por que? É muito feio?

— É, sim. Eu vi o jornal na banca e não dá nem pra falar, principalmente pra

mulher. Um palavrão horrível aquele, eu não sei como se escreve aquilo no jornal.

Qual é o pior palavrão pra você?

— O pior palavrão? Fica difícil de eu falar, viu? Eu acho difícil falar viu?

Mas é xingar a mãe do cara?

— É. A mãe, o pai... que bote família no meio.

te, nem merda se usava. A primeira vez que a palavra *putaria* foi usada em texto foi numa entrevista com o Erasmo Dias (coronel do Exército e deputado federal). Foi janeiro do ano passado.

A respeito de que ele estava falando?

— A gente perguntava se ele não achava que com a liberalização dos costumes a prostituição estava diminuindo. Ele disse: muito pelo contrário... esse negócio da menininha sair com o namorado, depois dá pro namorado, é a mesma putaria.

Você se lembra qual o palavrão mais forte que saiu na revista?

— Ah, eu não sei... bom, eu acho que *buceta*, por exemplo, nunca usamos... talvez seja *puta* o mais forte. *Foda* a gente já usou, *foder*...



Não dá nem pra falar

A FESTA DE SEU JOÃO



OS HOME TÃO BRINCANDO COM FOGO!

SR. CAPITAL ESTRANGEIRO ACEITA COMO LEGÍTIMA ESPOSA A S^{ra} INICIATIVA DEPRAVADA?

FAÇO GOSTO NESTE CASÓRIO.

A MINHA QUADRILHA JÁ ESTÁ BEM ENSAIADA.

POIS A MINHA ESTA COM A CORDA TODA!

GIRANDA, CIRANDINHA VAMOS TODOS CIRANDAR, VAMOS DAR A MEIA VOLT, VOLTA E MEIA VAMOS DAR O SALÁRIO QUETE DEMOS ERA POUCO E SE ACABOU, A GASOLINA AUMENTANDO TUA VIDA PIOROU...

SEGURA A BATATA QUENTE!

FIESP

M.T.

FOME

INFLAÇÃO

BIVIDA EXTERNA

FINÇOS

CORRUPÇÃO

PACOTES

SALÁRIO MÍNIMO

ESPECULAÇÃO FINANCEIRA

GUIDACCI



Tropas da PM formadas dentro do prédio d'O Estado de SP

A greve dos jornalistas de São Paulo durou uma semana. Foi a primeira, desde 1963. Teve piquetes, violência policial, fura-greves famosos. No fim, aumento que é bom não veio, mas os jornais tiveram bom prejuízo: foram às bancas

todos os dias, porém os leitores sacaram a falta de noticiário e as vendas caíram. Rádios e tvs também perderam dinheiro. Os patrões tiveram que trabalhar para cobrir a falta dos profissionais.

Foto de Wagner Avancini/Central

VENDA DOS JORNAIS CAIU

Os jornais conseguiram ir às bancas nos dias de greve, mas bastava uma conversa com jornaleiro para sentir como as coisas iam. A venda de jornais caiu e muitas bancas foram prejudicadas porque a tiragem também diminuiu. Sem contar os atrasos, provocados pelo retardamento do fechamento da edição e pela ação dos piquetes na saída dos caminhões de entrega. Mas não foi só isso. Os jornais venderam menos porque não tinham notícias da cidade, o que mais interessa a todo mundo. E porque tiveram que encher espaços vazios com o que estivesse à mão, seja matérias frias (sem atualidade) ou mesmo anúncios com tamanho aumentado e até anúncios grátis, só para não ter páginas em branco. Os leitores, que não são bobos, perceberam logo que os jornais não eram os mesmos. Nem precisou avisar pra não comprar jornal.

Patrões chamam polícia contra jornalistas em greve

Reportagem de Rivaldo Chinem e Eduardo Correia



Polícia garante saída de caminhões

Foto de Wagner Avancini

Jornal não cumpre acordo

Um dos integrantes do Comando Geral de Greve conta como foi um dos piquetes no *Estadão*.

— Na noite de quarta-feira, dia 24, nós nos revezamos pelos três portões, tentando convencer os colegas de redação, gráficos, pessoal de administração, a não entrar para trabalhar. A ordem do Comando era de que o piquete fosse totalmente pacífico, que se evitasse qualquer confronto com a polícia. O momento decisivo seria a hora da saída dos caminhões de distribuição dos jornais. A repressão policial começou quando se procurava evitar a entrada dos caminhões, por volta das 10 da noite.

Os caminhões entraram?

— Inicialmente os caminhões tentaram pela rampa de saída. Nesse piquete, havia umas 100 pessoas que se sentaram na frente dos caminhões. A PM ameaçou

os piqueteiros, caso não se desimpedisse a passagem, o que não aconteceu. Daí, a polícia empurrou, chutou, desceu com cassetete, bomba. Apesar de todo mundo apanhando, ficamos na frente dos caminhões, que tiveram de ir embora, procurar outro lugar para entrar.

Quer dizer que não entraram?

— Por ali não. Entraram pelo portão principal. O pior é que pouco antes havia chegado a notícia de que os fura-greves do *Jornal da Tarde* só concordaram em trabalhar porque o Rui Mesquita garantiu que não seria tolerado qualquer violência nas portas dos jornais. Para ter violência, ele preferia não soltar os jornais. Por volta das duas horas de quinta-feira, na hora dos caminhões saírem, os Mesquita mandaram o Francisco Pinheiro, vice

presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, chamar um grevista, que só subiu na condição de que os caminhões não saíam enquanto se negociava. Foi exatamente o que não aconteceu porque enquanto o nosso representante estava lá em cima, a polícia agiu com muito mais violência do que antes, dando pancada, jogando bomba e metendo o caminhão em cima dos grevistas. Dois jornalistas tiveram que se medicar no Pronto-Socorro. O primeiro caminhão quase atropelou uma jornalista (Marta, da Última Hora), que se machucou feio. Foi um major da PM quem deteve o caminhão, senão ele passava por cima.

Por que a PM foi ao jornal?

— Eu conversei com o capitão que comandava a tropa e ele me disse que estava atendendo a um pedido da direção do *Estadão*.

O que você acha da atitude do Estadão?

— Vergonhosa. Principalmente partindo de um jornal que durante os 100 anos de vida defendeu as liberdades democráticas, chegando a ganhar prêmios internacionais, mas que na hora de pôr o seu jornal na rua utiliza os mesmos métodos que os do regime que durante tanto tempo ele combateu.

DIRETOR DO SINDICATO ACHA ESTADÃO INDIGNO

Francisco Pinheiro, vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, piqueteando nas portas do *Estado de S. Paulo*, foi, às 3 horas da manhã de quinta-feira, segundo dia de greve, chamado pela direção do jornal. Ele conta como o jornal desrespeitou a promessa de não iniciar a sua distribuição durante a conversa que queria conversar com os grevistas.

Por que você foi chamado pelos diretores do Estadão?

— Através do chefe de segurança interna do jornal, eles pediram a presença do chefe do piquete na porta do jornal. Propusemos uma comissão de três jornalistas. O chefe de segurança subiu novamente e voltou dizendo que os diretores do jornal não aceitavam a proposta. Fui escolhido, como vice-presidente do Sindicato, para conversar com os diretores.

Como é que foi o negócio?

— Subi acompanhado por um PM e o chefe de segurança, e fui recebido na diretoria pelo Luis Vieira de

Carvalho Mesquita, pelo Fernão, Júlio César, e Rofrigo, filho do Júlio, e pelo Rui Mesquita. A primeira coisa que fiz foi reclamar das violências cometidas por volta das 10 horas da noite de 23 de maio e pedir a manutenção do quadro do momento, isto é que não houve pancadaria contra os jornalistas.

Eles concordaram?

— Concordaram. Quanto à repressão, disseram que não tinham nada a ver com aquilo, que tinha sido coisa da PM.

Como foi o diálogo?

— Durou quase uma hora e só foi conversa mole, sexo dos anjos. Num determinado momento, um elemento do jornal entrou na sala e disse "dr. Luís, tudo OK" e fez um gesto de positivo com o dedo. O Luis Vieira perguntou "tudo bem o que?" e ele respondeu dizendo que os caminhões já estavam na rua.

O que você fez?

— Me levantei depressa, disse pra eles que faltava dignidade à empresa e fui embora.

Você acredita que os Mesquita chamaram a polícia?

— Não tenho a menor dúvida. Até o capitão da PM confirmou isso.

Diretores não estão nem aí

A rampa de saída dos caminhões de distribuição do Estado de S. Paulo era usada para a saída, tanto dos diretores do jornal como dos fura-greves que tinham carros (os que usavam os ônibus da empresa entravam abaixados e com as cortinas fechadas, para que nenhum piqueteiro os visse).

Por esta rampa saíram Júlio Mesquita Neto, que diante do piquete sorriu embaraçado, abriu dois dedos e de seu Passat, recebeu os impressos e o jornal *Unidade* (do Sindicato) e sumiu logo depois.

O embaraço dominava também o carro de alguns fura-greves, que sorriam amarelo, sem esboçar qualquer resposta, a não ser

Dono de jornal agride repórter

Primeiro dia de greve. Porta do *Diário Popular*, centro da cidade, à tarde. Flávia Adalgisa, repórter miudinha da Tv-Tupi, faz parte do piquete que tenta impedir o acesso ao prédio. Coisa difícil: há duas entradas, e ainda uma terceira, a do hotel Jaraguá, por onde se chega ao jornal. O piquete não barra ninguém à força. Conversa apenas com quem tenciona entrar, perguntando com educação: "você é jornalista?" E pedindo para aderir ao movimento. O mesmo pedido, quase, é feito a outras pessoas que vão lá para anunciar no jornal. Mas não há ameaças. Tem gente

um tímido "depois eu vou explicar tudo" ou um "você estão fazendo a coisa errada", não sendo todavia, capazes de dizer o que era errado.

Rui Mesquita, diretor do *Jornal da Tarde*, sentado ao lado do motorista, num Opala duas portas, saiu sorrindo, bem rápido, quase atropelando alguns piqueteiros. O único diretor do jornal que respondeu aos grevistas foi Homem de Montes, que ao ouvir o pedido de 25% de aumento limitou-se a abaixar um pouco o vidro do carro e dizer um "trabalhem", fechando imediatamente o vidro e fazendo avançar o carro.

que entra e gente que não entra. Tudo vai bem até que chega um dos donos do jornal, Armando Ferrentini. Nervoso, não se conforma com a tentativa de Flávia Adalgisa de barrar sua entrada. Grita pra ela: É essa bostinha que vai me impedir de entrar? Não contente com isso, parte pra cima dela o homenzarrão e só não bate porque outros piqueteiros o seguram. Transeuntes param para ver a cena. Tumulto. Finalmente, o dono entra. Alguns homens do jornal colocam-se por trás do piquete, como para garantir a entrada de anunciantes e funcionários (e ouvir o papo dos jornalistas em greve).

Fura-greves foram tratados a pão-de-ló

Sexta-feira à noite, dia 25 de maio, o mural do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, já bastante cheio àquela altura, tinha mais uma imensa lista de nomes de fura-greves do grupo O Estado de S. Paulo (*Estadão*, *Jornal da Tarde*, *Agência Estado*, *Rádio Eldorado* e serviço de Comunicações). Eram, ao todo, 50 nomes, mas a lista ainda estava incompleta. As pessoas que constavam dessa lista foram vistas pelo Comando da Greve, como os jornalistas e escritores Luis Fernando Emediato (autor de "Não passarás o Jordão", "Rebelião dos Mortos", e colunista do *Pasquim* nas "Cartas de São Paulo"), Ivan Angelo ("A Festa"), Leo Gilson Ribeiro ("Cronistas do Absurdo"), e Marçal Versiani e Oliveros S. Ferreira, ambos do *Estadão*. Todos eles ocupam altos cargos, com exceção do repórter Luis Fernando Emediato, que ganha muito bem, por volta de Cr\$ 50 mil mensais. Dois ex-diretores do Sindicato dos

Jornalistas na chapa de Audálio Dantas também furaram a greve no *Estadão*: Wanderlei Middei e Luis Carlos "Barriga" Ramos.

Os fura-greves do *Estadão*, acampados na redação desde o fim da assembléia de terça-feira, passaram bem: comeram camarão, regado a vinho chileno, no Padocinho, o restaurante dos executivos do jornal.

Houve uma mostra da abertura dos Mesquita: na seção de montagem, Julinho Mesquita viu todo mundo meio desanimado, perguntou quem tocava violão, alguém se apresentou. Ele mandou o rapaz buscar o violão em casa; arrumou até um carro do jornal, o rapaz foi. Ao voltar, dedilhou alguma música, tentou cantar, mas o clima ainda era de desânimo. Julinho Mesquita disse: "Deixa o violão de lado, esquece, volte a trabalhar".

Na redação do *Diário Popular*, um jornal que vive só de classificados, os poucos repórteres que furaram greve tomaram uísque escocês.



Piquete da Folha atacado pela polícia

Foto de Ricardo Giraldez/Central

Helicóptero alugado fura piquete

Sexta-feira, véspera de futebol. Fotógrafos se reúnem no sindicato para discutir. Como impedir que alguns furem a greve e fotografem o jogo? Muitas idéias aparecem e uma delas seria passar manteiga nas lentes das máquinas dos furões.

No dia seguinte, os piquetes dos fotógrafos são vitoriosos. Nenhum fotógrafo entra no estádio do

Morumbi. Mas a *Folha* e o *Estadão* alugaram um helicóptero da Votec (uma das empresas do grupo *Jornal do Brasil*) e do qual dois furões fotografaram o jogo. Os grevistas, porém, conseguiram que os jogadores do Francana, que jogava contra o Corinthians, entrassem em campo com uma faixa que tinha os dizeres: "Torcedores, os jornalistas estão em greve, desligue seu rádio, não compre jornais".



Jogadores ajudam jornalistas

Foto de Irmo Celso/Unidade Sindical

GREVISTA É CHAMADA DE PROSTITUTA

Quarta-feira, segundo dia de greve. A jornalista Ireda Cardoso, da editoria de Educação da *Folha de S. Paulo*, foi buscar seu salário e pediu para um funcionário da portaria do prédio para acompanhá-la. Entrou, sem querer, na redação da *Folha da Tarde*, no 2º andar (a *Folha de S. Paulo* fica no 4º). O editor, Antônio Aggio Júnior, mais policial do que jornalista, fura-greve, ao vê-la, nem perguntou nada, foi ofendendo:

— Sua prostituta, alca-queta! ele berrava.

Ireda, não aceitando, a provocação virou as costas e foi ao departamento de pessoal. Na volta, encontra Aggio no elevador, tentando se explicar: "Quem vem acompanhada de funcionário da casa ou é da segurança ou do Comando Geral da Greve". Ela, ainda bastante nervosa, responde educadamente à acusação, vira as costas e sai.

TENENTE ALUCINADO PRENDE DOIS

Na quarta-feira a noite para quinta de madrugada, 2º dia da greve se registram choques entre polícia e jornalista nos piquetes do *Estado* e da *Folha de S. Paulo*. Seis jornalistas foram presos e levados para o Deops. Aqui, um deles conta a história.

Por quê você foi preso?

— Não foi ao caso. Eu estava fazendo piquete na porta da *Folha* desde o meio-dia, com o pessoal da PM a um metro atrás de mim. Acho que fiquei marcado. Na hora que quebrou o pau, os PM ficaram paranóicos. As bombas estourando, os caminhões saindo à toda da garagem, o cacete baixando firme nos jornalistas. Ocorreu, então, que uma perua da *Folha*, propositalmente ou não, parou. Os jornalistas debaixo de pau, correram na janela tentando cabalar o motorista. Aí a coisa ferveu. Quatro companheiros foram presos neste momento. Eu e outro companheiro estávamos perto, tentando uma discussão entre alguns jornalistas e os PM. Aí um tenente, que estava completamente alucinado, apontou para mim e para o colega e disse simplesmente: "prende estes dois".

E daí?

— Dois PM me pegaram e me torceram o braço enquanto me levavam. Eu disse que não precisava torcer, que eu iria numa boa. Quanto mais eu falava, mais ele torcia, dizendo: "cala boca, filho da puta, eu te levo como quiser". Os olhos dele brilhavam...

Para onde te levaram?

— Me jogaram numa variação de beje junto com os cinco colegas, com dois agentes na frente e mais dois PMs. Foram até o Deops enchendo o saco, chamando a gente de viado e coisa e tal. Tavam loucos para dar porrada na gente. Uma hora eu tentei conversar em voz baixa com um colega e o PM quase me bateu...

Você acredita que o Otávio Frias, dono das Folhas, tenha chamado a polícia para bater nos grevistas e prender vocês?

— Eu não tenho a menor dúvida. Até no boletim de ocorrências isso ficou patente: a vítima é a empresa *Folha* da manhã, dono do grupo folhas. E eu, conversando com um agente do Deops chamado Tatau, perguntei como seria a ação da polícia, caso os piquetes sentassem na frente dos caminhões na hora da saída. Ele disse que aguardaria instruções do Frias.

Luís Pingueli, físico da Universidade Federal do Rio de Janeiro, teme os efeitos da instalação de um depósito de lixo atômico das usinas de Angra dos Reis em Xerém, na Baixada Fluminense. A população local esta apavorada e revoltada.

FÍSICO ADVERTE: POVO DE XERÉM EM RISCO DE VIDA

Reportagem de Tim Lopes. Fotos de Chiquito Chaves

Resolveu-se — diz Luis Paulo Pingueli — que o depósito de rejeitos radioativos de baixa e média atividade dos reatores nucleares será localizado em Xerém, cidadezinha próxima a Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.

Esses rejeitos são constituídos de luvas, trapos, roupas especiais, peças removidas do reator, ferramentas, tudo contaminado pelo bombardeio que sofrem dentro do reator pelas partículas emitidas dos núcleos atômicos. Além disso, há os materiais radioativos que escapam para a água de refrigeração e são removidos dela por tratamento especial. Tudo isso será acondicionado ou solidificado em tambores de 55 galões, retirados continuamente da central nuclear em operação, e transportados para Xerém, onde serão empilhados.

Embora menos perigoso

do que o combustível queimado, que é retirado parcialmente do reator a cada ano, os rejeitos que irão para Xerém são também perigosos. Por isso, deverão ser protegidos do contato humano ou de animais e o depósito deveria estar longe de regiões populares, de plantações, de águas que sirvam às populações.

Na decisão de se armazenar esses rejeitos em Xerém, quem foi consultado? Só os técnicos do governo federal, sem ouvir os cientistas independentes, o povo, os governos estadual e municipal, os órgãos legislativos. O desprezo pela opinião pública foi total. Cabe ao povo pagar a conta, arriscar sua pele e não opinar. Que abertura é essa? Ela não incluirá o setor nuclear? Não é assim na Alemanha, de onde estamos importando essa tecnologia. Lá, estão proibidas as construções de

reatores como esse que importamos, até que se tenha uma solução aceitável para armazenar o lixo radioativo de alta atividade. Esse lixo — constituído de combustível irradiado com ou sem reprocessamento — no Brasil ficará em uma piscina junto ao reator, por enquanto. E depois? Para onde irá? O que estarão tramando os órgãos do setor nuclear governamental? Qual a surpresa que nos reservam?

São perguntas sérias porque esse lixo será muito mais perigoso do que o de Xerém, pois é capaz de matar um homem que se aproxime dele e permanece perigoso por milhares de anos.

Por enquanto, devemos cuidar do problema de Xerém, que já é real. A escolha foi adequada, a população devia ser ouvida?

Com a palavra o povo de Xerém."



Professor Luis Pingueli pergunta: "que abertura é essa?"

Os moradores: revolta contra o lixo

Em telegrama enviado ao deputado federal Hidekel Freitas Lima, da Arena fluminense, o Ministro das Minas e Energia, César Cals, recomendou à Comissão Nacional de Energia Nuclear que estudasse outro local, de preferência uma ilha não habitada, para servir de depósito de despejos radioativos provenientes da usina nuclear de Angra dos Reis. Isso não passa de uma recomendação, clara no telegrama. Até agora, para todos os efeitos, Xerém continua como lugar mais apropriado, segundo os técnicos do governo. Uma semana antes do telegrama enviado pelo Ministro à bancada da Arena na Baixada Fluminense, o sr. Rex Nazaré Alves, diretor da Comissão Nacional de Energia Nuclear, em Curitiba, falou que o local já estava escolhido e pronto. Como se vê, de concreto mesmo não existe coisa nenhuma, a não ser o clima de expectativa e medo que vive a população, no meio de mais uma jogada política.

• — O Haroldo de Andrade esses dias no programa da rádio Globo disse que tinha pena da gente por causa do lixo atômico que vem prá cá. Eu escrevi logo uma carta prá ele dizendo que também sentia pena dele e de todo o mundo. O lixo será depositado perto de um manancial de água que vai para o reservatório de Irajá, e além disso temos aqui coisas importantes como o Instituto Nacional de Pesos e Medidas, o pessoal que trabalha no Ministério da Fazenda e que mora aqui nos conjuntos habitacionais. Temos muitas crianças isso é um perigo minha Nossa Senhora será que vão deixar que isso aconteça? (professora Leila Nader Dasmaceno, moradora há 20 anos em Xerém)

• — Prá mim é um motivo errado. Vai prejudicar muita gente. Começa que quem é dono das terras vai ter que sair. Dizem que isso prejudica a saúde apesar de já estar prejudicando há muito tempo com a poluição das fábricas que estão sendo montadas por aqui. (cozinheiro, Manoel Avelino)



• O leiteiro Pompeu Alves Moreira, de 71 anos, aposentado pelo Funrural já ouviu falar "nesse negócio de lixo atômico que prá ele é "uma nojeira". Enquanto descarrega as vasilhas ele dá sua opinião:

— Temos que nos excusar de lixo. Não podem fazer isso com a gente. Eu no meu entender, é muito ruim por que ninguém fala bem, não é mesmo? Já não chega o cheiro forte da Rioquímica que deixa a gente tonto aqui em Xerém".



• José dos Santos, especialista em Raio X, tendo trabalhado durante 30 anos, dentro da Fábrica Nacional de Motores, hoje Fiat, diz que foi saber do depósito de lixo atômico em Paraíba do Sul, onde mora. Ele é dono de uma das duas farmácias em Xerém onde os remédios mais vendidos são contra a verminose.

— Tá todo mundo apavorado. Vem esse bicho prá cá, tá todo mundo doido. Eu já sei o que pode acontecer porque trabalhei 30 anos com raio X e sei como são essas coisas, não que seja o lixo igual o raio X mas eu acho que prejudica tanto um quanto o outro.



• — Para destruir o governo está sempre pronto, agora para conservar não é nada com ele. Todo mundo sabe que, de qualquer maneira, botar uma coisa dessa aqui vari ser prejudicial. Quem sofre é o povo que está sempre na desgraça e nunca é levado em consideração.

Quem fala é Natalino Antônio de Barros, dono do bar Natal, no Largo da Mantiqueira, morador há 30 anos em Xerém.

ATÉ AGORA, UM LUGAR PACATO, CHEIO DE VERDE

Na raiz da serra da Mantiqueira se estende Xerém que, em linguagem indígena, quer dizer canji-quinha. É o quarto distrito de Caxias, subdividido em vilarejos como Amapá, Capivari, Lamarão, Mantiqueira e Santa Rosa e tem uma população de 35 mil habitantes fixos e 25 mil flutuantes. A área de 300 mil metros do posseiro Joviano de Campos, mineiro, que vive do fabrico de queijo, foi escolhida para abrigar o lixo atômico. Fica dentro de uma das maiores reservas florestais da Baixada Fluminense, um dos poucos lugares onde a população pode fazer turismo com pouco dinheiro.

Distante 50 quilômetros do centro do Rio, Xerém tem nos seus dois rios, Registro e João Pinto, que nascem na serra, sua maior riqueza. Ele fornece através das duas adutoras da Cedae três mil litros de água por segundo às populações do Rio de Janeiro e Caxias. Sem contar com a adutora que a Petrobrás usa para seu próprio consumo, numa vazão de 750 mil litros por segundos. As sobras das



Do alto da Igreja Nossa Senhora das Graças, a vista de Xerém

águas das duas represas foram uma cachoeira e é, nos fins de semana, muito procurada pela população, que longe das praias, vão ali banhar-se. O distrito possui trinta veios de água, plantações de aipim e banana.

Xerém é cortada em sua extensão pela estrada Rio-Petrópolis, uma das principais saídas do Rio, onde transitam aproximadamente 20 mil pessoas por dia sem contar o fluxo de veículos que vai para Minas Gerais e para o norte e nordeste do Brasil. Na localidade existem oito linhas de ônibus, 80 casas comerciais, três motéis, uma churrascaria, 10 pensões, uma feira livre com 60 barracas, três postos de

gasolina, seis escolas estaduais e dez municipais, perfazendo um total de sete mil estudantes. E ainda tem o campus universitário da Sociedade Universitária Madeira de Ley. Essas informações constam de um relatório elaborado por um policial da 61.ª Delegacia Policial de Xerém.

Das vinte indústrias, a Fiat, antiga FNM, é uma das principais, tem um hotel luxuoso só para estagiários italianos, possui uma vila com 13 casas confortáveis para os diretores.

Em Xerém está também a sede do Instituto Nacional de Pesos e Medidas e a Companhia de Distritos Industriais.

Padre lidera reação de 50 mil

O padre Lins, da igreja Nossa Senhora das Graças, a principal de Xerém, que ainda conta com mais 18 templos, tem ao seu redor 50 mil fiéis. Está há dois anos no distrito e só espera a confirmação sobre o depósito para liderar um movimento contra a sua instalação.

— Padre Lins o que o senhor pensa sobre o lixo atômico na Baixada?

— Como eu posso pensar numa coisa absurda dessas. Estão querendo fazer de Xerém um cemitério atômico. E quando eu tiver certeza que será aqui mesmo vou usar um veículo poderosíssimo que é a palavra. Conto com o apoio de 50 mil pessoas que estão dispostas a lutar até o fim. A instalação desse depósito trará consequências drásticas, isso aqui não é um deserto. Acredito piamente que o presidente João Batista não vai permitir uma coisa dessas. Aqui temos a exuberância do verde. Eu francamente não entendo com tanto lugar desabitado pelo Brasil escolheram logo a Baixada.



Padre Lins: "querem fazer daqui um cemitério atômico"

● — *Prá mim, é um absurdo fazerem isso. Temos uma represa, um clima bom e a maioria da população é composta de crianças. Porque não procuram um lugar descampado pelo Brasil a fora? tem tanto lugar. Não, foram arranjar a Baixada Fluminense para lixeira. (Luís Mário, farmacêutico)*

... e muito medo



● O alfaiate Luís Carlos Martins Areas vive em Xerém há sete anos. A alfaiataria dele fica no largo da Mantiqueira. Luís diz que vai mudar, não sabe prá onde, se a localização dos rejeitos atômicos forem jogados ali. Diz porque: — Já não basta ser premiado com a Petrobrás, agora vem esse lixo atômico. Tô cansado de ver colegas falarem que se for realmente implantado esse depósito vão dar no pé. Acho isso um crime. Se pelo menos esclarecessem as pessoas, dizendo o que é, para que serve, tudo bem. Mas não, vão entrando, fazendo o que querem, sem respeitar os moradores..



● — Não fomos consultados em nada. Considero uma piada o governo permitir fazer o depósito de lixo aqui no nosso distrito. O representante daqui na Câmara Municipal de Caxias é um vereador da Arena, o José Ribeiro, que tirou o time dele de campo e deixou a população se virar contra essa afronta. Eles pensam que Xerém é o fim do mundo. (Messias da Silva, barbeiro, suplente de vereador pelo MDB).



● Márcio Fagundes, gerente do Samukas City, uma casa de serestas perto do local do depósito atômico, já foi jornalista: antes de 64, ele trabalhava no tablóide Reação, fechado pelo primeiro governo militar.

— Isso é uma vergonha. Há três ou quatro anos, a Suécia quis jogar seu lixo atômico em alto mar, numa caixa de chumbo, e o governo brasileiro não permitiu porque estava próximo das nossas duzentas milhas. Agora quer guardar o lixo atômico em plena Baixada Fluminense. É uma incoerência. Por que não guardam lá em Nogueira, onde mora o Figueiredo, ou em Tere-sópolis, onde está o Geisel?

POSSEIRO JOVIANO DIZ QUE ESPERA INDENIZAÇÃO

Joviano, posseiro do sítio onde o governo resolveu instalar o depósito atômico:

— O exército disse que aqui não vai ter mais nada. Se vocês quiserem alguma informação procurem eles que sabem de tudo.

Arredio, seu Joviano, no mesmo instante, começa a preparar os seus queijos, dando o caso por encerrado.

Mas, Seu Joviano o senhor tem algum papel que diga que não será mais feito a instalação de depósito?

— Não tenho não, Já estou cansado disso de ter que falar com todo o mundo. Desde do dia que eles invadiram aqui que perdi a paz. A primeira vez eles entraram ficaram olhando tudo, nem pediram licença foram logo entrando. Duas, três vezes. Aí, não aguentei mais, fechei a cadeado o portão e tiveram que falar comigo. Fizeram três buracos um com dezessete metros de profundidade. Eu quero ver como vai ficar a minha indenização.

O sítio de Joviano tem 584 mil metros quadrados, oito nascentes de água potável, uma casa de moradia e pequenas construções que servem de chiqueiro, estábulo e local para a fabricação de queijo minas.



Posseiro Joviano: "eles foram invadindo tudo isso aí"

● — *Acho isso um desastre não só para os moradores da Baixada em geral como para o Rio e Petrópolis. Só na estrada que liga as duas cidades passam diariamente 200 mil pessoas fora o fluxo de veículos que vai para Minas Gerais. O pessoal está todo pulando. (Detetive Joel Coelho Dias)*

Clínica da Baixada é matadouro de crianças

Reportagem de Vera Lúcia Dias

Em Nova Iguaçu, qualquer pessoa que fale sobre a clínica pediátrica Prontonil, única na região que tem convênio com o Inamps para internação, se refere a ela com comentários do tipo: açougue ou matadouro de crianças. Para quem passa pela primeira vez na estrada Plínio Casado, fica difícil acreditar que uma casa de saúde com uma aparência tão bonita, que, inclusive, é considerada pelo Inamps como de primeira categoria, possa abrigar tanta precariedade.

Existindo às custas do convênio com o Inamps, já que seria impossível sobreviver na Baixada, como hospital particular, cobrando um depósito de Cr\$ 10 mil e diária de Cr\$ 1.500, a clínica se prevalece disso para

lucrar em cima da saúde precária da população. Para tanto, superlota suas dependências, que em termos reais, só teriam lugar para 300 pacientes, paga salários de fome às auxiliares de enfermagem, que são totalmente despreparadas, e utiliza a mão-de-obra de acadêmicos, bem mais barata do que a de um profissional formado.

Com uma média de internação diária que nas épocas de maior movimento chega a 15, 20 pacientes, a Prontonil, segundo funcionários e médicos da casa, apresenta um índice de mortalidade diária de quatro a cinco crianças. Isso, sem falar nas condições das que conseguem sobreviver. O mais interessante é que essa precariedade só se verifica

com os pacientes do Inamps, enquanto os doentes internados em quartos particulares geralmente não têm queixas. É claro que esse tipo de coisa ocorre na maior parte das clínicas da Baixada, que são sustentadas pelos convênios. E também é verdade que o Inamps tem uma grande parcela de responsabilidade nisso tudo. Se, em vez de fazer convênios que só incentivam os lucros dos empresários da saúde, se preocupasse mais com a saúde da população e construísse hospitais próprios, provavelmente a situação não chegaria onde está: todo mundo querendo passar a perna em todo mundo para lucrar mais e dar menos condições de atendimento médico ao povo.



Foto de Chiquito Chaves

Quem não pode pagar tem que se sujeitar

Terça-feira, 12 de maio. O movimento é intenso em frente à clínica, é dia de visita. Mães entram e saem falando sobre o estado de seus filhos. De vez em quando uma sai com um lenço nos olhos perguntando onde fica a funerária mais próxima. A maioria se afasta quando toma conhecimento da reportagem: "Não há mais nada a fazer".

Por volta das três horas, d. Luiza Galdino da Silva, chega, aos berros, no hospital.

— Eu mato esse filho da puta desse médico. Diz pra mim que minha filha tá quase boa e agora ela morreu. Mas eles vão ter que explicar, ah se vão! E se você é repórter como tá dizendo, vem comigo.

Na portaria d. Luiza dá um soco no balcão, e começa a se lamentar, dizendo que deveria ter tirado a filha dali. Uma das recepcionistas a encaminha a uma salinha, e antes que alguém se oponha, ela puxa a repórter para entrar junto. Na salinha "de explicações", como disse a atendente, um rapaz entrega o atestado de óbito a d. Luiza, dizendo que sua filha faleceu por que contraiu pneumonia. D. Luiza chora e grita ao mesmo tempo: quer falar com o

médico. O rapaz pede um copo d'água, diz que sente muito e pede para que ela se acalme.

Quinze minutos depois, durante os quais bebeu um copo d'água, chamou a clínica de açougue e não conseguiu falar com o médico, d. Luiza, um pouco mais calma, conta o que aconteceu com sua filha.

— Minha filha ficou sete dias internada na clínica Nossa Senhora de Fátima com um problema de respiração. Recebeu alta e voltou pra casa. Depois de 10 dias ela se resfriou e, como tava com 38 graus de febre, levei ela no INPS. Aí, a dra. Valda mandou internar aqui. Eu falei pra ela que não queria porque há dois anos atrás eu quase perdi minha outra filha aqui. Ela veio com um problema de inchaço e saiu desntrida. A menina só faltava comer as paredes, de tanta fome. Além disso, veio com problemas de vermes e diarreia, e eles não queriam deixar eu tirar não: Teve que ser à força, porque aqui é assim: eles só dão alta quando morre. O médico do Andaraí, quando viu ela, disse que era preferível ela morrer em casa comigo do que aqui no Prontonil. Eu contei isso tudo pra Dra.



D. Luiza perdeu a filha



D. Maria: sua filha pegou hepatite

Fotos de Custódio Coimbra

Valda, mas ela disse que não tinha outro lugar pra internar e que a menina precisava de internação. Aí eu botei ela aqui morrendo de medo, mas botei. Isso tem 15 dias e minha filha tinha dois meses. Domingo passado, quando vim visitar, o médico disse que ela tinha tido uma pneumonia, mas que já tava quase boa. Só tava tomando vitamina e ia receber alta logo. Hoje, quando eu tô saindo pra vim visitar, recebo a notícia que ela já tinha morrido de madrugada. Isso aqui, minha filha, é um matadouro que bota qualquer mãe lelé da cuca.

D. Maria da Penha dos

Santos, que ouve a história de D. Luiza e já teve a filha internada na Prontonil, também faz acusações.

— Minha filha, com 15 dias de nascida, teve internada aqui. Entrou com desidratação e pegou uma hepatite e uma infecção nos rins. Também só podia pegar mesmo, ficando num berçário junto com crianças que tinham um monte de doença que pega!... Mas é isso moça, a gente que precisa e não pode pagar tem que se sujeitar mesmo.

Nesse momento é d. Ivonete que interrompe para dizer que quer tirar sua filha da clínica, antes que ela morra.

— Ela foi internada com

38 graus de febre no domingo passado, e eles tão dizendo que ela está com pneumonia e laringite. Não acredito nisso e vou botar um médico de fora pra tratar dela, senão, eu sei, morre mesmo. Mas o que eu tenho de conseguir mesmo, é tirar ela daqui antes que se contamine ainda mais.

Mal d. Ivonete acaba de falar, d. Sirene Benoni Pereira sai do hospital, lendo o atestado de óbito de sua sobrinha, que depois de cinco dias de alta, de uma internação de 25 dias na Prontonil por causa de um sarampo recolhido, teve que ser reinternada na clínica, com pneumonia.

— A menina só tinha 10 meses. Ficou internada 25 dias. Já estava há uma semana no oxigênio e isso todo mundo sabe que é um absurdo. A gente tinha que ter tirado e colocado em outro hospital, mas agora é tarde. Ela não teve resistência pra ficar no oxigênio e morreu. Eu bem que falei que isso aqui não prestava.

Elisa dos Santos Pinho, que parou pra ouvir as histórias, diz que jamais internaria seus filhos na Prontonil.

— Prá mim, já chega a minha vizinha que botou a filha aqui com desidratação e a criança pegou sarampo e morreu aí dentro. Tem ainda o caso dos meus irmãos, que saíram vivos, mas um deles veio com a cabeça rachada, de ficar batendo nas grades do berço.

Diretor diz que problema é da Baixada

O dr. Hilton Somma, um dos diretores da clínica (os outros são Luiz Antônio Borges da Rocha e João de Almeida Filho), afirma que para se fazer um julgamento da clínica tem que se levar em consideração o local onde ela está instalada, e as condições em que os doentes são internados.

— Eu não sei quantas pessoas você entrevistou, mas se a gente pensa em uma casa que tem 200 leitos e dois deles vagam por causa mortis, os outros 198 não são levados em conta? A taxa de morte aqui é de 5%, o que é considerado uma porcentagem normal para a Baixada. O principal é observar que as crianças que vêm pra cá têm um padrão tão baixo de vida que não têm dinheiro nem para a alimentação. Então, muitas vezes não adianta nem prescrever o remédio porque sabemos que o paciente não tem dinheiro para comprá-lo. Outra coisa que se tem de ver são as condições de saneamento, e isso é só olhar, aqui nas redondezas mesmo, os esgotos, inexistem. O que há são valas abertas e isso provoca um alto índice de contaminação.

Mas há acusações de que as crianças entram com uma doença e se contaminam dentro da clínica.

— Aí tem que se observar o seguinte: os óbitos que se dão num prazo de internação inferior a 48 horas não são considerados óbitos hospitalares. Agora, na medida em que a gente interna, as pessoas acham que a responsabilidade é toda nossa. No caso da contaminação, há muita ignorância por parte dos pais a causa real da internação. Você há de convir que uma criança que é internada com sarampo tem que ter um agravamento no seu caso clínico para haver a internação, porque só o sarampo não justifica. Então muitas vezes a criança além da doença que os pais têm conhecimento, apresentou um outro sintoma que só o médico percebeu que causou a internação. E aqui o convênio com o INAMPS é só para isso, nós não temos serviço de ambulatório — só particular — todos os doentes de convênio que chegam aqui vêm encaminhados pelo posto médico do INAMPS.

Há muitas queixas contra o serviço de enfermagem, que todos dizem não ter qualidade, e contra

o seu corpo clínico, que teria muito poucos médicos.

— Nós temos duas enfermeiras formadas em curso superior, duas assistentes sociais e 18 médicos formados. Contamos com alguns estagiários, mas estes são uma espécie de alunos, estão aqui para aprender, não contam como corpo clínico. A qualquer hora do dia ou da noite que se chegue aqui há um médico, no mínimo para atender. Tentamos fazer o melhor, mas não dá para resolver os problemas de todo o mundo, e nesses casos a defesa é sempre mais difícil do que o ataque.

Há acusações de que também faltam remédios e material de primeira necessidade.

— Disso aí eu não vou nem falar, é melhor eu levar você ao almoxarifado pra você mesma ver e poder falar. Os remédios e o material estão lá empacotados é claro, mas estão.

O senhor acha então que a população fala sem razão que a clínica é chamada de açougue sem uma causa real?

— Para a população, o médico e o hospital são sempre os culpados, ela não vê por exemplo, que quando o doente chega aqui mal, nós não queremos saber se tem direito ou não a INPS, nosso objetivo é atender o melhor que pudermos para que ele melhore o mais rápido possível.



Dr. Somma, diretor da clínica

Fotos de Chiquito Chaves



Prontonil: bonita por fora, perigosa por dentro

Médicos ganham mal e clínica engana Inamps

Para médicos e enfermeiras que trabalharam e trabalharam na clínica, a Prontonil é deficiente em tudo. Funciona basicamente em função do convênio com o Inamps e, por isso, superlota suas dependências de doentes, pois recebe uma porcentagem em cada leito ocupado. As enfermeiras trabalham somente com mão de obra de acadêmicos de 5º e 6º ano de faculdade. Teoricamente, esses acadêmicos seriam supervisionados por um médico formado, o que não ocorre na prática, uma vez que em cada dia só há um médico formado de plantão. O pessoal de enfermagem é super despreparado, recebe salário mínimo, não tem direito à comida do hospital e quando quebra qualquer material é descontado no salário. Muitas enfermeiras levam termômetro de casa, temendo quebrar o da clínica. Outras não sabem sequer aplicar uma injeção. Só há uma enfermeira diplomada, que só existe para efeitos legais, pois quase não aparece no hospital. Nos finais de semana, a Prontonil fica entregue aos acadêmicos, nenhum médico formado permanece de plantão. Como os bolsistas não podem assinar receitas, ficam com o carimbo do diretor, que

funciona como uma legitimação da prescrição feita.

Os médicos formados, recebem o salário mínimo profissional, sem adicional noturno, nem taxa de insalubridade. Estão sempre sujeitos a um regime de vigilância, que lhes impõe o racionamento quantitativo e qualitativo de medicamentos.

Isso significa que só podem utilizar os remédios existentes no hospital, que, apesar de serem, na maioria, amostras grátis, são cobrados ao INPS. Como se não bastasse, são obrigados a conviver com a falta constante de material de sutura (agulhas, fios, etc.) e de seringas, havendo épocas em que receberam ordens para mandar esterilizar seringas descartáveis. Nas enfermarias, os remédios são prescritos nas papeletas dos doentes, mas não são dados às crianças.

Como o Inamps paga mais caro pelo leito ocupado no Centro de Tratamento Intensivo do que pelo leito da enfermaria, há interesse em manter todo o CTI ocupado para faturar. Quando uma criança chega ao hospital, apresenta o seguinte quadro: no primeiro dia é internada; no segundo, quase sempre apresenta o mesmo estado do dia anterior; no terceiro, de

repente, apresenta um estado grave. Isso leva crianças a serem internadas no CTI sem necessidade, tomando o lugar de outra.

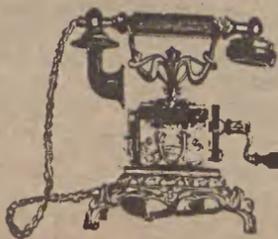
As condições de higiene são as mais precárias. Há berços sem lençol, crianças com pijama sujo e muitas até nuas. A esterelização é precaríssima, uma vez que só é feita quando o hospital está vazio e, mesmo assim, as mamadeiras e chupetas são manipuladas em um mesmo local, independentes de pertencerem a crianças portadoras de doenças infecto-contagiosas. Além disso, o lactário — local onde se prepara as dietas — fica entregue “as baratas” e às atendentes, pois, a única dietista que existe na casa, a chefe do setor, só aparece no hospital uma vez por mês para dar ordens, isso quando aparece, muitas vezes dá as ordens por telefone.

Com todo esse quadro, acontecem coisas do arco da velha: crianças que permanecem horas com agulha na veia, depois do soro ter acabado; que ficam sem comer porque não há pessoal suficiente para dar as mamadeiras; que apanham por não quererem tomar injeção; e que depois de receberem alta são reinternadas por acidentes ocorridos dentro da clínica. Esse foi o caso de uma menina que ficou com queimaduras de primeiro grau porque a enfermeira não viu a temperatura da água para o banho, e colocou-a em baixo do chuveiro fervendo.

ALÔ, ALÔ...

ASSINE REPORTER PELO TELEFONE.

“ALÔ, 253-5038?
DONA LUCÍLIA? EU QUERIA
FAZER UMA ASSINATURA
DO REPORTER...”
ISTO É TUDO O QUE
VOCÊ PRECISA FAZER
PARA ASSINAR E RECEBER
REPORTER EM CASA
OU NO TRABALHO, POR UM ANO.



SE VOCÊ NÃO MORA NO RIO
(OU NÃO GOSTA DE FALAR
AO TELEFONE), PEÇA
UMA ASSINATURA PELO CORREIO.

REPORTER
UM JORNAL DE DISCAGEM DIRETA

CUPOM DE ASSINATURA

— Assinatura por 12 edições: 160,00

— Envie cheque nominal ou vale postal para:

MARGEM EDITÓRIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.

Rio de Janeiro: rua Miguel Couto, 134 conj. 1101/1104 20000 RJ

Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0

Indique a partir de que número você quer sua assinatura..

Nome:

Profissão:

Endereço:

CEP:..... Cidade:..... Estado:

**POR QUE ASSINAR
MOVIMENTO?**



LULA, líder metalúrgico

"Acho que o jornal MOVIMENTO significa hoje algo como a democracia, como a liberdade que a gente tanto espera que haja, que a gente tanto aspira. Porque num país onde a imprensa está amordaçada ao poder econômico, num país onde a imprensa está na mão das elites,

na mão da burguesia nacional, é sempre importante que haja uma imprensa livre, uma imprensa independente, como é o caso de MOVIMENTO. Eu acho que a existência do jornal MOVIMENTO é a própria esperança de que um dia haverá democracia nesse país."

Fone 210-6622 (SP)

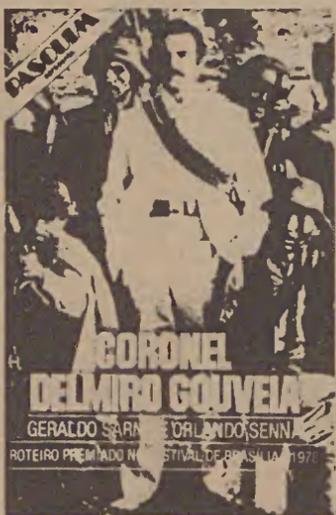
**NICARÁGUA
GUERRILHEIRA** *Versus*
os anjos morrem na estrada



É o primeiro dos cadernos Versus nas melhores bancas e livrarias do país

Agora em livro a história do homem que não quis vender o povo brasileiro.

Roteiro completo do filme. Artigos de Geraldo Sarno, Orlando Senna, José Carlos Avellar e Robert Gréllier. Dados biográficos e revelações inéditas sobre Delmiro Gouveia.



Compre hoje mesmo, nas livrarias ou pelo Reembolso Postal.

MOLEZA!
NÃO PRECISA ENVIAR O DINHEIRO AGORA. É SÓ RECORTAR E MANDAR PELO CORREIO.



CODECRI
A EDITORA DO RATO QUE RUGE.

EDITORA CODECRI — Serviço de Reembolso Postal
Rua Saint Roman, 142 — Copacabana
22.071 — Rio de Janeiro — RJ

Queiram enviar-me o livro "Coronel Delmiro Gouveia", ao preço de Cr\$ 140,00.

Nome: _____

Endereço: _____

Profissão: _____ Idade: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____

**BICHAS E LÉSBICAS
TAMBÉM
FAZEM HISTÓRIA**



LAMPIÃO discute o único tema que ainda é tabu no Brasil: o prazer

Faça a sua assinatura anual (doze números): mande cheque ou vale postal para a Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41.031, CEP 20.000, Rio Janeiro — RJ). Preço: Cr\$ 230,00. Peça pelo reembolso postal o pacote de números atrasados. Cada exemplar custa Cr\$ 25,00.

ELIS REGINA

"Nós vivemos num regime de 1500. São 3 ou 4 mandando."

No ano passado, Elis Regina, entrevistada em um programa de rádio no Rio de Janeiro, disse que estava querendo "falar".

— *Passei 14 anos calada. Agora quero botar tudo pra fora.*

E realmente saiu dizendo, para os que a queriam ouvir, é claro. Foi tomando posição, pedindo liberdade, criticando a censura.

No dia 1º de Maio, foi um dos artistas que participaram do show em São Bernardo do Campo, dando uma força

para os metalúrgicos, da mesma maneira como muitos vêm contribuindo com seus trabalhos nas manifestações político-musicais que estão acontecendo no Rio e em São Paulo.

Falando sobre os trabalhadores, Elis diz que tem inveja do trabalho desenvolvido por eles. Falando sobre custo de vida, propõe um boicote aos supermercados toda vez que os produtos sumirem para provocar aumentos: "não tem óleo, cozinha com banha".



Foto de Custódio Coimbra

O que leva cantores como você a participar desses shows?

— Eu não vejo muita divisão nas carreiras, é só uma divisão pró-forma. No fim, somos mesmo é trabalhadores, e de um tempo pra cá os trabalhadores em geral têm se preocupado com um melhor reconhecimento da profissão, por melhoria de condições de trabalho, por obediência das leis para arrecadações, e que, pelo menos, a lei da distribuição fosse aplicada. No caso da gente, diz mais respeito ao direito autoral do intérprete. Acho que todas essas pessoas que estão engajadas e se enfiaram de cabeça nesse tipo de luta, que é uma luta trabalhista, entre aspas ou não, não consegue ver com distanciamento brigas de outras categorias profissionais, que sejam pelos mesmos motivos. No caso dos cantores, a briga é pela desproteção que a gente tem pela lei atual. As rádios e televisões importam muita cultura, tirando uma parte do nosso mercado de trabalho. Quando acontece um lance, de trabalhadores que estão brigando pelo reconhecimento de sua categoria profissional, ou pelo engrandecimento de sua categoria profissional, a gente não consegue ficar afastado do lance.

— Eu tenho uma certa inveja dos metalúrgicos. Eu queria que a minha classe profissional tivesse a consciência de classe que os metalúrgicos têm. Mas vai demorar um pouco para que a gente chegue a isso, porque é uma profissão muito cercada pelo paetê, pela lantejoula. Na verdade, a gente não só está disperso como não tem liderança que faça como a classe se aglutine. Eu fico fascinada em ver que 200 mil pessoas seguraram essa barra por um longo tempo.

Você tem tido contato com o povo?

— Olha, eu sempre estou em contato com ele. Eu faço, feira, eu fico na fila do açougue, eu faço supermercado, eu faço tudo que todas as pessoas fazem. Se cria uma transação fantástica e irreal em torno das coisas e você precisa até forçar um pouco a barra pra não cair nesse círculo vicioso do comodismo, e não deixar que você mesmo enfie os pés pelas mãos. Então, quanto mais você tiver um contato com a realidade mesmo... Sabe, eu não acredito que o contato com a realidade, e isso eu tenho discutido... eu tenho um amigo que, pra ter contato com o povo, foi morar numa favela, e ele nunca teve tão distanciado do povo como está agora. Não é compositor, não é jornalista, não é nada. É uma pessoa que todo mundo conhece, mas que não vem ao caso. Tá legal, tá vivenciando os problemas de perto, mas objetivamente está fazendo o que? Quando você encontra essa pessoa, ela continua com os mesmos ranços da classe média abastada, que vai ficar com os pobres pra fazer tipo. Isso é muito estranho. Pra gente ter contato com a chamada população, não precisa estar morando na Vila Albertina. O que importa é que você continue sendo bastante sensível, pra não embotar os seus sentidos pra tudo que está acontecendo, é preciso preservar o seu sentido de justiça.

— Nós vivemos num regime de 1500, são três ou quatro comandando tudo, nós vivemos num regime de Capitánias Hereditárias, com uma indústria solta no ABC. A Imprensa de São Paulo está presa na mão de três famílias, assim como a do Rio está na mão de três famílias e a do Rio Grande do Sul na mão de duas famílias, quer dizer, Capitánias Hereditárias da Imprensa. Se você não se sensibilizar com esse tipo de coisa, você é um embotado, um louco, e realmente ter a condição de passar o

dia inteiro olhando para o umbigo, para ver se nasce um pé de couve, porque é um negócio tão flagrante que nem precisa você tá no meio pra você saber. Eu não posso ficar insensível nem deixar de participar, quando eu acho que as coisas que estão acontecendo são do cacete, e até porque eu tenho um certo dom de ser enxerida.

E esse teu contato com o povo, te traz alguma coisa pra tua carreira?

— Olha, meu pai trabalhou a vida inteira numa fábrica de vidro, vivia dos benefícios do IAPI, morava na vila do IAPI. É eu tive uma mãe altamente participante, uma mãe que colocava tudo pra gente, falava das coisas todas, e inclusive fazia uma coisa que eu não vejo as pessoas fazerem e que eu acho maravilhosa, que é o boicote. Vai aumentar a carne, então vamos comer peixe. Vocês não gostam de peixe, mas eu não vou entrar na fila e dar força pra esses filhos da puta. Sabe, a minha mãe é que me deu esse senso de justiça, de analisar a coisa. Sumiu o óleo, então nego fica dando cabeçada e pernada pra comprar óleo, porra! Cozinha com banha, cozinha sem óleo, boicota porra. Vai aumentar o café então toma chá, faz qualquer coise em sua defesa. Afinal, você é consumidor. Esse lance que pinta na minha vida como mulher, dona-de-casa que também tô formando três cabeças, de uma certa forma já está surtindo efeito. O fundamental é que eu não esqueci. Eu tenho um salário legal, é muito menor do que as pessoas pensam, com a vida organizada dentro dos padrões de um músico, que é uma vida bastante incerta e as coisas nem sempre são seguras. Eu vivo das vendagens dos meus discos e dos poucos shows que eventualmente pintam. Então, fica sempre num negócio incontrolado. Não é porque tenha aparecido na capa de revista que vou ter crise de apoteose mental e pensar que sou Rodolfo Valentino. O meu lance é outro.

Você acha que há uma maior liberdade de censura, atualmente?

— Olha, tem algumas coisas que a gente percebe que aconteceram, tem uma séria de músicas que foram gravadas, peças de teatro sendo liberadas, tem cinema pintando aí, uma séria de coisas acontecendo. Houve, realmente, um abrandamento por parte da censura, a gente não pode dizer que não houve. Eu mesmo gravei no meu novo disco uma música da Sueli Costa e Aldir Blanc, que estava vetada desde dezembro (Altos e Baixos) e ela foi reliberada em 24 horas. São coisas palpáveis. O Bêbado e a Equilibrista não podia ser cantada há 7 ou 8 meses e hoje ela está sendo cantada, isso é um dado concreto. Mas essas coisas feitas de outorga, cartas de alforria, não me convencem. Eu gostaria muito mais que a censura tivesse sido conquistada por nós e não tivesse sido uma doação dada segundo o estado do fígado de alguém, da necessidade de causar boa impressão, pelo menos boa impressão. Eu não esqueço que a mão que assinou o não é a mesma que assinou o sim e será a mesma que poderá assinar o não daqui a pouco. Então, fica um bando de gente histérica com a passarinha batendo, porque já tá podendo falar. Eu vou ficar com a passarinha batendo quando todo mundo puder falar tudo, puder comer tudo, todo mundo puder vestir tudo, quanto todo mundo puder tudo, sabe. Enquanto tiver alguma coisa emperrando, eu vou continuar dizendo: atenção, pode ser que tudo mude amanhã, porque tudo é fruto do estado do fígado de alguém; o fígado, hoje, tá manso, nego tá de bom humor, e se ficar de mau humor de novo vai ser broca segurar. Dá pra você se iludir com regime de colégio interno?

Entrevista a
Lídia Maria Gurgel



ESPERTAS

Desconto ilegal de 20% no salário provoca demissão

As coisas estão pretas lá pros lados do Cpderj (Centro de Processamento de Dados do Estado do Rio de Janeiro). Já está dando até demissão. A Confederação Nacional dos Trabalhadores do Comércio (CNTC) impetrou uma ação para decidir o reajuste anual do salário dos empregados da empresa. Juracy Martins dos Santos, diretor da CNTC, através de uma cláusula do acordo firmado entre ele e Júlio Oscar Lagun Filho, pre-

sidente do Cpderj forçou um desconto de 20% do aumento dado no dissídio coletivo do mês passado. Com essa situação houve protestos gerais por parte dos funcionários da Cpderj que estão sendo ameaçados de demissão. A degola começou com o assessor Carlos Ney Calmon, um dos líderes do movimento contra assinatura desse acordo considerado absurdo e ilegal.

Tim Lopes



Cadáveres encontrados em Vitória de Santo Antão, Pernambuco

Esquadrão da Morte ataca em Pernambuco

11 cadáveres apareceram recentemente em Pernambuco, todos com sinais de sevícias espalhados pelo corpo, alguns enforcados, outros metralhados. Os corpos foram encontrados em um canal de um município próximo ao Recife, Vitória de Santo Antão, cidade onde fica a fábrica da aguardente Pitu.

Existe um Esquadrão da Morte em Pernambuco, é a certeza que se generalizou no Estado. Até porque, no início do ano, a polícia da Paraíba encontrou, de uma só vez, outros 11 cadáveres em seu território e, prontamente, acusou a pernambucana de ter desovado os corpos no Estado vizinho, para confundir as investigações. Se os paraibanos têm razão ou não até hoje ninguém sabe, porque nada se descobriu sobre a identidade das vítimas e muito menos sobre seus assassinos.

A técnica, entretanto, é sempre a mesma: a vítima é torturada, morta e jogada nua ou em trajes sumários, sem qualquer documento, em uma região onde ninguém a conhece.

A secretaria de Segurança de Pernambuco abre inquéritos que nada apuram e diz que solicitou ajuda da Polícia Federal. Esta, por sua vez, nada informa. E os mortos são enterrados como indigentes.

Pior é que as autoridades policiais do Estado ainda fazem publicar na imprensa artigos que, indiretamente, pretendem justificar os assassinatos. No dia 27 de maio, o Diário de Pernambuco trazia uma nota da secretaria de Segurança, lembrando que nos últimos dois anos seis policiais morreram em ação, e usando esse fato para afirmar que se Esquadrão da Morte existe em Pernambuco ele é formado por marginais. O que, fosse verdade, deveria reforçar a necessidade de descobri-lo e prender seus integrantes.

Eduardo Homem



A polícia dentro da Volks

Denúncia do REPÓRTER lida nos banheiros da Volks

Soubemos que o presidente da Volkswagen do Brasil, Wolfgang Sauer, mandou comprar centenas de exemplares do REPÓRTER, edição de abril, só porque denunciávamos o nazismo na sua fábrica. Um problema de imagem que ele inutilmente quis preservar.

Mas mesmo com a venda do REPÓRTER estourando nas bancas do ABC, e o maior comprador sendo uma multinacional, nosso jornal foi lido pelos operários da maior fábrica do país. Tinha recortes da matéria em tudo que era banheiro da Volks. E olha que lá tem banheiro, pois são 40 mil operários.

Wolfgang Sauer, tomou uma chupada do presidente mundial da Volks da Alemanha, que ficou até sem jeito. Quem soube dessa bronca foram os cinegrafistas da TV alemã que estiveram aqui no Brasil e me contaram. Eles disseram que lá na Alemanha não se falou noutra coisa. O motivo da tal bronca foi que o chefe da Volks em São Bernardo do Campo permitiu que a polícia la entrasse portão adentro. Ou mais precisamente: ele abriu os portões para que a polícia descesse o cacete. Ficou mal pros olhos do mundo.

Rivaldo Chinem

Ex-motorista de Fleury foi preso por roubo de carros

O ex-motorista do falecido delegado Sérgio Fleury, Adonias Gomes da Silva, foi preso no dia 16 de maio por policiais de Santos, juntamente com mais seis elementos de uma quadrilha que vendia carros roubados em São Paulo no Paraguai. Adonias ao ser interrogado na polícia disse que acompanhou Fleury na Operação Bandeirantes (Oban, ex-DOI/CODI), em trabalhos no Departamento de Operações Internas e Comando de Operações (DOI/CODI) e no Deops. Declarou também ter recebido duas medalhas de "Pacificador", segundo ele, "por ter prestado bons serviços à polícia".

No dia da prisão de Adonias a polícia santista tinha identificado 17 veículos roubados pela quadrilha. Ele mesmo declarou que a quadrilha chegava a roubar até três carros por dia. Adonias foi o último a ser

preso, no momento em que ia fazer a entrega de uma Brasília. Seus comparsas, entre eles alguns bolivianos, tinham sido presos antes.

Segundo a quadrilha, a documentação falsa dos carros vinha do Paraguai, mas eles não entregaram quem era o chefe. Os documentos chegavam, especificando o ano e demais características dos carros, e quando os ladrões saiam para roubar já sabiam qual era o tipo, cor e ano. A quadrilha tinha grande estoque de placas de São Paulo, São Bernardo, São Caetano e Santo André. Adonias adaptava os automóveis para a viagem. De cada vez eram levados de quatro a cinco carros até Foz do Iguaçu, onde os motoristas esperavam instruções vindas do Paraguai. Recebiam 25 mil cruzeiros por veículo entregue.

Rivaldo Chinem

Professora mora debaixo do viaduto

— Toda a vida, meu sonho foi ter uma casa. Tenho vontade de sair daqui, mas o meu marido ganha pouco, 12 cruzeiros por hora, e o dinheiro da roupa que lavo pra fora também não dá. Um aluguel de uma casa custa de 4 a 5 mil cruzeiros. A gente vai agüentando. A realidade é essa. O importante é tá convivendo bem. Não adianta morar num palacete e ficar juntando, separando, brigando sempre. Me considero uma mulher feliz, gosto do meu marido e dos meus filhos.

Por cima da cabeça de Idalina Fernandes Moreira, ex-professora do Mobral em sua terra natal — Carlos Chagas, em Minas Gerais — passam carros em alta velocidade. O viaduto engenheiro Paulo dos Santos Reis começa nas proximidades da rodoviária Novo Rio, cruza a avenida Francisco Bicalho e vai se esticando. Cobre por inteiro todo o comprimento da rua São Cristóvão, deixando-a escura e abafada. E desafoga o trânsito na avenida Brasil. Idalina é mãe de Airã Acilégila, de um ano e três meses e de Walbert Losângellis, de três anos. A família mora embaixo do viaduto há seis meses.

Como você veio parar aqui?

— Estou aqui no Rio há sete meses. Meu marido chegou primeiro. Alugamos uma casa em Xerém, lá na Baixada Fluminense. Não tava dando. A condução cara, distância da cidade e o aluguel de 700 cruzeiros desanimavam. Ele tinha trabalhado na construção desse viaduto e acabamos montando nosso barraco aqui mesmo. Quando faz sol tudo bem, mas quando chove isso molha tudo e morro de medo.

Tim Lopes



Idalina, a professora

ESPERTAS

Velloso e Golbery iam salvar UH

Funcionário do governo que recebeu os recados, garantiu ao REPORTER: no governo do general Geisel, pelo menos seis vezes, o então ministro do Planejamento Reis Velloso e o general Golbery do Couto e Silva, chefe da Casa Civil da presidência da República pediram apoio especial ao jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro. Eles queriam botar lá os anúncios de empresas governamentais. A explicação para as insistentes solicitações, dada pelo mesmo funcionário: "— o governo não tem confiança na aliança feita com o DIA, do Chagas Freitas, e acha o *Globo* já muito identificado como jornal da situação. Eles queriam fortalecer uma outra pu-



Ministro Golbery

blicação diária, que tivesse até umas poses de liberal e pudesse funcionar como o jornal da abertura oficial."

A idéia continua valendo. Quer dizer, não se espantem se a *UH* mudar de cara ou vier de roupa nova.

Luiz Alberto Bettencourt

Atenção Fidel: Este jovem quer ir praí

Recebemos uma carta na redação:

"Há poucos dias eu li o livro *A Ilha*, do Fernando Morais, e na página 23 soube que o governo cubano, através da Confederação Mundial da Juventude Democrática, hospeda filhos de operários em seu território. Tenho 16 anos e gostaria de entrar em contato com alguém que pudesse me informar sobre isto. Gostaria que vocês me mandassem algum endereço de embaixada cubana, em qualquer país, ou algum meio que eu possa utilizar para entrar em contato com pessoas "ligadas" a Cuba". Carlos Frederico da Silva — SP

Carlos mora num bairro periférico, pra lá de Santo Amaro, há umas duas horas de ônibus do centro da cidade. A casa da família é a mais pobre da rua: sala apertadinha, onde cinco pessoas já é aglomeração, quartos, cozinha e banheiro, tudo miúdo. Mas não falta um aparelho de TV, branco e preto.

— Eu quis conhecer Cuba, simplesmente porque agora no Brasil, principalmente no meio estudantil, já se fala muito sobre socialismo, da crise do capitalismo e tudo. Eu queria ter um contato direto com aquela sociedade para eu poder comparar a sociedade socialista com a capitalista. A gente vê pelo livro de Fernando Morais que em Cuba tudo é maravilhoso. Ele foi lá e achou uma maravilha: talvez se eu fosse eu não teria gos-



Carlos Frederico

tado. Eu queria justamente comprovar se é tão bom quanto diz o livro, porque no livro você fica realmente emocionado, você vê que é uma sociedade comunitária, o pessoal é superorgulhoso de revolução, do governo e eu queria ir lá pra sentir o negócio e ver se é aquilo mesmo.

Tem muita gente querendo visitar Cuba às custas do governo cubano, que não é tão rico para pagar todas essas viagens. Só em São Paulo, mais de 300 pessoas estão esperando resposta de lá. Depois que houve alguns indícios de reatamento com Cuba, a viagem já não é tão proibida.

Quer dizer: não há legislação proibindo ninguém de visitar Cuba. Simplesmente não tem avião pra lá porque não há relações comerciais com o Brasil. O único problema é que na volta pode acontecer de a polícia querer saber o que o viajante foi fazer lá, como aconteceu no ano passado com jornalistas e com o compositor Chico Buarque.

Lidia Maria Gurgel

Polícia confunde preços da maconha

As cotações da maconha no Brasil, segundo a Polícia Federal, são realmente surpreendentes. No dia 20 de maio, em notícia publicada na primeira página do *Globo*, ela anunciava ter apreendido 637 toneladas da erva no Maranhão, a maior quantidade da droga já recolhida ao xadrez em todo mundo. De acordo com os eufóricos policiais, o valor da apreensão chegava a Cr\$ 5 bilhões, calculando eles o quilo da maconha a Cr\$ 2 mil no local da plantação e a Cr\$ 20 mil no Rio e em São Paulo.

As informações pegaram o pessoal do fumacê desprevenido. Afinal, ou a Polícia Federal andava fumando demais, ou o quilo da maconha tinha dobrado de preço da noite pro dia: até então ele valia no máximo Cr\$ 1 mil no Maranhão (isso, dizem os entendidos, já é preço de intermediário) e Cr\$

10 mil pros paulistas e cariocas.

No dia seguinte, outra notícia, dessa vez publicada pelo *JB*, aumentava a confusão no mercado: a superintendência regional da Polícia Federal de Alagoas apreendeu 3 toneladas de maconha e calculava seu valor em Cr\$ 3 milhões. Ou seja, o quilo valia Cr\$ 1 mil, a metade da cotação apregoada pela mesma Polícia Federal no dia anterior.

Descobriu-se depois que a Polícia Federal exagerou não somente no preço da erva presa no Maranhão mas também na sua quantidade: na verdade, as 637 toneladas apreendidas foram o resultado de pequenas operações realizadas durante um ano. Trata-se assim de uma soma e não de uma grande apreensão — e a PF agiu como um grande especulador.

Luiz Alberto Bettencourt

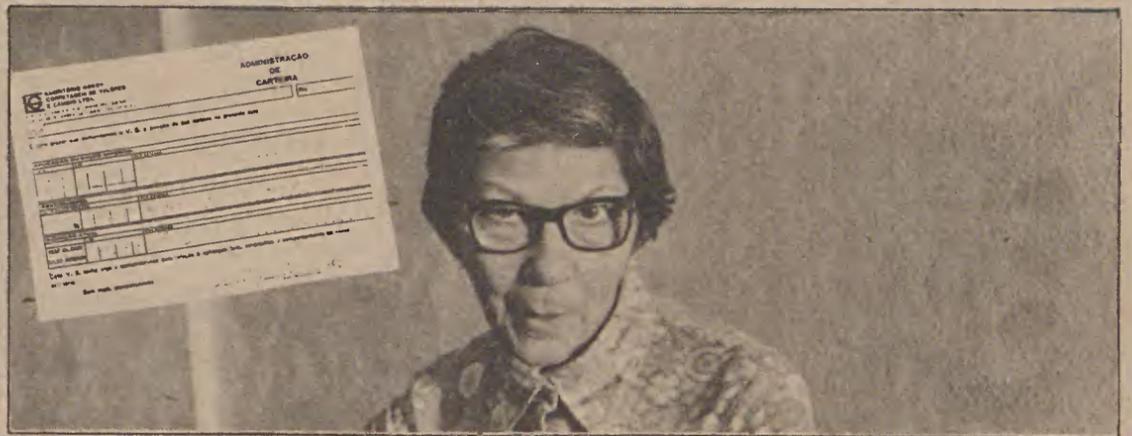
Inspetores da Funabem querem menos trabalho

Os inspetores de alunos do Instituto Padre Severino, da Fundação Nacional do Bem Estar ao Menor, para onde, vão os menores infratores, estão reclamando por melhores condições de trabalho. Segundo eles, as dobras de horário são obrigatórias, sob pena de sofrer três dias de suspensão ou até demissão. Além das 240 horas mensais, têm que fazer mais 40 horas extras, quase não sobrando tempo para passar dias com a família.

Um dos monitores, que compareceu à redação, disse que tem que trabalhar 45 dias para poder folgar um domingo.

— Nós temos que cuidar de menores de alta periculosidade e não recebemos risco de vida. Temos que cuidar dos menores e não nos sobra tempo para cuidar de nossa família.

CJ



Dona Antonia e o recibo do dinheiro entregue à Godoy

Nem SNI ajudou a investidora lesada

Mais uma investidora lesada pela bagunça reinante no mercado de capitais deste país. Dessa vez foi Antônia Augusto Moreira que, em 1972, investiu uma nota preta na Bolsa de Valores através da Corretora Godoy. Logo depois, o Banco Central interveio na dita cuja e decretou a sua liquidação extrajudicial. Resultado: a dona Antônia começou a perambular pelos corredores do Banco Central e da Bolsa pra saber quem ia pagar o seu dinheiro, poupança de "toda uma vida", como ele diz. Sempre com todos os recibos de aplicação na mão pra comprovar o que tinha entregue à corretora, Antonia foi até ao SNI, pedindo uma investigação sobre os mo-

tivos que levaram o Banco Central e a Bolsa a não reconhecer seu patrimônio, acrescido de todos os direitos e correção monetária.

No final do ano passado, Antonia recebeu da Bolsa de Valores uma proposta de acordo, que considerou "ridículo": ela receberia cerca de 70% do que tinha direito em relação aos dividendos e subscrições das ações até 31 de dezembro de 78 e mais o dinheiro que havia posto ao vivo na corretora Godoy em 1972, num total de Cr\$ 93.367,00.

Ora, Antônia, só em dinheiro, tinha depositado na corretora, em 1972, pouco mais de Cr\$150 mil que, com a correção monetária oficial desses 7 anos, daria,

no final de 78, Cr\$ 954 mil. A aplicação do dinheiro na corretora tem recibo mas a Bolsa não reconhece e não quer bancar a dívida de uma corretora, o que é uma responsabilidade sua — o investidor não tem culpa de ela não ter percebido que a Godoy não ia agüentar. Além do dinheiro vivo, Antônia tem ainda um bom patrimônio em ações (quase 1 milhão de Docas de Santos, 462 mil Cimento Aratu, 32 mil Mannes mann, 21 mil Belgo Mineiro, 20 mil Petrobrás, 52 mil Rio Grandense e outras menos cotadas) que anda em torno de Cr\$ 1 milhão. Tudo isso retido nos cofres da Bolsa.

Luiz Alberto Bettencourt
Lucilla Braga.

ESPERTAS

CULTURAIS



A história do bispo que não batiza opressor

O jornalista Edilson Martins está lançando o seu segundo livro, desta vez pela Graal: "Nós, do Araguaia", da maior importância para quem quiser sentir a problemática da prelazia de São Félix do Araguaia, em Mato Grosso, onde o aparentemente frágil dom Pedro Casaldáliga, briga, ao lado de grupo de outros abnegados, pela população local e contra os exploradores da região. E que mostra bem de que lado está, negando-se inclusive, a confessar ou batizar "opressor, repressor ou puxa-sacos de ambos". E explica:

— Você tem que compreender que não somos nós que negamos. Eles é que se negam. Nós exigimos uma comunidade. Quem não é da comunidade, recusa esse compromisso, se coloca contra ela.

O livro abre com a morte do padre João Bosco Penido Burnier, assassinado dentro da delegacia de Ribeirão Bonito pelo soldado Ezy Ramalho Feitosa, com um tiro na cabeça.

No dia 11 de outubro de 1976, Casaldáliga foi à delegacia, em socorro de duas mulheres que estavam sendo torturadas. João Bosco resolveu ir com ele. Agressões, acusações ("cala a boca padre safado, padre comuna") e um tiro na cabeça de João Bosco. Bala dum-dum, calibre 38.

E tem toda a história do povo do Araguaia, entre Pará e o Xingu, entrando pelo Estado de Goiás. Uma área de 150 mil quilômetros quadrados, paraíso do latifúndio, onde "novos proprietários, procedentes dos grandes centros, sem nenhum vínculo com a região, chegam, se instalam e implantam o terror.

Nessa tarefa são ajudados por seus jagunços, recrutados entre os diferentes segmentos sociais marginalizados e muitas vezes pelas polícias estaduais. A tarefa primeira é invadir a terra do posseiro derrubar sua casa, incendiá-la, destruir as roças, descaracterizar enfim, a ocupação".

A terra da lei do mais forte, prato feito para quem está acostumado a ganhar no grito. Região onde as multinacionais estão chegando, tomando conta e mandando.

A capa é de Maurício Veneza.

Chico Júnior



Especulação ataca também em Canoa Quebrada

Pescadores e mulheres que fazem labirinto, habitantes de uma belíssima praia do Ceará — Canoa Quebrada — são os personagens vivos do novo livro de Wanda Figueiredo: Aqui Canoa Quebrada.

Como em seus outros livros — Aqui Rio e Aqui São Paulo — Wanda faz uma montagem de conversas informais em que as pessoas falam de suas vidas. Sem ponto, sem vírgula, sem maiúscula. Apenas espaço-tempo entre as frases.

Mas este é absolutamente diferente dos anteriores, que mostram habitantes de grandes cidades. Pela primeira vez, a jornalista viveu entre pescadores que enfrentam continuamente a fome.

A aldeia, descoberta por

centenas de turistas brasileiros e estrangeiros, fascinados pela belíssima praia cearense — onde o carro ainda não chegou — já atraiu também a especulação imobiliária. E já apareceram donos de terra, ameaçando a gente humilde: Um drama que o livro mostra bem.

O lucro deste livro, de forte conteúdo humano, será totalmente revertido pela autora para a aldeia. E sua distribuição se fará especialmente pelos amigos de Wanda. Nas livrarias, apenas será encontrado na rede Entrelivros.

Sérgio Danilo

Na Baixada é tudo limpeza

— A Baixada Fluminense não é uma pocilga, não é uma lixeira como pintam. Ela também tem sua gente, sua cultura. É por isso que estamos tentando fazer uma revista que mostre quem somos, nossa luta.

Quem dá o recado é Luiz Ferrão, editor da revista *Equipe*, o único suplemento cultural da Baixada. A publicação, tipo revista, é mensal e tem uma tiragem de 1.500 exemplares, distribuída nas bancas de Nova Iguaçu, Nilópolis e São João de Meriti. No mês de julho sairá um número especial com trabalhos em prosa de vários autores fluminenses, entre eles, o escritor maldito Antônio Fraga, Rodolfo Quaresma Filho, Neiva

A poesia dos porretas de Brasília



Esquadrão da Morte/ o supermercado dispara/ a televisão dispara/ o político dispara/ a construção civil dispara/ o imposto dispara/ a lei dispara/ a educação dispara/ a saúde dispara/ o salário dispara/ o patrão dispara/ a madame dispara/ a religião dispara/ a embriaguês dispara/ o transporte dispara/ o povo morre crivado de balas na praça pública.

A poesia é do Clímério que consta do livro *16 Porretas*, uma coletânea de poesias editado por um grupo de jornalistas de Brasília, entre eles Luiz Artur Torfio, Eduardo Mancasz e Carlos Marchi.

Tim Lopes



1º de Maio cultural na rua

A Vila Brasil, Zona Norte de São Paulo, teve este ano um 1º de Maio diferente. A população pôde assistir nas ruas vários espetáculos de música, teatro e poesia, organizados pelo Centro Cultural da Zona Norte, integrado pelos grupos Dari Luzio, Barreleta, Garage,

Sarabanda e Zarabatana. Um dos espetáculos foi a teatralização do poema Operário em Construção, de Vinícius de Moraes. Na foto, o patrão (de cartola) conversa com o operário.

Alex Solnik

Psico-síntese faz exposição fotográfica

A Sociedade de Psico-Síntese do Rio de Janeiro, com o apoio do Sindicato dos Médicos e do REPORTER, realizará no dia 28 deste mês uma exposição de Fotografia e Pintura, com trabalhos de Américo Vermelho, Chiquito Chaves e Custódio Coimbra (fotos) e Rozane Cantanhede (pintura).

Fundada há um ano, a Sociedade de Psico-Síntese tem como proposta desenvolver um trabalho de assistência médica, cultural e psico-social, principalmente com a classe social carente. A exposição será realizada no 11º andar do Sindicato dos Médicos (avenida Churchill, 97)

Tereza Ribeiro

EQUIPE UMA REVISTA DE IDEIAS, INFORMAÇÕES E ARTES

NEY ALBERTO AFIRMA

NOVA IGUAÇU É TERRA DE FROUXOS

Falando de Greve

O Subúrbio nosso de cada dia

Rodrigues, Sá do Amaral Júnior, Armando Alves Filho. Ilustrações de cartunistas da Baixada.

Tim Lopes

Professores enganados pelos patrões

A vitória do movimento grevista dos professores do 1º e 2º graus da rede de ensino particular do Rio de Janeiro foi embananada pela intransigência do Sindicato Patronal, que se recusou a cumprir as decisões do Tribunal Regional do Trabalho, que, apesar de "decretar a ilegalidade da greve", deliberou em favor das justas reivindicações de melhor salário e melhor ensino do professorado. Mas os patrões se recusaram a aceitar a decisão da Justiça, que dava aos professores um aumento de 84%. Segundo os cartolas do ensino, esse aumento **subverte** a política salarial do governo. Por isso, acharam que não devia pagar um centavo a mais do índice oficial de 44%.

O Sindicato Patronal orientou as escolas para não pagarem o aumento, "ao mesmo tempo em que usam abusivamente o espaço da Grande Imprensa para criar situações confusas", como denunciou Francílio Paes Leme, membro da diretoria do sindicato dos Professores.

Francílio faz um balanço do movimento e da atuação do Sindicato.

— A nossa situação reflete uma característica geral da sociedade brasileira, depois de 15 anos de arbítrio. Todo movimento tem um pique (a greve), após o qual a categoria sente dificuldade em manter sua continuidade. Surgem tarefas mais difíceis, como consolidar o grau de organização alcançado na luta e avançar esse grau, quantitativa e qualitativamente. Isto representa para nós, democratizar a estrutura do sindicato. Nosso sindicato ainda não é plenamente representativo, nós ainda trabalhamos em cima de uma estrutura ultrapassada, deixada pelas gestões anteriores, que não nos possibilita canalizar todos os ganhos da greve, em termos de organização. Há duas medidas urgentes para superarmos este quadro: sindicalização em massa e fortalecimento das zonais, (espécie de delegacia sindical), que foram a maior conquista da greve. Para isso, elas devem estar dentro das escolas, discutindo com os professores as questões principais do movimento, e elegendo ali seus representantes. É essa discussão que devemos levar com todos os professores: a organização democrática da categoria. O que os patrões mais temem é nossa organização, que eles tentam impedir de todas as maneiras enfraquecendo as conquistas do movimento e do Sindicato.

Enio Oliveira

SINDICAIS

Motoristas de Recife surpreendem empresários

Recife amanheceu sem ônibus no dia 31 de maio. Motoristas e trocadores, para surpresa de autoridades e patrões, organizaram a greve na madrugada de quarta para quinta-feira, em protesto contra uma manobra dos proprietários das empresas e do diretor da Delegacia Regional do Trabalho, que anunciaram a realização de um acordo e a conseqüente suspensão do movimento grevista, que vinha sendo preparado há dois dias.

Quando os trabalhadores souberam, às 20 horas de quarta-feira, que a reivindicação de aumento salarial de 80% não seria atendida, articularam-se nos terminais dos ônibus e conseguiram interromper totalmente o transporte coletivo no dia seguinte.

Claro que a greve não foi tão pacífica quanto gostariam autoridades e patrões. O pau comeu solto em diversos pontos do grande Recife. Era só aparecer um ônibus na esquina e tome pedra, e prego pra furar pneu. Até uma parte da rede dos ônibus elétricos foi arrancada no centro da cidade.

Debaixo da justificativa de que o quebra-quebra era provocado por subversivos e desocupados, a PM baixou o cacete. Até um oficial do exército, à paisana, andou levando os seus cascudos, enquanto não conseguiu se identificar. Identificado, os autores da agressão se desfizeram em desculpas, tinham confundido o oficial com um cidadão comum.

Enquanto isso aconteceu na avenida Guarárapes, um coronel da Polícia Militar justificava, pelo rádio, a ação dos seus comandados falando

de suas prioridades:

1. Proteger a propriedade;
2. Dar garantia aos fura-greves que quisessem trabalhar;
3. Dar segurança aos passageiros.

Ao mesmo tempo, o diretor da Delegacia Regional do Trabalho afirmava que a greve era "totalmente ilegal", com o que concordavam unânimes os proprietários das empresas de transporte. Para Félix, motorista transformado em líder do movimento, pois o sindicato da classe tirou o time de campo, importa pouco que a greve seja ilegal. Ele diz que trabalha mais de doze horas por dia e ganha, com hora extra e tudo, uma base de Cr\$ 3 mil. E pergunta ao repórter: "A fome que eu e minha família sentimos é legal?"

A pergunta ficou no ar. Como ficou também na expressão do guardinha que fazia parte da guarnição da PM que dava segurança no Varadouro, em Olinda. Em pé desde a manhã, lá pelo meio dia ele entrou em um botequim, onde todo mundo comentava a greve. Pediu um copo d'água e, enquanto dava seus palpites, olhava pra lista de preços da SUNAB. Pediu meia sopa, o prato mais barato, que custa cinco pratos. Tinha acabado. Continuou a conversa e a pesquisa dos preços. Depois de quase meia hora, que devia ser o tempo do seu almoço, o guardinha pediu mais um copo d'água, bebeu com a maior vontade e voltou pro meio da rua cumprir as prioridades do coronel. Com a barriga vazia.

Eduardo Homem



A posse da nova diretoria do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro

Foto de Custódio Coimbra

Banqueiro: abra o cofre!

Os 8.412 votos, que no pleito de 14 a 18 de maio, garantiram a vitória da Chapa 2 para a diretoria do sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, mostram como de nada adiantaram as manobras da antiga situação (Chapa 1), para evitar que a entidade tivesse uma diretoria representativa da categoria e disposta a fazer um sindicato forte e democrático.

Com um programa para organizar a categoria pela base, através de comissões por empresa, para assim garantir a unidade e força nas lutas a serem travadas, a atual diretoria do Sindicato dos Bancários tem como meta imediata organizar a próxima campanha salarial, que tem setembro por data base.

Segundo Jorge Luiz Pacheco, um dos delegados representantes da diretoria, há grandes possibilidades de se fazer uma boa campanha salarial, isso porque, além da organização nos bancos, que já apresentam alguma mobilização, a chapa pretende abrir o sindicato à participação da categoria em seus departamentos, ampliando assim as discussões em torno do dissídio.

Em relação à predisposição da categoria para participar desses debates, Jorge afirma que tiveram uma prévia na época da campanha eleitoral:

— Como a campanha das eleições correu junto com a do abono de 30%, a gente via muita gente discutindo o assunto nos locais de trabalho. Quando conquistamos os 20%, a mobilização esvaziou um pouco porque ficou em torno só das eleições. Mas achamos que, na medida em que voltamos com a questão de salários, principalmente quando uma das lutas é não permitir o desconto desses 20% em setembro, a mobilização será grande e teremos meios de realizar uma boa campanha.

Empossada no dia 29 de maio, a diretoria efetiva: Ivan Martins Pinheiro, Aury Gomes da Silva, Antônio Timóteo Neto, Altair Vaz Fragelli, Degerando de Medeiros Ferreira, Zola Xavier da Silveira, João José dos Santos, Edmilson Martins de Oliveira, Luís Antonio de Oliveira e Souza, José Airton de Amorim, Mário Sérgio de Carvalho e Jorge Luís Pacheco.

Vera Lúcia Dias

Operários repudiam pelegos

A Assembléia Geral Extraordinária dos metalúrgicos da Companhia Siderúrgica Nacional (Volta Redonda), realizada no dia 20 de maio, para discussão das cláusulas do novo acordo coletivo que foi proposto à CSN, serviu também para uma intensa manifestação de repúdio à atual diretoria do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Barra Mansa, Volta Redonda, Resende e Barra do Piraí, que tem como presidente Waldemar Lustoza Pinto, considerado pelego pelos operários.

Os diretores do sindicato, quando tomavam a palavra, eram interrompidos pelas vaias.

Após 6 horas de discussão, seis propostas foram aprovadas por unanimidade e encami-

nhadas aos Diretores da CSN dois dias após a realização da Assembléia:

1 — Reajuste de 65%, sobre os salários vigentes, sem a compensação do percentual concedido em janeiro passado, não se considerando o erro na apuração do índice salarial à partir de 1973, que só neste ano atingiu 34,1% (dados da Fundação G. Vargas); 2 — Piso-salarial de Cr\$ 6.000,00 (seis mil cruzeiros); 3 — Taxa de insalubridade do portão adentro; 4 — Semana de seis dias de trabalho nos turnos; 5 — Remuneração de horas extras em 100%; 6 — Pagamento da indenização do tempo anterior a 1967, optantes ou não.

A CSN respondeu que ia encaminhar o pedido ao governo.

Jefferson Ribeiro de Andrade

Cartas de Amor



Nesta parte da seção de Leitores, REPÓRTER vai publicar cartas de amor. Mande-nos cópia de alguma que você tenha escrito a uma pessoa amada. Junte o seu nome e endereço. Não precisa revelar o destinatário.

A existência do homem me comove, ao mesmo tempo que suga do meu coração qualquer esperança boa. Não porque não acredito mais no ser humano. Acredito em muitos homens e mulheres. Mas é porque o dia a dia deles está terrível. Cada barco envolvendo seus marinheiros numa fé isolada e sem perspectivas de transformação. Transformar a terra nua em plantações. Transformar a vida isolada de família constituída para uma vida conjunta. Transformar o conhecimento em saber para as gerações que vão aparecer por aí. E por aí vai. Cada coisa estaticamente em seus lugares, isso é o que me aborrece profundamente.

Porque afinal de contas isso inclui muitas injustiças. Afinal de contas isso inclui a desgraça que vemos por aí. Por que só a desgraça pode fornecer bem estar para alguns? Por que não é melhor alguns cederem o que tem para que se supere a desgraça social? Tão bonzinhos seriam se cedessem... Mas com certeza você me acariciaria o rosto e diria que sou muito ingênua. Não sou não, é só minha forma de colocar. Detesto os chavões políticos e acho que eles não comunicam mais.

Engraçado, queria escrever uma carta de amor aproveitando sua viagem. Aproveitando uma sensação de paz e amor que me pegou de surpresa no meio do meu dia de trabalho.

É assim a gente hoje, falar em amor é falar de transformação. Falar em paz é se esquecer da tensão e relaxar. Pensar em ti. Pensar que o

homem em que falo não é propriamente você e amar você inteiramente como é. Mas acho que o amor hoje não é mais poético. Ele é revestido por uma capa de problemas e inseguranças sociais muito comprida e impermeável. Só quem entra na chuva sem ela é que pode gozar. Tudo hoje em dia são uns poucos. São uns poucos que comem filet mignon. São uns poucos que tem capa de chuva e galocha. São uns poucos que gozam ao lado do amor como eu.

Você me traz felicidade, me sinto alegre agora. Lembrei da chuva e do seu sorriso que, com certeza, está no rosto ao ouvir isso. Lembro de uma casa afastada e apenas nós presentes um para o outro. Fico completamente romântica. E sorrio, e te desejo e penso de maneira gostosa em nós.

Você tem razão. Não é preciso haver "motivos" para querer uma pessoa. A gente apenas se satisfaz com ela. Apenas? Eu e os meus complexos de coisas puras e transcendentes, de essências para o ato de amar. Abaixo só com isso! Viva o corpo que a gente trepa, viva o coração que a gente toca, viva o amor que a gente pega. Só esses podem nos ver gozar. O mar só nos machucará se houver dor guardada dentro da gente, frustrações, fora isso as ondas são de extrema graça para os embalos de sábado à noite. O mar é um alívio e toda a vida por vir ainda na nossa juventude é estupidamente grande e numa onda crescente. Só pega quem tá em baixo. Só engole quem foge dela.

Amor, o que é um pedido? O que será dizer pra você que te desejo toda a felicidade desse mundo e que quero que seja muito feliz? É um monte de bobagem de dias de festas. O dia a dia é diferente. Não te desejo nada.

Pretendo estar junto contigo nas suas ambições, nas suas lutas, nos cuidados e afazeres de cada dia. Pretendo cultivar em você confiança. Aprofundar nossa relação em alguma coisa boa e funda prá nós dois. Funda e gostosa já que o buraco que é mais em baixo achou-se com tanto sabor e satisfação. Pretendo ser uma companheira alegre. Pretendo te pedir alegrias. Muitas alegrias e brincadeiras a cada noite. E só saber te falar de manhã, um bom dia prá você.

Que você chegue logo de viagem!

De Clarice Niskier
Para Ênio Oliveira



Operário confirma escravidão na Volks

"Fiquei satisfeito com a matéria publicada sobre a Volks, embora sejam alguns fatos ocorridos no passado. Mas eu gostaria de contribuir para que fossem publicados dados atuais.

Sou funcionário aqui há cerca de 18 meses e já foi tempo suficiente para perceber a nojeira que é a política e a administração dessa companhia.

O operário que aqui trabalha é tratado como escravo, principalmente aquele que precisa tirar a produção, o chamado "peão".

Há pouquíssima diferença da escravidão que vivíamos no século passado e a que vivemos hoje aqui.

Para que tenham uma idéia, o "peão" teve reduzida de uma hora para 45 minutos o seu horário de refeição. Usaram o seguinte como justificativa: "agora vocês podem sair 15 minutos mais cedo para que tenham mais tempo para ficar com a família".

A lei exige que a cada 6 horas de trabalho o empregado tenha pelo menos uma hora para refeição e descanso. Não bastasse isso os "peões", pobres escravos, são praticamente obrigados, sob pena de dispensa, principalmente os que possuem mulher e filhos, a trabalharem uma hora a mais em regime de hora extra.

Os mensalistas não são tratados diferentes. É normal ouvirmos gritos de supervisores, como que querendo dizer "quem manda aqui sou eu", mas que na realidade todos sabem que só estão aqui de favor, fúgitivos.

Como ficaram parados quinze dias por causa da greve estes porcos resolveram aumentar a produção

diária para que no fim do ano o executado coincida ou ultrapasse o previsto.

Todos sabemos que o brasileiro é analfabeto, mas como podemos ter um povo culto, instruído, se ele trabalha em dois e até três turnos? Quais as condições para que haja progresso?

Um amigo meu, quando interpelado pelo chefe se poderia fazer horas extras, disse que não, porque tinha aula na faculdade. O chefe, então, quis saber o que ele estava fazendo e quanto tempo ainda iria estudar e ele respondeu.

— Bom, eu faço Engenharia e tenho mais dois semestres pela frente, mas pretendo fazer mais uma faculdade.

O chefe, com cara de quem comeu e não gostou, disse-lhe:

— Não esqueça que você trabalha na Volks.

Senhores como poderemos ter um povo culto desta forma?

Nós, "mensalistas", podemos faltar ao serviço, que não teremos as horas descontadas, porém essas horas têm que ser compensadas depois do expediente ou aos sábados.

Se você chega 5 minutos atrasado, tem que compensar 15, mas como não há compensação de 15 minutos, então você é obrigado a compensar 30 minutos.

Nós trabalhamos por um salário de 30 dias, porém durante o ano, nos meses de janeiro, março, julho, agosto, outubro e dezembro nós trabalhamos 31 e recebemos 30.

O restaurante fica longe e você se apressa para não pegar fila, almoçar e dar tempo de voltar ao setor no horário. É corriqueiro pes-

soas se queixando de dor no estomago, pela comida que é servida e porque você é obrigado a engolir sem mastigar.

A sujeira nos setores e banheiro é inversamente proporcional ao número de sanitários e faxineiros disponíveis.

A proteção para com os alemães e filhos de alemães é muito grande. Chega-se a equiparar um Engenheiro, não importa onde seja formado, a um alemão qualquer, sem escolaridade. E os nossos anos de sacrifício onde é que estão?

Há, ainda, setores na produção em que o barulho chega a 100 decibéis e o trabalhador não usa nenhuma proteção, sem falar dos atropelamentos por empilhadeiras e tratores que parecem estar numa pista de corrida, pois a produção precisa sair". (José Vieira de Jesus — Santo André-SP)

Em sessão plenária desta câmara, o vereador Murilo Leite, da bancada do MDB, ocupou a tribuna para registrar seu repúdio pelos métodos de repressão empregados pela Volkswagen do Brasil para com os seus trabalhadores. Na oportunidade, o vereador reportou-se à excelente matéria publicada no REPÓRTER, de autoria de Rivaldo Chinem, com os depoimentos do líder metalúrgico Luiz Inácio da Silva e um ex-funcionário daquela empresa, em que denunciavam a repressão daquela indústria". (Rubem Paulo de Amorim, primeiro secretário da Câmara Municipal de Salvador, BA).



No número 16, dois jornais de bairros aí do Rio são anunciados: Alavanca e Boletim dos Bairros. Queremos os endereços dos ditos para trocarmos publicações. Espero que a ponte seja feita pelos companheiros". (Fernando Rosa, assessor de imprensa da Federação Rio Grandense de Associações Comunitárias e Amigos de Bairros (FRACAB), Porto Alegre).

• A Fracab, que faz o pedido, edita no Sul o Boletim dos Bairros, cujo endereço é: Altos do Mercado, sala 119, Porto Alegre. E os endereços solicitados são os seguintes: Boletim dos Bairros Rua Senhor do Bonfim, 90, Camboatá, Rio de Janeiro, RJ.

Governo apoiou mesmo o terrorismo do CCC

"Li a reportagem do REPORTER n° 15 sobre o CCC e sua atuação em São Paulo em 1968. Naquela época, eu era estudante da Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo situada próximo à rua Maria Antonia onde se deram os acontecimentos que culminaram com a destruição do prédio da Faculdade de Filosofia pelo CCC e pude acompanhar os fatos de perto.

Através de documentos do meu arquivo — os quais seguem anexo — e mais especificamente de um artigo de minha autoria para o jornal do Centro Acadêmico Visconde de Cairu (da Faculdade de Economia) descrevendo os acontecimentos daqueles dois dias, creio que ficará claro o acobertamento que a polícia e o Governo do Estado deram ao CCC.

"A Imprensa insiste em caracterizar os acontecimentos como sendo uma rixa entre estudantes da Faculdade de Filosofia e do Mackenzie. Mas os fatos são bem mais graves.

"Tudo começou quando universitários e secundaristas realizavam, na rua Maria Antônia, pedágio com o fim de recolher fundos para a realização do 30º Congresso da UNE-União Nacional dos Estudantes. Enquanto promoviam o pedágio, os estudantes foram agredidos com ovos e pedras partidos do prédio do Mackenzie. Deve-se deixar claro que essa agressão não foi ocasional mas fazia parte de um plano visando a impedir a realização do Congresso da UNE.

"Com o revide aos ataques teve início a batalha de pedras e caramurus, que durou um dia inteiro. No segundo dia de luta tudo ficou mais claro. O CCC, organização terrorista, paramilitar, ocupou o prédio ao lado do Mackenzie, com a intenção de destruir a Faculdade de Filosofia. Com armas privativas do Exército — esta denúncia está no jornal "O Estado de SP" —, com bombas de gás lacrimogêneo — fato também documentado pela imprensa — passaram à agressão, com a cobertura da polícia. Os estudantes da faculdade de Filosofia, ajudados por secundaristas, estudantes de outras da USP, professores

e, inclusive, mackenzistas, improvisaram defesas para responder à agressão.

"Ao cair da tarde, os assassinos do CCC passaram a jogar bombas incendiárias sobre a Filosofia, os bombeiros tentaram entrar pela porta principal mas foram apedrejados de cima do prédio. Vendo que a faculdade estava sendo destruída seu diretor — prof. Ervin Rosenthal — pediu aos alunos que evacuassem o prédio, no que foi atendido; comunicou o fato ao governador e pediu que a polícia interviesse prontamente pra evitar a destruição de um patrimônio do Estado.

"O Secretário da Segurança Pública, Helly Lopes Meirelles, prometeu atender, mas, passadas duas horas, com a Faculdade de Filosofia totalmente vazia e a polícia a apenas 100 metros do local, nenhuma providência havia sido tomada. Pudemos testemunhar o instante em que o deputado federal Israel Dias Novaes telefonou da Faculdade de Economia para o secretário da Segurança Pública, exigindo providências imediatas e ameaçando denunciar o fato na Câmara Federal.

"Ao ver que não encontravam resistência policial, os assassinos do CCC incendiaram a entrada principal da Faculdade de Filosofia, com foguetes afastaram a multidão que estava próxima e, ao som do Hino Nacional hastearam a bandeira brasileira. A polícia, já no local, nada fez. Porém, aproximadamente 300 pessoas que se encontravam nas proximidades, vaiavam e atiravam pedras nos agressores. Nesse momento a polícia agiu prontamente, perseguindo a multidão.

"Mais de 100 pessoas refugiaram-se na Faculdade de Economia, próxima ao local, e trancaram a porta de entrada. Os policiais abriram-na com rajadas de metralhadoras, invadiram a faculdade, atiraram bombas em todos os andares, quebrando portas, prenderam indiscriminadamente as pessoas que lá se encontravam — inclusive professores — e violaram o arquivo de Centro Acadêmico Visconde de Cairu".

(Fausto Alves Barreira Filho, São Paulo, SP)

O policial prende os mais perigosos criminosos, desvenda os mais misteriosos crimes e, no entanto, tudo aparece na Justiça como por encanto, pois o policial não presta depoimento em Juízo sobre esse importante trabalho.

A Justiça somente faz questão de tomar o depoimento do policial como indiciado, nunca como testemunha,

Tal procedimento se constitui num grande desestímulo aos policiais, chegando a ser o maior responsável pelos maus serviços prestados pelas polícias deste Brasil.

Que a Justiça passe a dar mais valor ao trabalho do policial, ouvindo-o em Juízo sobre o seu dia a dia, onde o policial aparece como grande herói, para que, com esta medida, tenhamos uma polícia mais eficiente". (Sérgio José Toniolo — Porto Alegre/RS).

Geisel atrasa vida dos jornalistas

"Centenas — talvez milhares — de jornalistas estão legalmente impedidos de exercer a profissão, devido o Decreto n° 83.284, de 13 de março de 1979, que estabelece, entre outras coisas, no artigo 4º, a obrigatoriedade da apresentação do diploma de curso superior de Jornalismo para requerer-se o registro no órgão regional do Ministério do Trabalho, sem o qual é impossível ao jornalista exercer sua função.

Parece, portanto, que o ex-presidente Geisel, autor do decreto, esqueceu-se de que, no Brasil, após a ce-

rimônia de formatura, os formandos são obrigados a esperar pelo diploma por 6 meses, um, dois, ou mais anos, dada a rapidez com que operam as delegacias regionais de ensino e os órgãos do MEC encarregados do registro do diploma.

Nós, vítimas desse decreto, exigimos a rápida solução de Brasília, pois não é justo sermos marginalizados dessa forma. Poder-se-ia escrever páginas sobre os absurdos da medida, mas eles são tão óbvios que dispensam comentários. Pergunto apenas aos burocratas de Brasília: se não podemos trabalhar em nossa profissão, o que devemos fazer pra manter nossas famílias, para pagar o crédito educativo, etc.?" (Marcelo Simões Nunes — Itaim Bibi, São Paulo SP)

TEMIS QUER SOPRAR A MORDIDA

"Quero respeitar a sua contestação, em primeiro lugar, mas quero também que minha opinião seja respeitada. É um direito que tenho. Acho que não fui bem entendida.

Eu sei perfeitamente qual a origem da marginalidade e que ela só será eliminada quando nossa sociedade se transformar. E partindo de onde, caro Gabriel, ela se transformará?

Acaso se nós tivéssemos em nosso meio, lutando conosco, os grandes homens que, ou estão exilados, ou nos presídios, ou mortos, já não teríamos uma sociedade mais humana? Claro que sim, você sabe muito bem que sim.

Dentre as matérias que sugeri, é lógico que drogas, seria para melhor orientar essa juventude desprotegida, desorientada e até estimulada para o vício, porque o jornal com seu poder de comunicação, exerce uma influência muito grande.

Eu não quero "mundo cão" e você deve saber muito bem, pela formação que você tem, que na China não há isso.

Não vejo nada de contradição em mim, pelo contrário, acho-me muito coerente. Não sou elitista, até detesto esta palavra. E no meio em que vivo posso considerar-me da elite, mas não gosto dela nem um pouco, muito menos de suas futilidades, hipocrisias, repressões, etc... Prefiro ser eu mesma, sozinha, independente do meio.

Eu fico com anistia em primeiro lugar para os grandes homens, porque eles removerão montanhas, eles lutarão pela conscientização dos nosso povo, pela justiça,

social, salvarão a nossa juventude, principalmente a universitária, que está muito alienada. Eu também sou universitária, cursando pela segunda vez um curso desse nível, sou professora, mãe de duas meninas, com um salário de Cr\$ 3 mil, que mal dá para estudar, quanto mais subsistir, se fosse preciso. Mas trabalho com ardor porque isto é importante para mim.

Marginal é povo, mas ele precisa de quem lhe dê a mão, de quem o regenere, reintegre-o na sociedade que o gerou. Ele sozinho, com anistia, o que fará ao sair da prisão? Voltar para o crime. Eu sei que ele não tem culpa disso, ele foi estruturado para ser marginal devido às suas condições sócio-econômicas.

Eu também quero deixar aqui o meu apelo para se reestruturar o regime penitenciário, criar lá dentro condições de reintegrar, de reabilitar essas pobres criaturas para serem aceitas aqui fora. Não só aceitas, mas que encontrem condições de trabalho com uma remuneração digna.

Os direitos humanos, para mim, está em primeiro plano. Todo marginal tem que ter seus direitos assegurados, quanto mais um preso político. E quanto à IN JUSTIÇA, sei que sou muito justa, talvez tenha sido influenciada pelo meu nome, pois Themis é a deusa da Justiça. (Temis Monteiro — Itapeva, MG)

• Para quem não entendeu direito a carta, a história é a seguinte: a Temis mandou uma carta para nós, publicada no número 15, na qual exculhambava o REPORTER, dizendo, entre

outras coisas, que o jornal é mundo cão demais para o gosto dela. No número seguinte, publicamos a carta do Gabriel Roberto Nobre dos Santos, que sai em nosso favor, chama a Temis de elitista e diz que o objetivo do REPORTER é a democracia e, sendo assim, "nada melhor do que mostrar os tumores malignos dessa sociedade". E agora a Temis está respondendo ao Gabriel e à Marcia dos Santos — ver carta abaixo.

MUNDO CÃO MORDE MESMO

"Li o número 15 e adorei, tanto que aproveitarei o ensejo para discordar com a leitora da página n° 29 (Temis D.F. Monteiro, R.J.) no qual ela diz: (" — Eu não assino Jornal para ler crimes, assaltos etc... Não é Jornal para o meu nível de conscientização").

É quando a verdade é exposta sempre há um cômico, lógico que para esses o mundo é sempre um verdadeiro "mar de rosas", óbvio estes devem viver eternamente na mordomia. Este jornal está, corretamente, expondo o mundo lá fora, digo fora da mordomia, como dizem as pessoas mais antigas " — Não adianta, querer tapar o sol com a peneira".

O mundo cão não são todos que conhecem, perfeitamente sem superficialismo. E o papel deste jornal tem sido exatamente isto, mostrar o real mundo cão. Sei que aqueles que não gozam da mordomia irão concordar da minha concepção. (Márcia S.A. Santos, Rio de Janeiro, RJ)

CHEGA AO
FIM ACORDO
DE CAVALHEIROS

Supermercados aumentam tudo depois do dia 18

Quem quiser economizar um bom dinheiro, faça suas compras nos supermercados antes do dia 18, prazo em que termina oficialmente o congelamento dos preços determinado pelo governo. Depois prepare-se para a exploração de aumentos que vai saudar o fim do acordo de cavalheiros entre os empresários e as autoridades.

Nos produtos que certamente subirão de preço estão a margarina e a esponja de aço "Bombril", que os supermercados não puderam aumentar, apesar de o Conselho Interministerial de Preços (CIP) ter autorizado alta para os grandes atacadistas pouco antes daquelas medidas do governo contra a inflação.

Com isso, durante esses dois meses, os varejistas vêm sendo obrigados a vender esses produtos com menos lucros e, após o dia 18, tentarão recuperar o prejuízo. No Ministério da Fazenda ninguém consegue saber de nada a respeito da nova escalada do custo de vida e os assessores do Ministro evitam comentários mas todo mundo sabe que o governo não tem meios pra impedir que as mercadorias vendidas pelos supermercados sejam reajustadas na segunda quinzena de junho. É que o congelamento dos preços foi um acerto de boca e a Sunab, que fiscaliza a transação, não podia nem multar as empresas

que não o respeitassem. Ela fazia apenas ameaças veladas de atrapalhar a vida (dificultando importações, cortando crédito nos bancos oficiais, por exemplo) de quem saísse fora do acordo.

Os consumidores, entretanto, não estão apenas à mercê dos donos de supermercados; eles sofrem também com os desentendimentos entre os ministérios da área econômica do governo. Em relação a carne e ao óleo de soja, dois produtos importantes no orçamento doméstico, essas brigas são visíveis. Em meados de maio houve uma campanha deflagrada pelos ministérios da Agricultura (Delfim Netto) e do Planejamento (Mario Henrique Simonsen) anunciando o aumento do preço da carne para junho. O Ministério da Fazenda (Karlos Rishbieter) desmentiu e conseguiu ganhar o primeiro "round", adiando para julho o reajuste.

No último dia 30 de maio, entretanto, o Ministério do Planejamento voltou a afirmar que o produto subiria de preço, dando inclusive o percentual e a data em que ele passaria a vigorar: 24,7% a partir de 1º de julho.

Novamente os técnicos do Ministério da Fazenda desmentiram a notícia, afirmando que somente durante o mês de junho seriam discutidos o índice e a data do aumento.

Já no óleo de soja, a briga é mais monótona, com uma política de empurra-empurra entre o ministério da Fazenda e o Ministério da Agricultura. A Assessoria Econômica do Ministério da Fazenda jura de pé junto que, no início de maio, enviou autorização à Sunab para aumentar em 15% o preço do óleo. A Sunab — que coisa estranha — nega ter recebido qualquer autorização.

Enquanto as autoridades não chegam a um acordo, uma lata de óleo de soja chega a Cr\$ 38 no câmbio negro. E depois do dia 18 as coisas vão piorar muito.

Moema Coelho

